



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023, 2024 E 2025  
Reportagem Econômica

# MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio  
Porto Alegre, quinta-feira, 11 de junho de 2026

4ª temporada - 2026

4ª edição

Região Norte  
Noroeste Colonial  
Fronteira Noroeste  
Missões  
Nordeste  
Celeiro  
Produção  
Médio Alto Uruguai  
Rio da Várzea  
Alto da Serra do Botucaraí  
Alto Jacuí



GOVERNO  
DO ESTADO  
**RIO  
GRANDE  
DO SUL**



**BRDE**



**CYRELA**

**CIEE  
RS**



**CREA-RS**  
Conselho Regional de Engenharia  
e Agronomia do Rio Grande do Sul

grupo | **âvel.**

**elevcode**

**CORSAN**<sup>ce</sup>

**AGAS**  
ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE SUPERMERCADOS

## Industrialização de grãos impulsiona economia da Região Norte do RS

Produção de biodiesel e etanol avança em diversos municípios da área setentrional do Estado, agregando valor à produção agrícola; infraestrutura ainda é desafio para o desenvolvimento

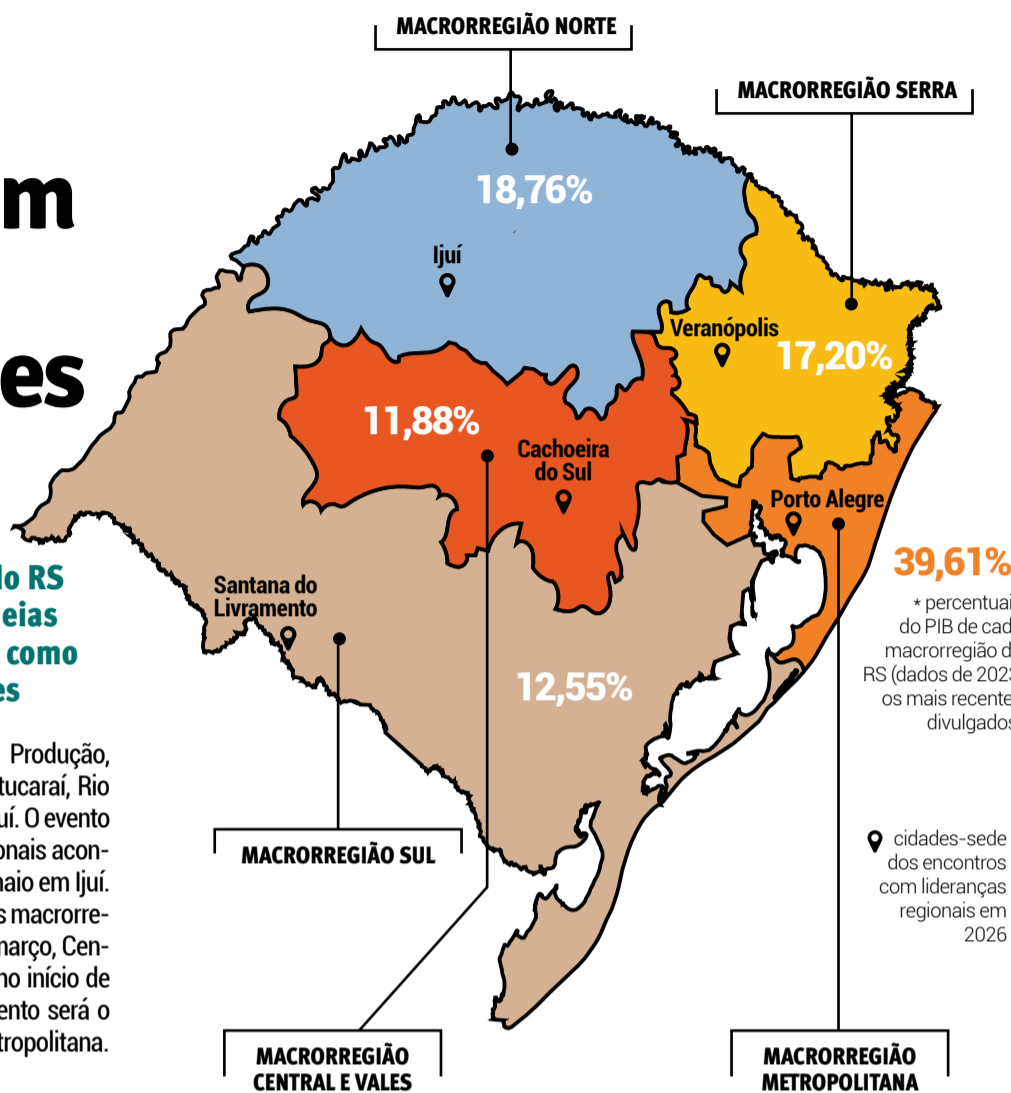
PANORAMA

# Dados mostram participação de cinco regiões no PIB do RS

Quarta temporada do Mapa Econômico do RS faz um levantamento atualizado das cadeias produtivas e traz análise de indicadores como PIB, população, desafios e oportunidades

Pelo quarto ano consecutivo, o Jornal do Comércio promove o mapeamento da economia do Rio Grande do Sul, com a divisão do Estado em cinco macrorregiões. Esta é a quarta edição de 2026 e abrange as Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto

Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí. O evento com lideranças regionais aconteceu no dia 28 de maio em Ijuí. Já foram visitadas as macrorregiões da Serra, em março, Central, em abril, e Sul, no início de maio. O próximo evento será o da Macrorregião Metropolitana.

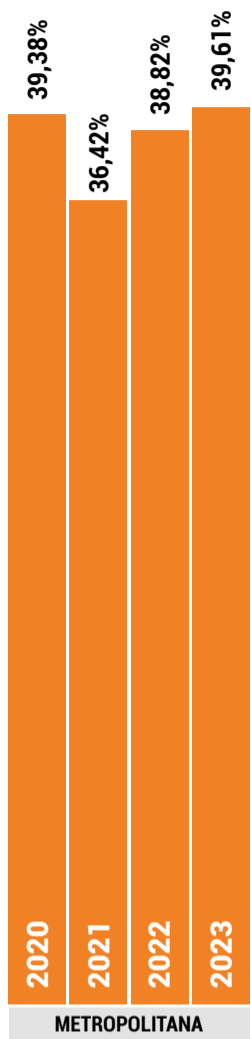


## As cinco regiões

- Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**  
Evento em Veranópolis realizado em 31 de março
- Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**  
Evento em Cachoeira do Sul realizado em 15 de abril
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**  
Evento em Santana do Livramento realizado em 12 de maio
- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí**  
Evento em Ijuí realizado em 28 de maio
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**  
Evento em Porto Alegre será realizado no dia 18 de junho

## Ranking do PIB gaúcho por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

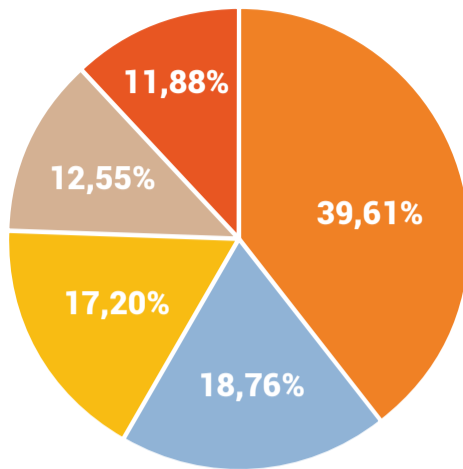
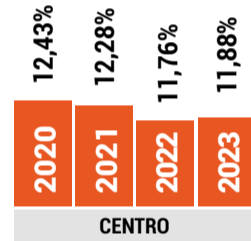
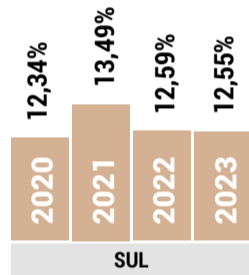
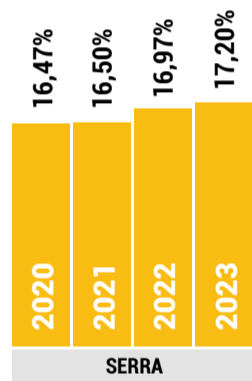
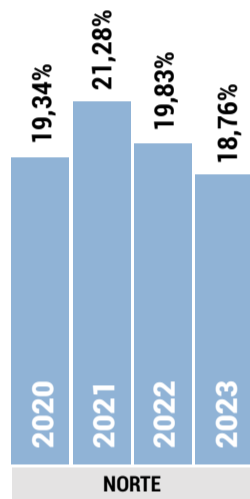
Corede	PIB 2020 (em R\$)	PIB 2021 (em R\$)	PIB 2022 (em R\$)	PIB 2023 (em R\$)	Participação aproximada no PIB estadual (2023)	Macrorregião no Mapa Econômico
1º Metropolitano	116.084.255.683	131.450.070.517	139.649.850.891	159.716.583.755	24,56%	Metropolitana
2º Vale do Sinos	59.233.708.601	68.494.654.247	78.447.484.346	83.685.973.357	12,87%	Metropolitana
3º Serra	52.294.019.824	63.598.107.573	67.099.545.602	75.126.103.976	11,55%	Serra
4º Sul	27.645.628.740	36.720.444.225	36.566.125.819	39.580.398.893	6,08%	Sul
5º Vale do Rio Pardo	19.988.093.490	21.645.354.271	23.240.791.805	27.090.911.148	4,16%	Central
6º Produção	18.621.516.955	24.354.041.158	25.534.894.264	26.067.530.854	4,00%	Norte
7º Vale do Taquari	16.258.628.398	19.115.555.723	20.213.087.889	22.182.158.036	3,41%	Central
8º Fronteira Oeste	15.487.155.820	21.231.942.476	18.383.493.489	21.078.366.494	3,24%	Sul
9º Central	14.647.908.978	18.757.007.907	16.716.192.128	17.694.567.308	2,72%	Central
10º Norte	11.214.782.463	13.897.181.840	14.486.561.034	15.461.317.845	2,37%	Norte
11º Litoral	10.184.847.099	11.811.339.332	12.392.535.319	14.123.368.283	2,17%	Metropolitana
12º Noroeste Colonial	8.917.363.720	12.844.006.894	12.049.898.280	12.852.746.506	1,97%	Norte
13º Alto Jacuí	9.449.984.415	14.526.251.622	12.765.095.715	12.823.036.321	1,97%	Norte
14º Fronteira Noroeste	9.484.853.659	12.137.831.514	12.968.969.040	12.082.541.194	1,85%	Norte
15º Vale do Caí	8.395.630.081	11.052.395.600	11.795.882.841	11.557.988.560	1,77%	Serra
16º Missões	9.453.068.127	13.232.531.615	10.703.473.962	11.271.334.414	1,73%	Norte
17º Campanha	7.786.239.621	11.096.358.234	10.277.145.927	10.559.172.107	1,62%	Sul
18º Centro-Sul	7.240.751.703	9.398.634.217	9.541.477.838	10.354.174.492	1,59%	Sul
19º Paranhana-Encosta da Serra	6.795.365.918	7.673.898.249	8.407.427.202	9.660.885.948	1,48%	Serra
20º Hortênsias	5.388.082.468	6.975.537.074	7.718.476.256	8.601.842.409	1,32%	Serra
21º Nordeste	5.740.140.861	8.128.972.215	7.440.542.232	7.948.350.560	1,22%	Norte
22º Médio Alto Uruguai	5.224.562.627	6.170.642.049	6.048.165.610	6.947.052.635	1,06%	Norte
23º Campos de Cima da Serra	4.707.328.161	6.640.685.035	5.766.282.483	6.893.800.534	1,06%	Serra
14º Rio da Várzea	5.166.138.902	7.188.396.174	6.402.453.839	6.327.565.195	0,97%	Norte
25º Celeiro	4.879.577.485	6.403.388.242	5.398.615.661	5.942.416.958	0,91%	Norte
26º Jacuí Centro	4.064.963.490	6.174.083.601	5.429.257.375	5.757.412.908	0,88%	Central
27º Vale do Jaguari	3.589.507.430	5.692.618.848	4.232.584.334	4.482.313.135	0,68%	Central
28º Alto da Serra do Botucaraí	2.997.741.322	4.871.746.860	3.957.345.034	4.237.108.591	0,65%	Norte



## Participação de regiões no PIB do RS (em %)

Dado mais recente que permite fazer recorte regionalizado é de 2023 e foi divulgado pelo IBGE no ano passado; entre 2020 e 2023, as macrorregiões mantiveram a mesma posição, à exceção de 2020, quando Sul e Centro inverteram posições.

FONTE DADOS DO PIB DOS MUNICÍPIOS: IBGE



## Divisão do PIB gaúcho por regiões (dado de 2023)

- 1ª Metropolitana
- 2ª Norte
- 3ª Serra
- 4ª Sul
- 5ª Centro

## Ranking mostra consolidação do PIB gaúcho nos anos 2020

Ao longo dos anos 2020, o clima ditou a composição do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul. Em 2021, o único ano verdadeiramente positivo ao agronegócio, sem estiagens ou chuvas excessivas, a Macrorregião Norte ganhou uma fatia maior de participação na economia do Estado, enquanto a Macrorregião Metropolitana, que ocupa o maior percentual historicamente, reduziu seu peso.

Os dados mais recentes divulgados pelo Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), com base nos indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram poucas alterações entre 2020 e 2023 – o último ano para o qual foi divulgado o PIB dos municípios, que permite o cálculo regionalizado da economia.

Em geral, a Macrorregião Metropolitana lidera, sempre com indicadores acima dos 36%. Na sequência está o Norte, embora com pouca diferença percentual em relação à Serra. Os piores indicadores estão nas áreas menos industrializadas do RS e com poucos polos de serviços de maior valor agregado: Centro e Sul, que variam de 11% a 13% ao longo dos anos.

# Nunca antes o RS devolveu imposto para as famílias gaúchas.

**Agora devolve.** O RS foi o primeiro Estado do Brasil a devolver parte do imposto para pessoas de baixa renda. O dinheiro que retorna pelo Cartão Cidadão pode ser usado de novo no comércio. É mais dinheiro para quem mais precisa.

- Mais de R\$ 1 bilhão já foi devolvido
- Mais de 1 milhão de famílias beneficiadas



Para mais informações, escaneie o QR Code ou acesse: [devolveicms.rs.gov.br](http://devolveicms.rs.gov.br)



**GOV**  
trabalhando  
**RS**  
diferente



## CARTA DO EDITOR

# Macrorregião Norte do RS agrega industrialização ao agronegócio



**Guilherme Kolling**  
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

Um dado que chama a atenção até mesmo entre lideranças regionais da Macrorregião Norte do Estado é que essa parte do Rio Grande do Sul consolidou-se na segunda colocação no ranking do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, atrás apenas da Macrorregião Metropolitana.

É o que aponta levantamento realizado a partir dos PIBs municipais. Esse recorte, que permite analisar a riqueza das regiões, mostra que os 11 Coredes (Conselhos Regionais de Desenvolvimento) que formam a área setentrional do RS, juntos, representam a segunda força da economia do Estado.

Isso aconteceu nos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023 – dado municipal mais recente, divulgado pelo IBGE no ano passado. Ou seja, na década de 2020, a Macrorregião Norte do RS ganhou relevância no cenário econômico gaúcho e teve, em todos os exercícios, PIB superior ao da Macrorregião da Serra.

Há oscilações, e o Norte do Estado se favorece quando o PIB gaúcho como um todo cresce mais, o que acontece em anos em que o clima ajuda e a safra impulsiona a economia do Rio Grande do Sul.

De qualquer forma, para a equipe do Jornal do Comércio, que desde 2023 trabalha no mapeamento da economia do Estado, essa informação da força do Norte gaúcho não chega a surpreender.

Ao longo desses quatro anos em que visitamos diferentes cidades, nos impressionou o dinamismo dos municípios do Norte gaúcho, com obras de novos empreendimentos, distritos industriais, cooperativas fortes, comércio pujante, além de uma paisagem em que as plantações chegam até a beira das estradas.

O eixo principal que impulsiona a economia do Norte gaúcho é a agregação de valor ao agronegócio, com a industrialização de diversos produtos.

O Mapa Econômico do RS identifica dezenas de oportunidades de desenvolvimento a cada ano. A principal novidade que está saindo do papel na parte Norte do Estado é a industrialização de grãos para a produção de biocombustíveis.

São diversas culturas usadas na fabricação de biodiesel e etanol em vários municípios gaúchos, em projetos de grandes e médias empresas, além de cooperativas.

Exemplos são a produção de biodiesel de soja e canola em Ijuí pela 3tentos e pela Camera; o projeto de etanol de trigo e outras culturas de inverno, da Be8 em Passo Fundo; e, em Cruz Alta, o projeto da Soli3, liderada por cooperativas da região: Cotrijal (Não-Me-Toque), Cotripal (Panambi) e Cotrisal (Sarandi).

O avanço da construção civil também é um reflexo da

força regional em vários municípios. A maior cidade do Norte gaúcho, com mais de 200 mil habitantes, é Passo Fundo, onde há mais de 100 edifícios em construção atualmente.

Tem ainda o setor de serviços, especialmente na saúde, já que, de novo, Passo Fundo é o terceiro polo de saúde na Região Sul do Brasil, atrás apenas de Porto Alegre e Curitiba (PR). Mas há também centros de saúde importantes e de referência em outros municípios, caso do Hospital de Clínicas de Ijuí.

Entre os desafios, o Norte padece do mesmo problema que afeta o Estado como um todo, os gargalos na infraestrutura. Além disso, também sofre com o envelhecimento e – em dezenas de municípios – com a redução da população.

Nesse aspecto, chama a atenção que o Estado já possui 53 mil trabalhadores estrangeiros no mercado formal, movimento que ajuda a reduzir os impactos da escassez de mão de obra. Quatro municípios da Macrorregião Norte aparecem entre os seis no Estado que mais empregam imigrantes: Erechim, Passo Fundo, Marau e Tapejara.

Outro problema é o impacto dos eventos climáticos extremos no agronegócio. Nos últimos seis anos, o RS passou por quatro estiagens e uma grande enchente. Como foi dito, isso se reflete no resultado do PIB do Estado, que em 2025 somou R\$ 753

bilhões, o equivalente a 5,9% do PIB nacional. Em 2019, a participação gaúcha no PIB do Brasil era de 6,5%.

Criado em 2023, quando o Jornal do Comércio completou 90 anos, o projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul reúne dados econômicos, sociais e demográficos dos 497 municípios gaúchos, apontando os desafios e as oportunidades para o desenvolvimento do Estado.

São indicadores que ajudam a analisar como está o desenvolvimento atual dessas regiões, bem como apontar tendências.

Esta é a quarta temporada do projeto Mapa Econômico do RS que traz, com profundidade e dados, potencialidades das diferentes regiões do Estado. O trabalho combina apuração jornalística, entrevistas, análise de informações do poder público e de entidades privadas com reuniões em municípios de diferentes partes do RS.

O resultado é um panorama das diferentes cadeias produtivas, mostrando janelas de oportunidades para estimular o desenvolvimento e caminhos para superar desafios.

Percorremos o Rio Grande do Sul em encontros com lideranças regionais, produzindo conteúdos especiais sobre cada macrorregião. Esta é a quarta edição de 2026 e trata do Norte do RS (as anteriores foram sobre Serra, Centro e Sul).

Ainda publicaremos mais um capítulo após o evento previsto para a próxima semana, no dia 18 de junho, em Porto Alegre (Macrorregião Metropolitana).

Boa leitura!

*Esta é a quarta temporada do Mapa Econômico do RS; no detalhe, capas do capítulo da Região Norte nas edições anteriores*



## EXPEDIENTE

- **Editor-Chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br)
- **Editores-executivos:** Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br) e Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br)
- **Subeditora de Cadernos Especiais:** Bruna Suptitz (bruna.suptitz@jornaldocomercio.com.br)
- **Reportagem:** Ana Stobbe (ana.stobbe@jcrs.com.br), Eduardo Torres (eduardo.torres@jcrs.com.br), Gabrieli Silva (gabrieli.silva@jcrs.com.br) e Ana Esteves (economia@jornaldocomercio.com.br)
- **Diagramação e arte:** Luís Gustavo Van Ondheusden, Ingrid Müller e Alice Marques

## ÍNDICE

Dados do PIB em cinco regiões do RS  
p. 2 e 3

Carta do Editor  
p. 4

RS volta a perder participação no PIB nacional  
p. 6

Agro, indústria e serviços elevam PIB per capita do Norte do RS  
p. 8, 10, 12 e 14

Imigrantes no mercado formal de trabalho  
p. 15

Macrorregião Norte é destaque em empregos  
p. 16, 17, 18 e 19

Mapa aponta oportunidades para a região  
p. 20, 21 e 22

RS perderá população a partir de 2027  
p. 23

A agricultura e a verticalização da produção  
p. 24 a 29

A pecuária e a indústria  
p. 30 e 31

O polo metalmeccânico  
p. 32

Entrevista com Antônio Roso  
p. 33

A logística da Macrorregião Norte do Estado  
p. 34 e 35

Aeroportos regionais no Norte do RS  
p. 36

Quem esteve no painel do Mapa Econômico do RS em Ijuí  
p. 37 a 39

ENTREGA NO 1º SEMESTRE DE 2026

# NOVA OLARIA

CIDADE BAIXA

MALL | STUDIOS | RESIDENCES

UM ENDEREÇO ÚNICO.  
UM ÍCONE RESSIGNIFICADO.



**STUDIOS, 1, 2 E 3 DORMS. COM SUÍTE**

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA PRÓXIMO DA UFRGS,  
SANTA CASA E REDENÇÃO.

BRINQUEDOTECA | COWORKING | ESPAÇO GOURMET  
FITNESS | ROOFTOP COM PISCINA | SALÃO DE FESTAS

**MALL REVITALIZADO** E NOVAS  
OPÇÕES GASTRONÔMICAS

**RUA GEN. LIMA E SILVA, 776**  
CIDADE BAIXA | PORTO ALEGRE



**CYRELA.COM.BR**  
51 3092.8652

 **CYRELA | GOLDSZTEIN**

 **DALLASANTA**

IMÓVEL EM CONSTRUÇÃO, INCORPORAÇÃO REGISTRADA SOB O R.4 DA MATRÍCULA Nº 165.936 NO 2º RI DE PORTO ALEGRE/RS. PROJETOS POR HYPE STUDIO, MOOMAA, DANIEL DILLENBURG E CÁSSIA KROEFF. IMAGENS ILUSTRATIVAS.COMERCIALIZAÇÃO: CRECI SELLER 23030 JS.

## CONJUNTURA

# RS voltou a perder participação no PIB nacional

**Com clima adverso para a safra, PIB cresceu apenas 0,9% ao longo de 2025, o que reduziu a contribuição na economia nacional de 6,02% para 5,9%**

Ana Stobbe

O Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul tem um componente de grande peso: a agropecuária. Dependente do clima, ela faz com que a economia gaúcha oscile de acordo com as safras boas e as frustradas. Isso porque, quando a atividade primária vai mal, toda a cadeia do agronegócio — incluindo a atividade industrial — é impactada. E foi justamente por problemas climáticos que o Estado voltou a perder

participação no PIB do Brasil.

Nos anos 2020, o clima foi um ator importante no cenário econômico do RS. Afinal, sucessivas safras frustradas por estiagens derrubaram a relevância do Estado perante o País. Nos últimos seis anos, apenas 2021 pode ser visto como verdadeiramente positivo — justamente quando o PIB estadual cresceu 9,3% e a participação no PIB nacional subiu de 6,2% para 6,5%, o mesmo patamar de 2019. Entretanto, em seus piores momentos, nos anos de 2022 e 2023, o índice chegou aos 5,9%.

A economia ensaiou uma retomada em 2024, o ano da trágica enchente que abalou o Rio Grande do Sul. Sem uma forte estiagem como a dos anos anteriores, a perspectiva era boa para a safra. Entretanto, as fortes chuvas trouxeram perdas

de camadas superficiais do solo e das colheitas que ainda não haviam sido realizadas, incluindo parte das lavouras de soja e de milho. Mesmo assim, foi possível recuperar um pouco da participação perdida, subindo a contribuição estadual no PIB brasileiro para 6,2%.

“Como a maior parte da soja e do milho já tinha sido colhida, a enchente não gerou uma perda muito grande na agropecuária. A indústria foi afetada em um primeiro momento, com a perda dos bens de capital, mas se recuperou. A produção caiu em maio, voltou em junho e depois se estabilizou. E o comércio disparou, porque as pessoas precisavam repor seus eletrodomésticos, automóveis, etc. Material de construção, por exemplo, foi um setor que subiu bastante”, explica o economista do

Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

A isso, conforme o pesquisador, se somaram as políticas de transferência de renda para pessoas atingidas pelas cheias e recursos injetados em obras de recuperação da infraestrutura — pública e privada. “Isso tudo fez girar bastante a economia. E o PIB do Estado cresceu 4,9% em 2024, um aumento maior do que o do PIB do Brasil”, acrescenta.

Mas 2025 não foi generoso e a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional caiu para 5,9% novamente. “O ano começou bem, as safras de arroz, milho, fumo e uva, foram muito bem, cresceram bem. Só que veio uma estiagem um pouco tardia, que atingiu a soja, que teve uma quebra de 25%. Como é o

principal produto, isso acabou fazendo com que a agropecuária caísse no ano 6,8%, dada a representatividade que esse produto tem no setor. Ao final do ano, crescemos 0,9%, abaixo do Brasil, que cresceu 2,3%”, explica.

A indústria, por outro lado, teve um bom desempenho, mas não foi capaz, sozinha, de segurar a economia. Já o comércio desacelerou, em uma tendência natural após a disparada causada pela necessidade de reposição dos bens atingidos pelas enchentes. Ambos os setores tiveram indicadores semelhantes aos nacionais.

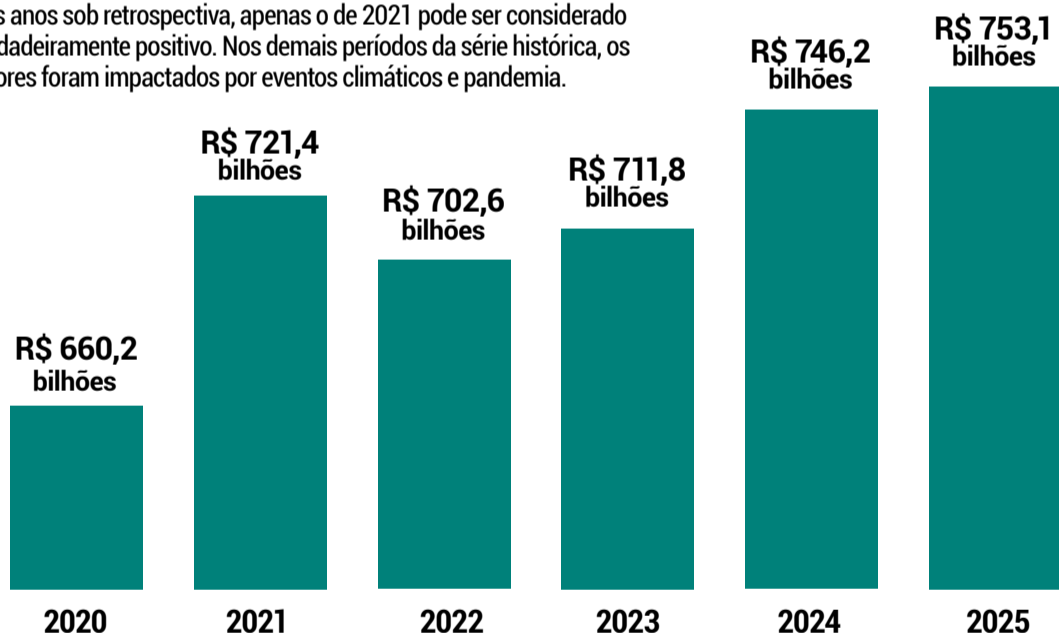
Um desafio que diferentes setores enfrentaram em 2025 foi a imposição de tarifas a produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos. Mas, no PIB, as consequências foram menores do que o esperado.

## Evolução do PIB\* nos anos 2020

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE

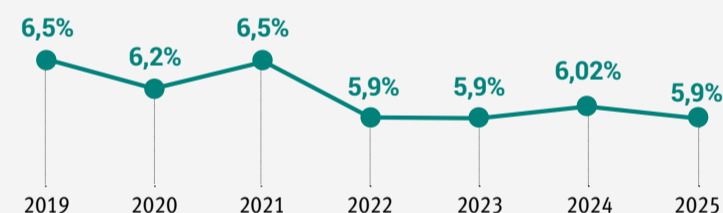
\* PIB real (valor a preços constantes)

Entre 2020 e 2025, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos seis anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram impactados por eventos climáticos e pandemia.



## Participação do Rio Grande do Sul no PIB do Brasil nos últimos anos

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE



Os problemas climáticos enfrentados pelo Estado nos últimos anos puxaram para baixo a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional. Nos últimos seis anos, apenas 2021 não teve estiagem ou enchente, o que garantiu safra cheia e alta na atividade econômica, a ponto de o PIB gaúcho recuperar espaço na fatia nacional. Em 2024, a retomada pós-enchente ajudou na recuperação, mas o indicador voltou a recuar no ano seguinte, e fechou 2025 com o mesmo patamar dos anos de 2022 e 2023, abaixo de 6% de representação no PIB do Brasil.

## A evolução do PIB do Rio Grande do Sul nos anos 2020 (em R\$)

Ano	Valor nominal (a preços correntes)	Valor a preços constantes de 2025 (PIB real)	Varição em relação ao ano anterior
2020	R\$ 470.941.846.049	R\$ 660.227.951.408	-7,2%
2021	R\$ 581.283.677.303	R\$ 721.490.948.672	9,3%
2022	R\$ 593.633.656.208	R\$ 702.644.155.038	-2,6%
2023	R\$ 650.107.022.418	R\$ 711.850.523.402	1,3%
2024	R\$ 715.569.669.894	R\$ 746.262.063.585	4,8%
2025	R\$ 753.193.545.501	R\$ 753.193.545.501	0,9%

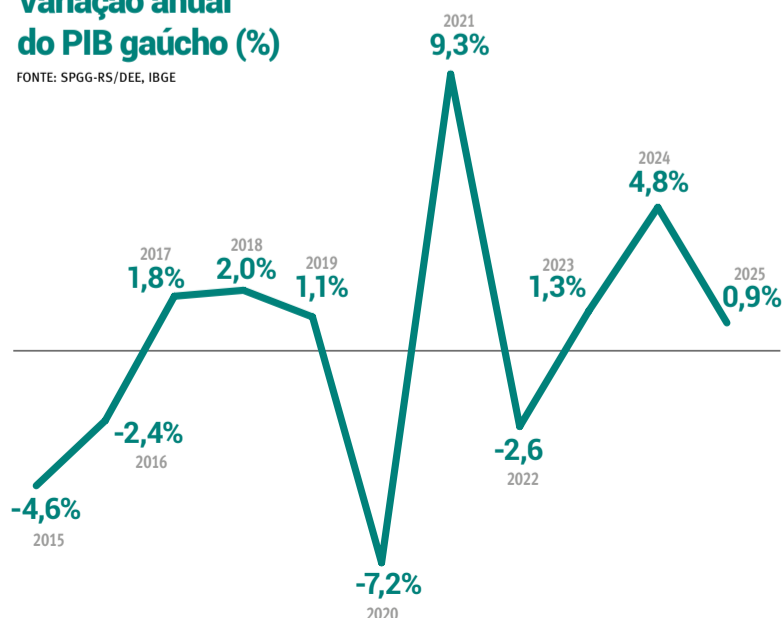
FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE

**PIB nominal** é o valor total de todos os bens e serviços finais produzidos durante um determinado período (geralmente um ano ou um trimestre), calculado a preços correntes, ou seja, aos preços vigentes no próprio período considerado, sem ajuste pela inflação. Ou seja, PIB nominal e PIB a preços correntes é a mesma coisa.

**Valor do PIB a valores constantes** (também chamado de PIB real) é o valor ajustado pela inflação. Ou seja, é o PIB calculado com base nos preços de um ano-base fixo, para que se possa medir o crescimento real da economia ao longo do tempo.

## Varição anual do PIB gaúcho (%)

FONTE: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE



# CREA-RS

transformando o presente para  
construir o futuro



**CREA-RS**  
Conselho Regional de Engenharia  
e Agronomia do Rio Grande do Sul

NOSSA GESTÃO,  
NOSSO PROPÓSITO

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Agronegócio, indústria e serviços impulsionam PIB per capita do Norte do RS

**Macrorregião Norte concentra 11 Coredes; PIB per capita é próximo ao da Macrorregião Metropolitana**

Ana Stobbe

A Macrorregião Norte do Rio Grande do Sul tem demonstrado uma grande pujança na evolução dos seus indicadores sociais e econômicos. Em franco crescimento puxado pelo agronegócio ligado a produtos de maior valor agregado

e por polos de serviços especializados, essa área também concentra um relevante Produto Interno Bruto per capita.

"Ao olhar as regiões, é possível traçar uma linha e dividir o Estado, saindo da região de Santa Rosa e chegando na Metropolitana. E essa parte de cima é a área mais desenvolvida em termos econômicos e, de certa maneira, sociais também. Por outro lado, as porções Sul, Central e Noroeste do RS têm indicadores menores", explica o pesquisador do Departamento de Economia e

Estatística do Rio Grande do Sul, Martinho Lazzari.

E a explicação para esse maior desenvolvimento é multifatorial: "Se pegar a agropecuária, a região de Passo Fundo, Cruz Alta e Erechim planta soja, milho e trigo, que são altamente produtivos. Os melhores indicadores também estão em áreas mais industriais do Estado, como Região Metropolitana, Serra, Vale do Taquari, e a porção Norte. E alguns municípios contam com serviços especializados, de maior valor agregado", acrescenta o

especialista.

Crescem as áreas com alta produtividade agrícola e industrial, muitas vezes, como parte de uma mesma cadeia, onde as indústrias estão associadas ao setor primário, assim como as que se consolidam como polos de oferta de serviços especializados.

Entretanto, é válido ressaltar que nem todos os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) que compõem a Macrorregião Norte contemplam bons indicadores. Os números variam bastante, com

uma tendência a cifras menores na porção noroeste, próxima à fronteira com a Argentina.

Assim, enquanto o Alto Jacuí, onde está Não-Me-Toque, é o primeiro entre os 28 Coredes do Rio Grande do Sul no ranking do PIB per capita, o Alto da Serra do Botucaraí, vizinho ao líder, ocupa a 23ª posição. Também estão na metade final da tabela as regiões Celeiro, Médio Alto Uruguai, Missões e Rio da Várzea. Já entre os 10 maiores PIBs per capita estão as regiões Noroeste Colonial, Produção e Norte.

Entre os cinco Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) com os maiores Produto Interno Bruto (PIBs) per capita do Rio Grande do Sul, quatro estão na Macrorregião Norte: Alto Jacuí, Noroeste Colonial, Produção e Norte. No ranking, o único Corede que não compõe a parte setentrional do Estado é a Serra, que ocupa a segunda colocação.

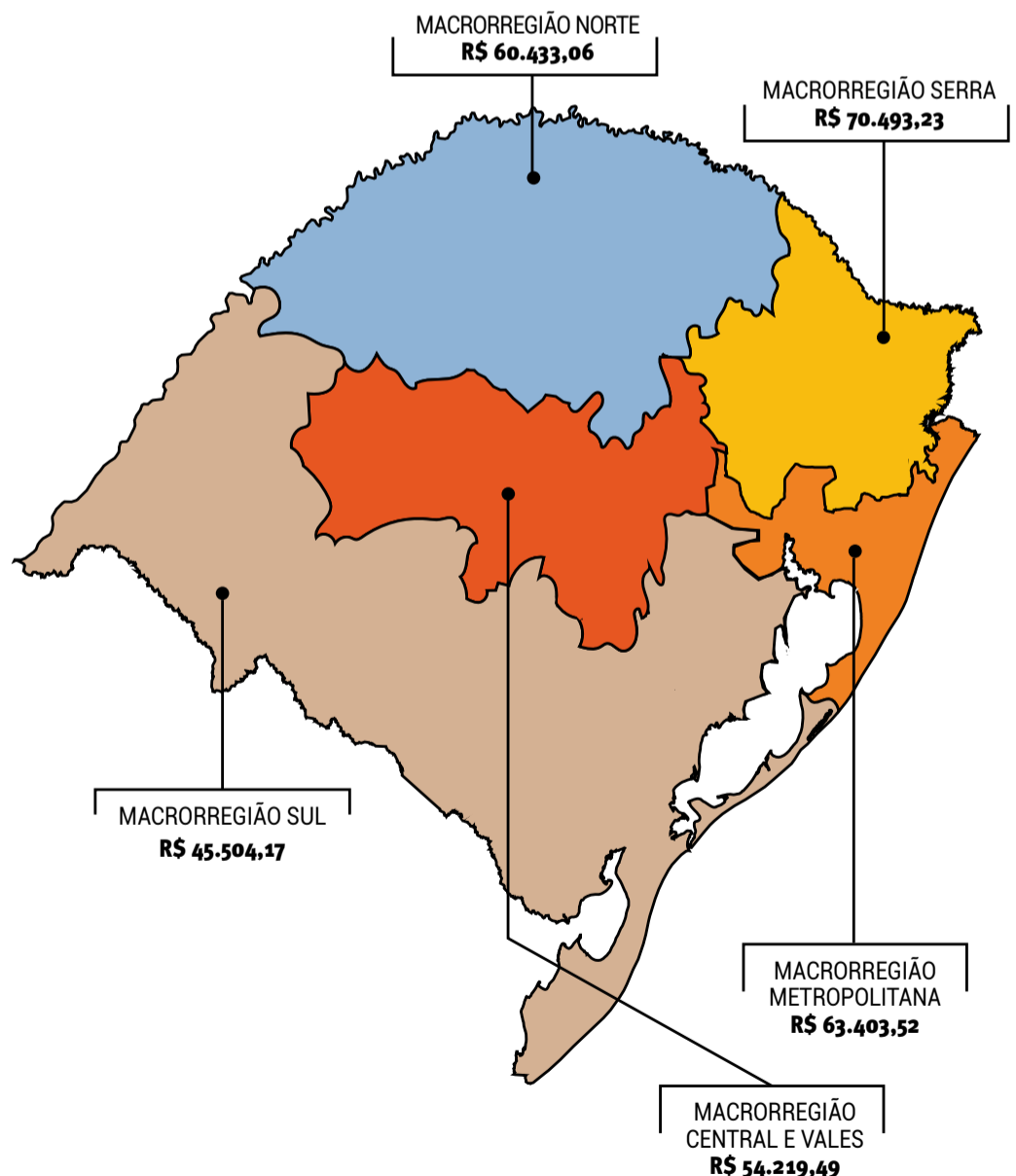


Não-Me-Toque, onde é realizada a ExpodiretoCotrijal, fica no Alto Jacuí

## PIB per capita por macrorregião

Valores de 2023, os mais recentes disponíveis

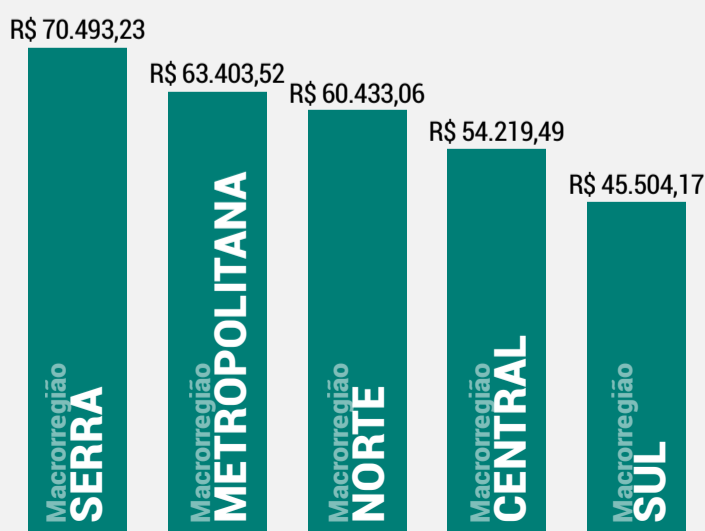
FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE



## Ranking do Produto Interno Bruto per capita por macrorregião (dados de 2023)

FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE

A Macrorregião Norte figura entre os maiores valores de PIB per capita do Rio Grande do Sul, conforme dados do Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS) e IBGE. Desde o início da série histórica, em 2002, a evolução dos valores não alterou a disparidade entre as regiões.



**A distribuição** do PIB per capita nas macrorregiões do Rio Grande do Sul evidencia valores mais altos nas áreas com maior produtividade agrícola e industrial, assim como aquelas que se consolidam como polos de oferta de serviços especializados. Com cenário consolidado há mais de duas décadas, a tendência observada é de manutenção da configuração dos maiores PIBs per capita do Estado nas macrorregiões da Serra, Metropolitana e Norte, e menores nas macrorregiões Central e Sul.

grupo | **ável.**

## Quem vai cuidar do que você construiu?

No Grupo Ável, planejar patrimônio é garantir que o que você construiu continue crescendo, protegido, e chegue a quem você decidir.

Maior assessoria digital do ecossistema XP, com mais de R\$16 bilhões sob gestão, reunimos investimentos, sucessão e proteção em uma só estratégia.

Conhecimento para decidir o futuro do seu patrimônio.

Agende uma  
conversa



@avel.me



## REPORTAGEM ESPECIAL

# Serra lidera; Metropolitana possui bons indicadores

**Atividades com alto valor agregado recebem destaque na composição do Produto Interno Bruto das regiões**

Ana Stobbe

Uma das áreas mais dinâmicas do Rio Grande do Sul, a Macrorregião da Serra, tem se desenvolvido intensamente. Concentrando 17,20% do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, essa parte do Estado também tem atraído população. E a combinação desses fatores resulta em uma alta produtividade, a transformando na porção do RS com o maior PIB per capita.

Composta pelas regiões da Serra, Hortênsias, Campos de Cima da Serra, Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí, a macrorregião se fortalece com base no forte polo metalmeccânico e em atividades de alto valor agregado. É com base nisso

que se constrói o indicador.

"A Serra engloba aquela região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Carlos Barbosa, municípios que têm indústrias muito fortes, como a metalmeccânica e a moveleira. São empregos que geram uma produtividade maior e, consequentemente, uma produção e renda maiores. É uma área que tem atraído população exatamente pela oferta de trabalho", explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

Ao analisar os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), classificação utilizada pelo governo estadual gaúcho e que divide o território gaúcho em 28 zonas, é perceptível a pujança justamente na região onde está a conurbação entre as cidades citadas pelo pesquisador. Afinal, o Corede Serra é o segundo no ranking do PIB per

capita seguindo essa divisão, atrás apenas do Alto Jacuí, na Macrorregião Norte.

A Macrorregião Metropolitana é a que concentra as maiores fatias populacionais e econômicas do Estado. Enquanto 37,3% dos gaúchos residem lá, conforme os dados do último Censo do IBGE, de 2022, 39,61% do PIB de 2023 estava nessa faixa que engloba a Região Metropolitana de Porto Alegre, o Vale do Sinos e o Litoral Norte. Mesmo assim, no PIB per capita, ela não lidera.

"São regiões muito populosas. E as que têm o PIB per capita maior são áreas menos povoadas, que muitas vezes, têm uma alta concentração industrial numa região menor. E é uma parte do Estado que tem municípios muito ricos, como Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo. Mas outros, como Alvorada e Viamão, têm uma condição bem inferior. Na média, acaba ficando para trás", explica Lazzari.



Alta industrialização, produtos com indicação geográfica e turismo favorecem resultado na Serra

## Macrorregiões Sul e Central têm os piores resultados

Quem também varia internamente quanto aos indicadores do PIB per capita embora apresente médias inferiores é a Macrorregião Central. "Teve crescimento nos últimos anos da produção de soja, que desceu das Missões para locais como Santiago e Cachoeira do Sul. Mas é uma região, como um todo, que tem pouca indústria. E, muitas vezes, os serviços qualificados, de maior valor agregado, têm relação com a atividade industrial",

acrescenta Lazzari.

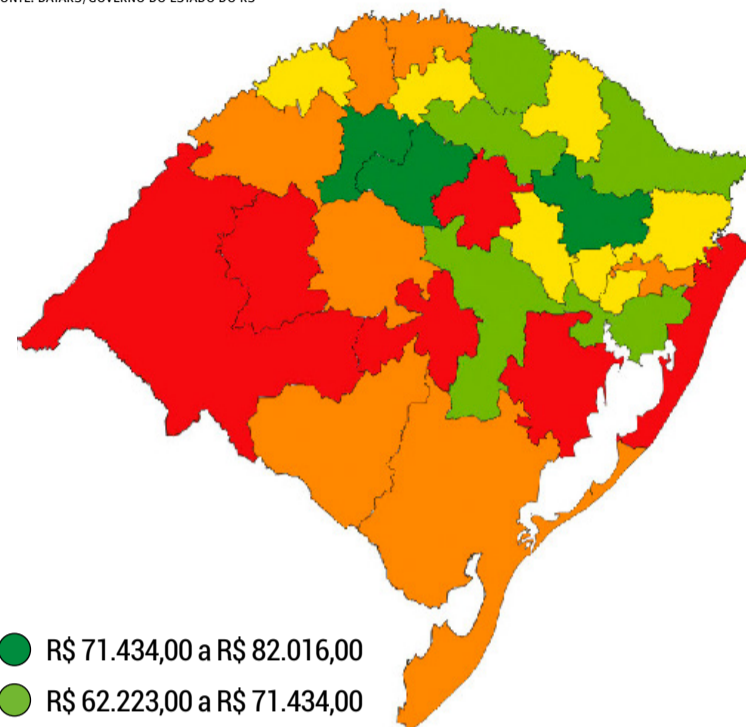
Mas os piores indicadores estão na Macrorregião Sul, composta pelas regiões Sul, Fronteira Oeste, Campanha e Centro-Sul. "Se pegar a região de Uruguiana, por exemplo, tem indústria. Mas é muito ligada ao beneficiamento de arroz ou de bovinos. São setores industriais que não têm alta produtividade. E um grande PIB per capita é como se tivesse produtividade para todo mundo. Se pegar a indústria de alimentos, ela

vai ter uma produtividade bem menor que a metalmeccânica. E isso se traduz em um menor valor agregado", pontua Lazzari.

Rio Grande e Pelotas, entre as cidades, possuem indicadores melhores, por concentrarem indústrias, especialmente as atreladas ao porto localizado na região. Entretanto, Lazzari destaca que há intensas variações na produtividade atreladas às demandas flutuantes do polo naval.

## Varição do Produto Interno Bruto per capita nos Coredes - dados de 2023

FONTE: DATARS/GOVERNO DO ESTADO DO RS



- R\$ 71.434,00 a R\$ 82.016,00
- R\$ 62.223,00 a R\$ 71.434,00
- R\$ 47.923,00 a R\$ 62.223,00
- R\$ 42.847,00 a R\$ 47.923,00
- R\$ 37.375,00 a R\$ 42.847,00

## Ranking do Produto Interno Bruto (PIB) per capita por Corede (em 2023)

Corede	PIB per capita em 2023
1º Alto Jacuí	R\$ 82.015,99
2º Serra	R\$ 77.883,65
3º Noroeste Colonial	R\$ 71.433,51
4º Produção	R\$ 68.669,78
5º Norte	R\$ 67.985,44
6º Campos de Cima da Serra	R\$ 66.911,26
7º Região Metropolitana	R\$ 64.761,88
8º Vale do Rio Pardo	R\$ 62.223,17
9º Vale do Sinos	R\$ 61.090,03
10º Vale do Caí	R\$ 60.817,94
11º Vale do Taquari	R\$ 60.142,45
12º Nordeste	R\$ 59.787,66
13º Fronteira Noroeste	R\$ 56.558,53
14º Hortênsias	R\$ 56.499,26
15º Campanha	R\$ 47.922,67
16º Rio da Várzea	R\$ 47.493,45
17º Sul	R\$ 46.575,42
18º Missões	R\$ 45.700,84
19º Vale do Paranhana e Encosta da Serra	R\$ 44.835,71
20º Médio Alto Uruguai	R\$ 44.147,23
21º Região Central	R\$ 43.555,54
22º Celeiro	R\$ 42.847,07
23º Alto da Serra do Botucaraí	R\$ 42.054,42
24º Jacuí Centro	R\$ 41.782,75
25º Centro-Sul	R\$ 41.077,89
26º Fronteira Oeste	R\$ 40.088,79
27º Vale do Jaguarí	R\$ 39.302,68
28º Litoral	R\$ 37.374,68
<b>RS</b>	<b>R\$ 57.930,00</b>
<b>Brasil</b>	<b>R\$ 49.157,00</b>

FONTE: DEE-RS/IBGE



elementar / h. can. blog f. dias. go

# Construir um Rio Grande *sustentável* para as novas gerações. Esse é o nosso legado.

Fazemos parte da Aegea, grupo líder mundial em ESG no setor de saneamento\*. Nós acreditamos que o futuro se constrói com responsabilidade e ética, por isso, integramos os princípios ESG em tudo que fazemos.

## *Sustentabilidade Ambiental:*

reduzimos o impacto ambiental de nossas operações, investimos em energias renováveis e promovemos o uso consciente da água.

## *Governança Corporativa:*

prezamos pela gestão transparente, eficiente e ética, sempre atentos a todos os stakeholders.

## *Responsabilidade Social:*

valorizamos nossos colaboradores, construímos um ambiente diverso e apoiamos iniciativas sociais nas comunidades onde atuamos.

[corsan.com.br](http://corsan.com.br)

Nossa natureza movimenta *o Rio Grande.*



\*RANKING DO RATING ESG PFI A SUSTAINALYTICS

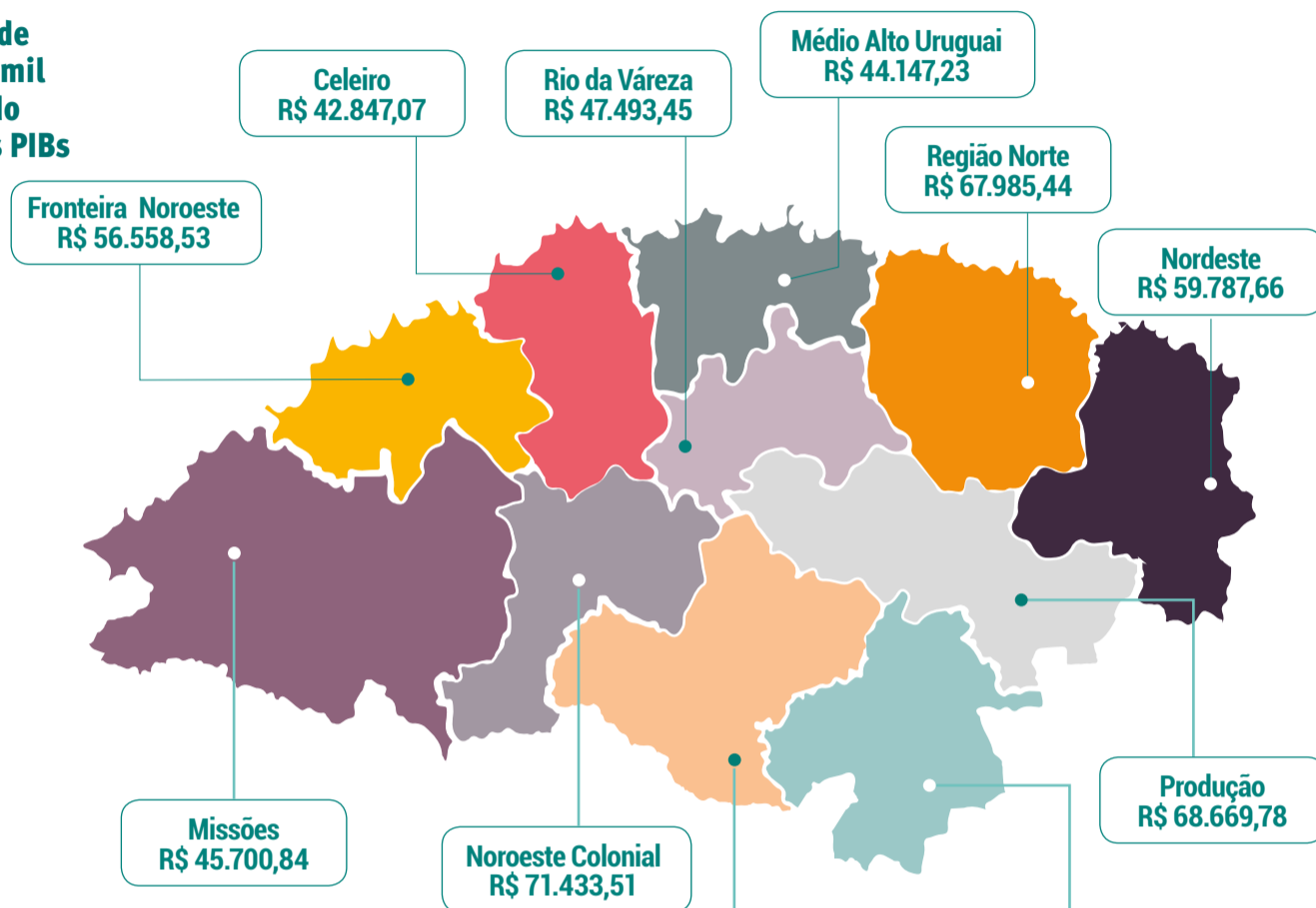
## REPORTAGEM ESPECIAL

# PIB per capita por Coredes e por municípios

A Macrorregião Norte do RS tem PIB per capita de R\$ 60,4 mil, com variação na casa dos R\$ 39,9 mil entre as microrregiões (Coredes). E essa parte do Estado também reúne quatro dos cinco maiores PIBs per capita entre microrregiões do RS. Quem lidera é o Corede Alto Jacuí, com R\$ 82 mil.

## Ranking de maiores PIBs per capita da Macrorregião Norte (em R\$)

Cidade	PIB per capita
1º Camargo	205.446,00
2º Aratiba	182.819,23
3º Não-Me-Toque	164.932,37
4º Coxilha	130.995,01
5º Capão Bonito do Sul	128.719,49
6º Boa Vista do Cadeado	121.126,48
7º Almirante Tamandaré do Sul	113.340,27
8º Paulo Bento	111.267,68
9º Santa Bárbara do Sul	107.801,14
10º Água Santa	107.039,28



Noroeste Colonial	PIB per capita
Nova Ramada	94.774,16
Panambi	92.180,09
Pejuçara	78.260,03
Condor	73.461,12
Ijuí	72.012,79
Ajuricaba	57.072,14
Bozano	55.520,54
Coronel Barros	50.693,68
Augusto Pestana	49.054,00
Catuípe	49.000,00
Jóia	48.147,78

Alto da Serra do Botucaraí	PIB per capita
Victor Graeff	84.803,43
Jacuzinho	61.345,90
Espumoso	56.780,98
Tio Hugo	53.124,85
Nicolau Vergueiro	52.703,40
Ibirapuitã	50.524,24
Itapuca	48.467,20
Soledade	43.774,55
Alto Alegre	40.245,45
Gramado Xavier	37.603,56
Mormaço	37.115,00
Barros Cassal	29.526,03
São José do Herval	29.281,80
Campos Borges	29.067,30
Lagoão	28.041,72
Fontoura Xavier	27.276,97

Norte	PIB per capita
Aratiba	182.819,23
Paulo Bento	111.267,68
Quatro Irmãos	87.965,55
Erechim	80.385,09
Entre Rios do Sul	78.104,77
Estação	71.277,75
Ipiranga do Sul	71.148,58
Sertão	70.296,69
Cruzaltense	64.186,80
Gaurama	61.609,13
Jacutinga	56.527,61
Campinas do Sul	55.805,19
Getúlio Vargas	53.003,28
Áurea	52.342,65
Três Arroios	51.829,66
Erebango	49.785,84
Ponte Preta	49.725,38
Florianópolis	46.406,68
Barra do Rio Azul	46.327,23
Barão de Cotegipe	45.460,37
Charrua	45.392,81
Carlos Gomes	45.281,03
Centenário	45.215,19
Faxinalzinho	45.095,25
Marcelino Ramos	44.568,30
Severiano de Almeida	41.812,24
Viadutos	40.122,40
Mariano Moro	38.526,65
São Valentim	38.259,16
Erval Grande	32.793,44
Itatiba do Sul	26.531,49
Benjamin Constant do Sul	24.008,87

Rio da Várzea	PIB per capita
Boa Vista das Missões	89.601,64
Nova Boa Vista	67.476,11
Barra Funda	67.006,24
Chapada	63.213,09
Sarandi	62.476,94
Palmeira das Missões	51.430,76
Rondinha	45.625,31
Constantina	45.442,93
São Pedro das Missões	41.497,43
Ronda Alta	41.200,33
Novo Xingu	41.154,70
Engenho Velho	39.157,58
Três Palmeiras	35.178,23
São José das Missões	32.295,30
Liberato Salzano	31.911,94
Jaboticaba	28.251,78
Novo Barreiro	28.163,24
Sagrada Família	27.057,45
Cerro Grande	26.035,36
Lajeado do Bugre	25.156,90

# Digitalização do interior: a inteligência artificial como caminho para cidades mais inteligentes



ELEVCODE/DIVULGAÇÃO/JC

## Soluções em inteligência artificial aplicadas à gestão pública municipal

Por William Ricaldes,  
CEO da ELEVCODE

**Pergunta:** Quando falamos em transformação digital no interior, do que estamos tratando, de fato?

**Resposta:** Muitos gestores ainda associam o tema apenas a computadores e internet. Mas o verdadeiro salto ocorre com a incorporação da inteligência artificial aos processos municipais. A IA não é um luxo das capitais. É acessível, prática e resolve problemas reais de prefeituras com orçamentos modestos.

**Pergunta:** Por que o interior precisa da IA?

**Resposta:** Cidades pequenas e médias enfrentam desafios como equipes reduzidas, excesso de tarefas, dados dispersos e dificuldade para identificar padrões, como evasão fiscal e gargalos na saúde. A IA automatiza decisões re-

petitivas, encontra insights em dados e libera o gestor para o que realmente importa.

**Pergunta:** Onde a IA já pode ser aplicada?

**Resposta:** No atendimento ao cidadão, com chatbots treinados com perguntas frequentes, capazes de resolver até 70% das demandas 24 horas por dia, via WhatsApp ou site. Na saúde, com análise preditiva para prever surtos de dengue, demanda por leitos ou faltas a consultas, permitindo ação preventiva. Na fiscalização tributária, ao comparar declarações de ISS com o movimento econômico aparente e gerar alertas de inconsistência, tornando a fiscalização mais precisa. Na otimização de rotas, como coleta de lixo, transporte escolar e manutenção de vias, com redução de custos e ganho de eficiência. Na triagem de documentos, com leitura au-

tomática de requerimentos, classificação de serviços e encaminhamento correto, reduzindo processos de dias para minutos. Na prevenção da evasão escolar, identificando alunos em risco a partir de dados de frequência e perfil socioeconômico. E no monitoramento de infraestrutura, com sensores conectados à IA que detectam problemas como lâmpadas queimadas, buracos ou vazamentos.

**Pergunta:** Como iniciar a implantação da IA no interior?

**Resposta:** O primeiro passo é digitalizar os dados, migrando processos do papel para sistemas digitais. Depois, escolher problemas pequenos e de alto impacto para começar, como chatbots ou análise de faltas. Também é importante utilizar soluções prontas, muitas com baixo custo ou versões gratuitas, e investir na capacitação básica

dos servidores.

**Pergunta:** Quais são os principais desafios?

**Resposta:** A falta de dados históricos pode ser resolvida com o início imediato da coleta. A resistência de servidores diminui quando se mostra que a IA elimina tarefas repetitivas, não empregos. A questão da privacidade exige uso de dados anonimizados e conformidade com a LGPD. Já o custo pode ser contornado com ferramentas gratuitas ou de código aberto.

**Pergunta:** Existe resultado prático?

**Resposta:** Em uma cidade de 20 mil habitantes, com investimento inferior a R\$ 50 mil ao longo de um ano, um chatbot pode resolver cerca de 500 atendimentos por mês, gerando economia equivalente a dois servidores. A IA fiscal pode aumentar a arrecadação em R\$ 200 mil. E a roteiriza-

ção inteligente pode reduzir o custo de combustível em 15%. O retorno ocorre em poucos meses.

**Pergunta:** Qual é a conclusão?

**Resposta:** O interior já avançou com iniciativas como internet nas escolas e nota fiscal eletrônica. O próximo passo é a inteligência artificial. Ela não exige grandes obras, mas visão de futuro. A digitalização sem IA é como um carro potente sem direção. A IA traz velocidade e eficiência. O futuro inteligente das cidades começa agora.

**Pergunta:** Como avançar com segurança?

**Resposta:** Para quem busca esse caminho, a Elevcode desenvolve soluções práticas de IA voltadas às prefeituras do interior, sempre com foco na realidade local. Um convite para conhecer o que pode ser construído em conjunto.

<b>Celeiro</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Chiapetta	<b>67.903,94</b>
Coronel Bicaco	<b>64.631,38</b>
Campo Novo	<b>57.749,20</b>
São Martinho	<b>55.635,65</b>
Santo Augusto	<b>52.398,97</b>
Três Passos	<b>48.279,28</b>
Humaitá	<b>46.575,76</b>
Sede Nova	<b>45.338,29</b>
Miraguaí	<b>45.312,25</b>
Derrubadas	<b>42.741,36</b>
Tenente Portela	<b>42.416,61</b>
Crissiumal	<b>38.853,05</b>
Inhacorá	<b>37.932,38</b>
Bom Progresso	<b>35.111,31</b>
Vista Gaúcha	<b>33.868,38</b>
Braga	<b>33.487,97</b>
Tiradentes do Sul	<b>31.775,25</b>
Esperança do Sul	<b>31.415,37</b>
São Valério do Sul	<b>26.677,39</b>
Redentora	<b>21.318,95</b>
Barra do Guarita	<b>19.953,25</b>

No Rio Grande do Sul, se destacam no PIB per capita as áreas com alta produtividade agrícola e industrial, muitas vezes, como parte de uma mesma cadeia, em que as indústrias estão associadas ao setor primário, assim como as que se consolidam como polos de oferta de serviços altamente especializados.

<b>Missões</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Eugênio de Castro	<b>85.401,37</b>
São Miguel das Missões	<b>73.296,83</b>
Girua	<b>63.540,12</b>
Roque Gonzales	<b>60.333,50</b>
Cerro Largo	<b>58.884,12</b>
Salvador das Missões	<b>56.399,15</b>
Entre-Ijuís	<b>52.263,67</b>
Garruchos	<b>50.126,26</b>
São Luiz Gonzaga	<b>49.291,83</b>
São Pedro do Butiá	<b>45.434,93</b>
Santo Ângelo	<b>43.941,11</b>
Bossoroca	<b>42.538,23</b>
Sete de Setembro	<b>42.178,05</b>
Santo Antônio das Missões	<b>42.070,15</b>
Rolador	<b>39.897,55</b>
Guarani das Missões	<b>39.884,41</b>
Caibaté	<b>38.352,88</b>
Ubiretama	<b>36.873,63</b>
São Paulo das Missões	<b>36.726,43</b>
São Nicolau	<b>34.925,55</b>
Mato Queimado	<b>34.344,54</b>
Pirapó	<b>31.865,35</b>
Vitória das Missões	<b>27.372,91</b>
Porto Xavier	<b>23.151,69</b>
Dezesseis de Novembro	<b>20.507,28</b>

Enquanto o Alto Jacuí – onde estão Cruz Alta e Não-Me-Toque – é o 1º entre os 28 Coredes gaúchos no ranking do PIB per capita, o Alto da Serra do Botucaraí, vizinho, ocupa a 23ª posição.

Também estão na metade final da tabela as regiões Celeiro, Médio Alto Uruguai, Missões e Rio da Várzea. Já entre os 5 maiores PIBs per capita do RS – além do Alto Jacuí – estão as regiões Noroeste Colonial, Produção e Norte.

<b>Produção</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Camargo	<b>205.446,00</b>
Coxilha	<b>130.995,01</b>
Almirante Tamandaré do Sul	<b>113.340,27</b>
Casca	<b>92.546,14</b>
Vila Maria	<b>89.190,93</b>
Gentil	<b>87.302,71</b>
Marau	<b>82.844,93</b>
Pontão	<b>82.517,64</b>
Santo Antônio do Planalto	<b>79.773,73</b>
Passo Fundo	<b>68.227,53</b>
Nova Alvorada	<b>63.845,18</b>
Coqueiros do Sul	<b>62.995,49</b>
Carazinho	<b>60.594,24</b>
Ciríaco	<b>56.256,81</b>
Ernestina	<b>53.867,60</b>
Santo Antônio do Palma	<b>53.766,03</b>
Mato Castelhano	<b>50.333,79</b>
David Canabarro	<b>47.877,71</b>
São Domingos do Sul	<b>47.409,04</b>
Muliterno	<b>41.354,02</b>
Vanini	<b>40.780,39</b>

<b>Médio Alto Uruguai</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Seberi	<b>69.246,50</b>
Taquaruçu do Sul	<b>60.383,86</b>
Dois Irmãos das Missões	<b>60.170,61</b>
Frederico Westphalen	<b>54.934,13</b>
Trindade do Sul	<b>53.405,36</b>
Pinhal	<b>52.087,42</b>
Vista Alegre	<b>51.573,30</b>
Rodeio Bonito	<b>45.258,46</b>
Erval Seco	<b>44.174,33</b>
Gramado dos Loureiros	<b>43.490,18</b>
Alpestre	<b>42.555,77</b>
Rio dos Índios	<b>41.149,89</b>
Nonoai	<b>39.315,84</b>
Cristal do Sul	<b>36.696,50</b>
Iraí	<b>34.186,77</b>
Novo Tiradentes	<b>34.181,18</b>
Palmitinho	<b>33.846,85</b>
Caiçara	<b>33.063,37</b>
Vicente Dutra	<b>31.696,42</b>
Planalto	<b>31.306,70</b>
Pinheirinho do Vale	<b>30.961,71</b>
Ametista do Sul	<b>26.598,47</b>

<b>Fronteira Noroeste</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Horizontina	<b>96.973,64</b>
São José do Inhacorá	<b>88.984,64</b>
Nova Candelária	<b>73.796,70</b>
Independência	<b>69.022,26</b>
Três de Maio	<b>61.208,96</b>
Cândido Godói	<b>59.583,99</b>
Santa Rosa	<b>58.864,08</b>
Doutor Maurício Cardoso	<b>51.066,23</b>
Boa Vista do Buricá	<b>50.904,66</b>
Santo Cristo	<b>50.040,22</b>
Tuparendi	<b>44.841,03</b>
Novo Machado	<b>44.058,47</b>
Tucunduva	<b>41.711,02</b>
Alegria	<b>37.277,28</b>
Porto Mauá	<b>37.141,41</b>
Senador Salgado Filho	<b>34.939,55</b>
Campina das Missões	<b>34.643,22</b>
Porto Vera Cruz	<b>31.008,36</b>
Porto Lucena	<b>29.580,70</b>
Alecrim	<b>25.105,18</b>

<b>Nordeste</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Capão Bonito do Sul	<b>128.719,49</b>
Água Santa	<b>107.039,28</b>
Tapejara	<b>76.169,60</b>
Vila Lângaro	<b>74.685,33</b>
Ibiaçá	<b>65.995,28</b>
São José do Ouro	<b>62.370,16</b>
Barracão	<b>62.102,00</b>
Caseiros	<b>59.052,73</b>
Lagoa Vermelha	<b>58.142,47</b>
Tupanci do Sul	<b>58.077,29</b>
Ibiraiaras	<b>56.109,70</b>
Santa Cecília do Sul	<b>54.576,52</b>
Sananduva	<b>53.537,23</b>
Machadinho	<b>45.491,65</b>
Santo Expedito do Sul	<b>44.928,64</b>
Paim Filho	<b>44.841,86</b>
São João da Urtiga	<b>44.443,23</b>
Maximiliano de Almeida	<b>38.096,99</b>
Cacique Doble	<b>33.461,31</b>

<b>Alto Jacuí</b>	<b>PIB per capita (em R\$)</b>
Não-Me-Toque	<b>164.932,37</b>
Boa Vista do Cadeado	<b>121.126,48</b>
Santa Bárbara do Sul	<b>107.801,14</b>
Boa Vista do Incra	<b>86.745,26</b>
Ibirubá	<b>79.138,28</b>
Cruz Alta	<b>74.684,47</b>
Fortaleza dos Valos	<b>73.910,62</b>
Saldanha Marinho	<b>66.053,80</b>
Colorado	<b>61.073,45</b>
Salto do Jacuí	<b>58.308,46</b>
Selbach	<b>56.160,10</b>
Tapera	<b>55.150,03</b>
Lagoa dos Três Cantos	<b>47.102,62</b>
Quinze de Novembro	<b>44.217,60</b>

TRABALHO

# RS tem 53,3 mil imigrantes com emprego formal

**Número de estrangeiros no mercado de trabalho dobrou em apenas três anos**

Ana Stobbe

O Rio Grande do Sul tem sido um destino consolidado entre imigrantes que buscam no Brasil melhores condições de vida. A maior parte deles são venezuelanos, que ingressam no País pela Região Norte, mas seguem rumo às terras gaúchas.

E o mercado de trabalho formal tem aberto as portas para esses estrangeiros: ao todo, foram criadas 10 mil novas vagas de emprego para imigrantes em 2025, em um total estimado em 53.384 postos de trabalho ocupados por nascidos no exterior,

conforme dados do Novo Caged e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) reunidos pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS). "Em 2022 eram cerca de 26 mil vínculos de migrantes em empregos formais. Em 2025, estimamos que sejam mais de 53 mil. Mais do que dobrou", avalia o chefe da seção de Informação e Pesquisa da FGTAS, Juliano Almeida.

Quatro das seis cidades com mais concentração de imigrantes internacionais empregados ficam na Macrorregião Norte – apenas a primeira e a segunda colocação são de fora: Caxias do Sul e Porto Alegre. "O que temos observado é que o crescimento da presença de imigrantes é maior no Interior do que na Região Metropolitana", analisa Almeida.

## Cidades com mais imigrantes no mercado de trabalho formal no RS

Cidade	Macrorregião	Corede	Estoque de empregos estimado no final de 2025	Participação no total estadual
1. Caxias do Sul	Serra	Serra	8.573	16%
2. Porto Alegre	Metropolitana	Metropolitano	4.717	9%
3. Erechim	Norte	Norte	3.349	6%
4. Passo Fundo	Norte	Produção	3.200	6%
5. Marau	Norte	Produção	1.751	3%
6. Tapejara	Norte	Nordeste	1.560	3%
7. Lajeado	Centro	Vale do Taquari	1.479	3%
8. Garibaldi	Serra	Serra	1.276	2%
9. Bento Gonçalves	Serra	Serra	1.252	2%
10. Canoas	Metropolitana	Vale do Sinos	1.084	2%
11. Santa Rosa	Norte	Fronteira Noroeste	1.015	2%
12. Farroupilha	Serra	Serra	985	2%
13. Chuí	Sul	Sul	939	2%
14. Gramado	Serra	Hortênsias	912	2%
15. Novo Hamburgo	Metropolitana	Vale do Sinos	801	2%
16. Santana do Livramento	Sul	Fronteira Oeste	784	1%
17. São Leopoldo	Metropolitana	Vale do Sinos	771	1%
18. Cachoeirinha	Metropolitana	Metropolitana	697	1%
19. Gravataí	Metropolitana	Metropolitana	533	1%
20. Serafina Corrêa	Serra	Serra	526	1%
<b>Subtotal</b>			<b>36.204</b>	<b>68%</b>
<b>Total Estadual</b>			<b>53.384</b>	<b>100%</b>

FONTE: FGTAS, COM BASE EM DADOS DO RAIS E DO NOVO CAGED

## O MAIOR ATIVO DA SUA EMPRESA SÃO OS TALENTOS QUE ELA DESENVOLVE HOJE

MARCAS QUE SE DESTACAM NO MERCADO SABEM QUE DESENVOLVER TALENTOS TAMBÉM É UMA DECISÃO ESTRATÉGICA.

O CIEE-RS atua como parceiro de organizações que desejam fortalecer suas equipes por meio de programas estruturados de **estágio** e **aprendizagem**, conectando estudantes e empresas em todo o Rio Grande do Sul.



VEJA COMO SUA EMPRESA PODE PARTICIPAR. ACESSE E ENTENDA COMO FUNCIONA.



**CIEE RS** CONSTRUINDO O FUTURO COM VOCÊ

## TRABALHO

# Norte do RS é destaque em geração de emprego

PREFEITURA DE PASSO FUNDO/DIVULGAÇÃO/JC



Em Passo Fundo (foto), empregos cresceram nas áreas de saúde e educação; segmento de serviços representa 53,7% dos mais de 70 mil vínculos ativos no município

## Macrorregião Norte foi a única a ampliar participação no volume total de empregos ativos do RS nos últimos 6 anos

Ana Stobbe

Entre as cinco macrorregiões da divisão do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, a Norte é a que mais tem se destacado pela melhora de diferentes indicadores. Entre eles, na geração de empregos.

Afinal, foi a única porção do território gaúcho que avançou nos últimos seis anos sua participação no total de postos de trabalho no Rio Grande do Sul, que foi de 15,5% para 16,6%. Nos empregos industriais o crescimento foi ainda maior, passando de 16,1%, em 2020, para 18,5%, em 2026.

Mas, apesar dos avanços, não é a área que mais concentra oportunidades no mercado de trabalho no Estado. "Tem um desempenho muito importante na comparação dos valores relativos, mas não tem um grande peso no emprego total. Enquanto o Norte está com 16,6%, na Macrorregião Metropolitana estão 42,6% dos postos de trabalho do Estado", destaca o pesquisador do Departamento de

Economia e Estatística (DEE-RS), Guilherme Xavier.

O indicador é puxado principalmente pelos empregos gerados no campo da indústria, que possui forte participação no mercado de trabalho de alguns municípios. Nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) Norte e Nordeste, por exemplo, o setor corresponde, sozinho, a cerca de 40% dos empregos totais. O peso é ainda maior em algumas cidades isoladas, como Panambi, onde os empregos industriais correspondem a 58% do total, Tapejara (57,6%) e Não-Me-Toque (55,7%).

Há, ainda, um forte desempenho do setor de serviços em alguns locais. É o caso do município de Passo Fundo, na Região da Produção, que teve crescimento nos empregos nas áreas de saúde (3,6%) e educação (1,1%) entre os meses de janeiro de 2025 e de 2026 e cujo segmento representa aproximadamente 53,7% dos vínculos ativos locais. Lá, também há uma concentração relevante de postos de trabalho na área do comércio, embora o varejo tenha tido uma leve queda, de 0,5% no período. A construção, uma das atividades que mais tem crescido no município, avançou 8,5% no comparativo interanual.

Mas Xavier alerta para as desigualdades entre as regiões. O Norte, composto por 11 Coredes, possui características diversas de um local para outro.

E, enquanto locais como a Produção e o Norte concentram mais de 2% do total de postos de trabalho do Rio Grande do Sul, os outros Coredes não atingem o

indicador. A maioria fica na casa do 1%. As piores participações estão em Rio da Várzea (0,8%), Celeiro (0,8%) e Alto da Serra do Botucaraí (0,6%).

## A distribuição de emprego nas regiões do RS

Macrorregião	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Metropolitana	1.215.423	1.233.683	1,50%
Serra	542.781	542.864	0,01%
<b>Norte</b>	<b>470.355</b>	<b>482.026</b>	<b>2,48%</b>
Central	325.190	328.630	1,06%
Sul	307.722	310.788	1%
<b>Total</b>	<b>2.861.471</b>	<b>2.897.946</b>	<b>1,27%</b>

FONTE: NOVO CAGED

## TOP 10

	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
1. Passo Fundo	76.581	<b>78.118</b>	2%
2. Erechim	39.807	<b>41.735</b>	4,84%
3. Santa Rosa	24.834	<b>25.767</b>	3,75%
4. Ijuí	24.238	<b>25.215</b>	4,03%
5. Santo Ângelo	18.933	<b>19.080</b>	0,77%
6. Marau	16.986	<b>17.212</b>	1,33%
7. Carazinho	14.498	<b>14.569</b>	0,48%
8. Panambi	14.433	<b>14.428</b>	-0,03%
9. Cruz Alta	13.291	<b>13.284</b>	-0,05%
10. Tapejara	9.687	<b>10.122</b>	4,49%

## Fronteira Noroeste

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Varição
Santa Rosa	24.834	<b>25.767</b>	3,75%
Três de Maio	6.282	<b>6.136</b>	-2,32%
Horizontalina	5.356	<b>5.331</b>	-0,46%
Santo Cristo	3.572	<b>3.695</b>	3,44%
Boa Vista do Buricá	1.585	<b>1.623</b>	2,39%
Tuparendi	1.321	<b>1.358</b>	2,80%
Cândido Godói	1.242	<b>1.183</b>	-4,75%
Independência	963	<b>1.044</b>	8,41%
Nova Candelária	809	<b>743</b>	-8,15%
Tucunduva	710	<b>735</b>	3,52%
Campina das Missões	626	<b>630</b>	0,63%
São Jose do Inhacorá	620	<b>625</b>	0,80%
Alecrim	409	<b>417</b>	1,95%
Doutor Maurício Cardoso	362	<b>377</b>	4,14%
Porto Lucena	321	<b>338</b>	5,29%
Alegria	236	<b>248</b>	5,08%
Senador Salgado Filho	207	<b>207</b>	0
Porto Mauá	191	<b>206</b>	7,85%
Novo Machado	200	<b>197</b>	-1,5%
Porto Vera Cruz	72	<b>77</b>	6,94%

A **Fronteira Noroeste** concentra 50,9 mil postos de trabalho e cresceu 2% no comparativo interanual. Santa Rosa é o principal polo, com 25,7 mil empregos. A cidade cresceu 3,75% o número de vínculos ativos entre os meses de janeiro de 2025 e de 2026. O desempenho foi maior nos empregos industriais, que cresceram 4,2% no mesmo período.

A **Região Celeiro** avançou 4,5% no mercado de trabalho formal na análise interanual. Suas cidades, entretanto, são pequenas: a maior geradora de empregos, por exemplo, é Três Passos, com apenas 6,8 mil postos de trabalho. Um de seus pequenos municípios, Miraguá, entretanto, teve um salto de quase 72%, passando de 942 para 1.620 contratos ativos. Os novos empregos estiveram concentrados na indústria, que cresceu 110,4%, especialmente no setor alimentício.

## Celeiro

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Varição
Três Passos	6.745	<b>6.838</b>	1,37%
Tenente Portela	2.813	<b>2.993</b>	6,39%
Santo Augusto	2.898	<b>2.958</b>	2,07%
Crissiumal	2.235	<b>2.140</b>	-4,25%
Miraguá	942	<b>1.620</b>	71,97%
São Martinho	1.050	<b>1.057</b>	0,66%
Campo Novo	1.054	<b>1.017</b>	-3,51%
Chiapeta	722	<b>758</b>	4,98%
Humaitá	737	<b>754</b>	2,30%
Coronel Bicaco	754	<b>746</b>	-1,06%
Vista Gaúcha	421	<b>404</b>	-4,03%
Redentora	362	<b>381</b>	5,24%
Tiradentes do Sul	307	<b>300</b>	-2,28%
Esperança do Sul	270	<b>291</b>	7,77%
Derrubadas	205	<b>247</b>	20,48%
Sede Nova	210	<b>217</b>	3,33%
Braga	182	<b>184</b>	1,09%
Barra do Guarita	154	<b>174</b>	12,98%
Bom Progresso	171	<b>174</b>	1,75%
São Valério do Sul	110	<b>108</b>	-1,81%
Inhacorá	97	<b>91</b>	-6,18%

## Médio Alto Uruguai

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Varição
Frederico Westphalen	9.547	<b>9.844</b>	3,11%
Seberi	4.072	<b>4.039</b>	-0,81%
Trindade do Sul	2.617	<b>2.619</b>	0,07%
Nonoai	1.892	<b>1.832</b>	-3,17%
Rodeio Bonito	1.431	<b>1.582</b>	10,55%
Planalto	1.392	<b>1.384</b>	-0,57%
Ametista do Sul	1.252	<b>1.249</b>	-0,23%
Palmitinho	1.077	<b>1.190</b>	10,49%
Pinhal	905	<b>935</b>	3,31%
Iraí	659	<b>696</b>	5,61%
Alpestre	612	<b>637</b>	4,08%
Erval Seco	647	<b>634</b>	-2%
Pinheirinho do Vale	362	<b>505</b>	39,50%
Taquaruçu do Sul	455	<b>461</b>	1,31%
Vista Alegre	361	<b>371</b>	2,77%
Caiçara	314	<b>317</b>	0,95%
Dois Irmãos das Missões	289	<b>291</b>	0,69%
Vicente Dutra	170	<b>158</b>	-7,05%
Novo Tiradentes	121	<b>127</b>	4,95%
Cristal do Sul	79	<b>86</b>	8,86%
Rio dos Índios	79	<b>86</b>	8,86%
Gramado dos Loureiros	96	<b>80</b>	-16,66%

O **Médio Alto Uruguai** cresceu 2,5% de 2025 para 2026. Entretanto, ao analisar o retrospecto desde 2020, é destaque, ampliando o volume de empregos em 33,6%. Frederico Westphalen, a principal cidade, cresceu 3,11%. Alguns municípios são bastante dependentes da indústria no mercado de trabalho, como é o caso de Seberi e Trindade do Sul, onde os vínculos contratuais no setor se aproximam de 60% do total de empregos.

O **Alto da Serra do Botucaraí** tem apenas 15,9 mil postos de trabalho, mas foi o Corede que mais cresceu proporcionalmente nos últimos seis anos, com avanço de 46,6% no valor total. No comparativo interanual, entretanto, a variação foi de apenas 2,6%. Sua principal cidade, Soledade, cresceu 4,5% os vínculos formais ativos. Mas um dos maiores destaques está no município de Victor Graeff, que, embora na análise interanual tenha caído, em um percentual próximo à estagnação, nos últimos seis anos cresceu em 101,7% os empregos industriais.

## Alto da Serra do Botucaraí

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Varição
Soledade	7.408	<b>7.744</b>	4,53%
Espumoso	3.255	<b>3.261</b>	0,18%
Fontoura Xavier	941	<b>975</b>	3,61%
Barros Cassal	725	<b>768</b>	5,93%
Tio Hugo	672	<b>673</b>	0,14%
Victor Graeff	564	<b>552</b>	-2,12%
Campos Borges	373	<b>375</b>	0,53%
Sao José do Herval	302	<b>282</b>	-6,62%
Ibirapuitã	267	<b>277</b>	3,74%
Mormaço	226	<b>225</b>	-0,44%
Nicolau Vergueiro	196	<b>184</b>	-6,12%
Lagoão	165	<b>163</b>	-1,21%
Jacuizinho	147	<b>155</b>	5,44%
Gramado Xavier	136	<b>151</b>	11,02%
Alto Alegre	132	<b>129</b>	-2,27%
Itapuca	49	<b>58</b>	18,36%

## Missões

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Santo Ângelo	18.933	<b>19.080</b>	0,77%
São Luiz Gonzaga	6.622	<b>6.712</b>	1,35%
Cerro Largo	3.238	<b>3.223</b>	-0,46%
Giruá	2.719	<b>2.772</b>	1,94%
Entre-Ijuís	1.444	<b>1.414</b>	-2,07%
Porto Xavier	1.264	<b>1.308</b>	3,48%
Santo Antônio das Missões	1.215	<b>1.242</b>	2,22%
São Miguel das Missões	1.207	<b>1.220</b>	1,07%
Guarani das Missões	966	<b>981</b>	1,55%
Caibaté	810	<b>818</b>	0,98%
Salvador das Missões	743	<b>773</b>	4,03%
Bossoroca	746	<b>738</b>	-1,07%
São Pedro do Butiá	629	<b>656</b>	4,29%
Roque Gonzales	600	<b>630</b>	5%
São Paulo das Missões	491	<b>492</b>	0,20%
São Nicolau	407	<b>403</b>	-0,98%
Eugênio de Castro	298	<b>312</b>	4,69%
Garruchos	213	<b>211</b>	-0,93%
Rolador	182	<b>192</b>	5,49%
Vitória das Missões	150	<b>161</b>	7,33%
Pirapó	127	<b>122</b>	-3,93%
Ubiretama	85	<b>93</b>	9,41%
Mato Queimado	89	<b>92</b>	3,37%
Dezesseis de Novembro	90	<b>85</b>	-5,55%
Sete de Setembro	77	<b>80</b>	3,89%

A **Região das Missões** teve uma leve variação de 1,1% entre janeiro de 2025 e janeiro de 2026. Sua principal cidade, Santo Ângelo, teve uma variação singela, de 0,8%. Mas, na área industrial, a variação do município foi maior, com um crescimento de 5,8%.

## Produção

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Passo Fundo	76.581	<b>78.118</b>	2%
Marau	16.986	<b>17.212</b>	1,33%
Carazinho	14.498	<b>14.569</b>	0,48%
Casca	3.251	<b>3.343</b>	2,82%
Vila Maria	2.107	<b>2.170</b>	2,99%
Nova Alvorada	1.095	<b>1.116</b>	1,91%
Coxilha	781	<b>787</b>	0,76%
Almirante Tamandaré do Sul	613	<b>670</b>	9,29%
Camargo	551	<b>637</b>	15,60%
Ciríaco	495	<b>588</b>	18,78%
Pontão	394	<b>416</b>	5,58%
São Domingos do Sul	403	<b>411</b>	1,98%
Ernestina	430	<b>405</b>	-5,81%
David Canabarro	415	<b>398</b>	-4,09%
Santo Antônio do Planalto	357	<b>374</b>	4,76%
Santo Antônio do Palma	299	<b>298</b>	-0,33%
Mato Castelhano	228	<b>236</b>	3,50%
Gentil	199	<b>231</b>	16,08%
Vanini	246	<b>219</b>	-10,97%
Coqueiros do Sul	193	<b>172</b>	-10,88%
Muliterno	107	<b>127</b>	18,69%

A liderança entre os Coredes no total de vínculos ativos está na **Produção**, que cresceu 1,9%, na análise interanual, entre janeiro de 2025 e de 2026, e 26,5% ao considerar a variação de 2020 a 2026. Passo Fundo, a principal cidade, também ampliou o número de empregos formais em 2%.

O pequeno Corede **Rio da Várzea** cresceu 1,8% dos trabalhos formais de 2025 a 2026. A principal cidade, Sarandi, teve um destaque maior, ampliando os empregos em 5,2%. Na indústria, entretanto, não houve variação na microrregião.

## Rio da Várzea

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Sarandi	7.309	<b>7.694</b>	5,26%
Palmeira das Missões	5.630	<b>5.696</b>	1,17%
Chapada	2.161	<b>1.934</b>	-10,50%
Constantina	1.916	<b>1.922</b>	0,31%
Ronda Alta	1.361	<b>1.362</b>	0,07%
Nova Boa Vista	654	<b>701</b>	7,18%
Barra Funda	698	<b>692</b>	-0,85%
Três Palmeiras	584	<b>607</b>	3,93%
Rondinha	495	<b>545</b>	10,10%
Liberato Salzano	353	<b>365</b>	3,39%
Jaboticaba	327	<b>340</b>	3,97%
Novo Barreiro	266	<b>286</b>	7,51%
Boa Vista das Missões	255	<b>246</b>	-3,52%
Sagrada Família	202	<b>213</b>	5,44%
Lajeado do Bugre	96	<b>133</b>	38,54%
Cerro Grande	110	<b>124</b>	12,72%
Novo Xingu	115	<b>115</b>	0
São José das Missões	109	<b>107</b>	-1,83%
Engenho Velho	75	<b>78</b>	4%
São Pedro das Missões	67	<b>68</b>	1,49%

## O Noroeste Colonial

teve uma variação de 2,1% na análise interanual e 21,1% ao considerar o período de 2020 a 2026. A principal cidade, Ijuí, cresceu 4%. E é nessa região onde está Panambi, um dos municípios que mais concentram empregos na área da indústria na Macrorregião Norte. Foi no setor, inclusive, que Ijuí mais cresceu os vínculos ativos, em 12,8%, principalmente nas atividades de fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos.

## Noroeste Colonial

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Ijuí	24.238	<b>25.215</b>	4,03%
Panambi	14.433	<b>14.428</b>	-0,03%
Condor	1.993	<b>1.997</b>	0,20%
Ajuricaba	1.198	<b>1.182</b>	-1,33%
Augusto Pestana	1.100	<b>1.065</b>	-3,18%
Catuípe	978	<b>1.041</b>	6,44%
Joia	644	<b>652</b>	1,24%
Pejuçara	562	<b>539</b>	-4,09%
Coronel Barros	389	<b>390</b>	0,25%
Nova Ramada	223	<b>232</b>	4,03%
Bozano	135	<b>125</b>	-7,40%

PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM/DIVULGAÇÃO/JC



Segunda maior cidade da Macrorregião, Erechim (foto) é também a segunda em vínculos ativos

## Norte

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Erechim	39.807	<b>41.735</b>	4,84%
Getúlio Vargas	4.081	<b>4.164</b>	2,03%
Estação	1.865	<b>2.050</b>	9,91%
Barão de Cotegipe	1.315	<b>1.290</b>	-1,90%
Aratiba	1.015	<b>1.093</b>	7,68%
Gaurama	785	<b>750</b>	-4,45%
Campinas do Sul	711	<b>719</b>	1,12%
Erval Grande	580	<b>610</b>	5,17%
São Valentim	465	<b>608</b>	30,75%
Três Arroios	577	<b>607</b>	5,19%
Sertão	585	<b>601</b>	2,73%
Marcelino Ramos	581	<b>580</b>	-0,17%
Paulo Bento	556	<b>568</b>	2,15%
Jacutinga	533	<b>558</b>	4,69%
Viadutos	332	<b>363</b>	9,33%
Severiano de Almeida	326	<b>314</b>	-3,68%
Áurea	270	<b>257</b>	-4,81%
Entre Rios do Sul	197	<b>232</b>	17,76%
Erebango	207	<b>206</b>	-0,48%
Mariano Moro	206	<b>197</b>	-4,36%
Quatro Irmãos	178	<b>185</b>	3,93%
Itatiba do Sul	148	<b>179</b>	20,94%
Charrua	175	<b>177</b>	1,14%
Ipiranga do Sul	160	<b>176</b>	10%
Centenário	200	<b>167</b>	-16,5%
Faxinalzinho	127	<b>147</b>	15,74%
Barra do Rio Azul	161	<b>122</b>	-24,22%
Ponte Preta	114	<b>111</b>	-2,63%
Cruzaltense	69	<b>84</b>	21,73%
Benjamin Constant do Sul	69	<b>68</b>	-1,44%
Florianópolis	63	<b>66</b>	4,76%
Carlos Gomes	32	<b>35</b>	9,37%

O Corede **Norte** tem mais de 59 mil postos de trabalho registrados em janeiro de 2026. Foi o local que registrou um dos maiores crescimentos da macrorregião, de 4,5% no comparativo interanual. A maior cidade, Erechim, avançou acima da média da região, aumentando 4,9% o total de vínculos ativos no período. Uma das áreas de melhor desempenho foi a construção civil, que teve crescimento de 22,9% no número de postos de trabalho.

O Corede **Nordeste** teve um dos melhores desempenhos, crescendo 7,6% de um ano ao outro. Pelo menos duas cidades se destacam, principalmente devido à sua vocação industrial. Tapejara, o maior dos municípios, cresceu 4,4% no total de vínculos ativos, mas o salto foi de 5,8% na indústria. Já Sananduva teve um aumento de 31% no número de empregos formais, com alta de 76,7% na indústria, que passou de 1.589 trabalhadores para 2.807, o aumento se concentrou no setor alimentício.

## Nordeste

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Tapejara	9.687	<b>10.122</b>	4,49%
Lagoa Vermelha	5.788	<b>5.715</b>	-1,26%
Sananduva	4.095	<b>5.368</b>	31,08%
São José do Ouro	1.393	<b>1.500</b>	7,68%
Ibirairaras	997	<b>1.026</b>	2,90%
Machadinho	595	<b>695</b>	16,80%
Ibiaçá	626	<b>636</b>	1,59%
Água Santa	538	<b>623</b>	15,79%
São João da Urtiga	467	<b>540</b>	15,63%
Barracão	487	<b>471</b>	-3,28%
Paim Filho	410	<b>436</b>	6,34%
Maximiliano de Almeida	413	<b>428</b>	3,63%
Caseiros	383	<b>387</b>	1,04%
Vila Lângaro	363	<b>351</b>	-3,30%
Capão Bonito do Sul	287	<b>276</b>	-3,83%
Cacique Doble	250	<b>252</b>	0,8%
Santa Cecília do Sul	122	<b>112</b>	-8,19%
Santo Expedito do Sul	106	<b>112</b>	5,66%
Tupanci do Sul	68	<b>68</b>	0

## Alto Jacuí

Cidade	Vínculos ativos em janeiro da 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Cruz Alta	13.291	<b>13.284</b>	-0,05%
Não-Me-Toque	8.943	<b>9.052</b>	1,21%
Ibirubá	6.898	<b>6.580</b>	-4,61%
Tapera	2.437	<b>2.470</b>	1,35%
Santa Bárbara do Sul	1.639	<b>1.579</b>	-3,66%
Salto do Jacuí	1.388	<b>1.377</b>	-0,79%
Selbach	872	<b>893</b>	2,40%
Fortaleza dos Valos	638	<b>662</b>	3,76%
Quinze de Novembro	661	<b>658</b>	-0,45%
Colorado	352	<b>361</b>	2,55%
Boa Vista do Cadeado	335	<b>348</b>	3,88%
Saldanha Marinho	294	<b>292</b>	-0,68%
Boa Vista do Incra	257	<b>254</b>	-1,16%
Lagoa dos Três Cantos	191	<b>194</b>	1,57%

O **Alto Jacuí** teve variação negativa, mas próximo à estagnação, com queda de 0,6% entre 2025 e 2026. Cruz Alta, a cidade que mais concentra empregos, também se manteve estagnada, na casa dos 0,05% de variação. Mas o grande destaque ficou com Não-Me-Toque, onde mais da metade dos empregos estão na indústria. Lá, o setor cresceu em 4,4% os vínculos de trabalho ativos, gerando um crescimento de 1,2% no número total de postos de trabalho do município.

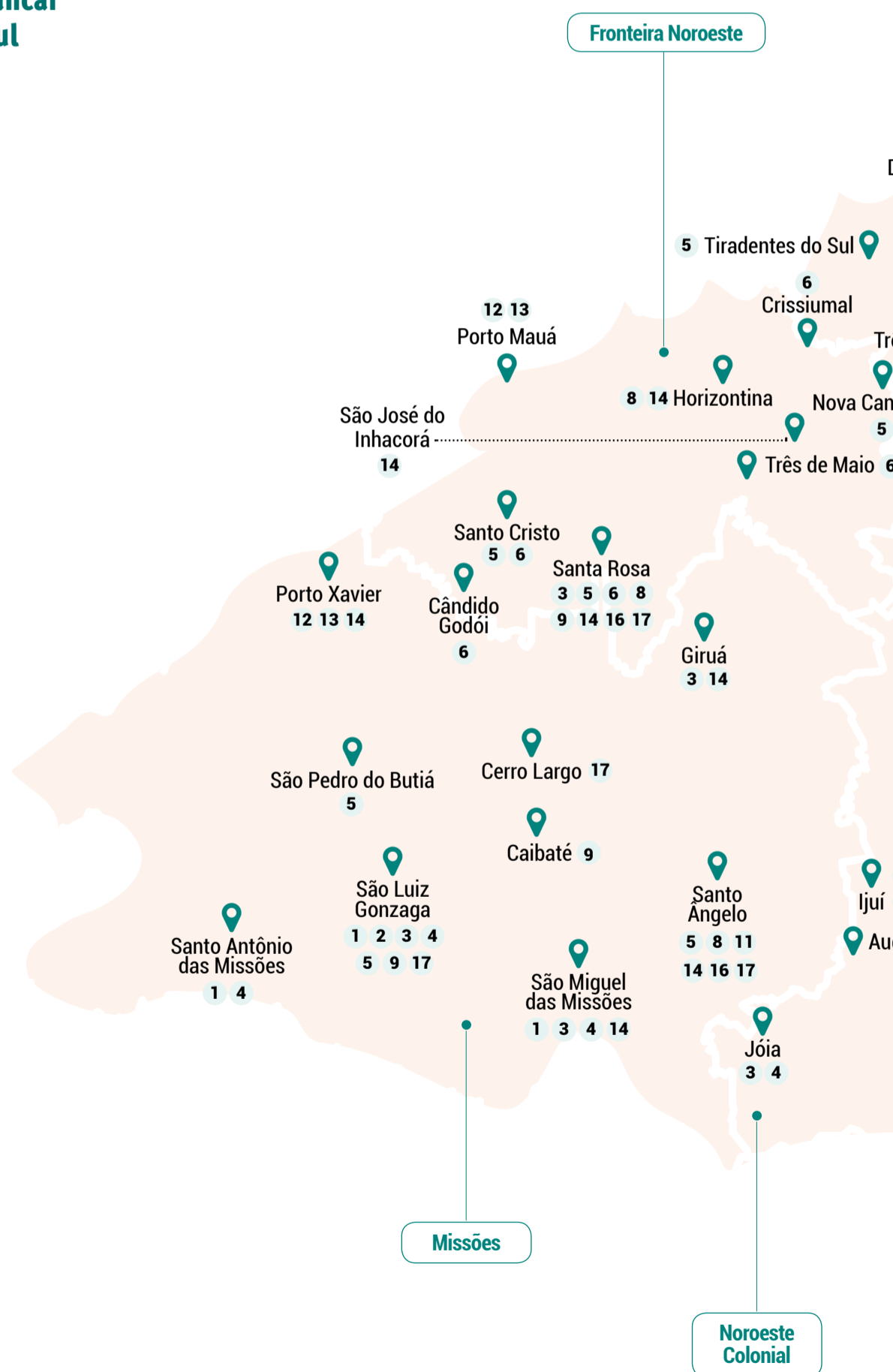
## PANORAMA

# Mapa aponta novas oportunidades para a Macrorregião Norte do RS

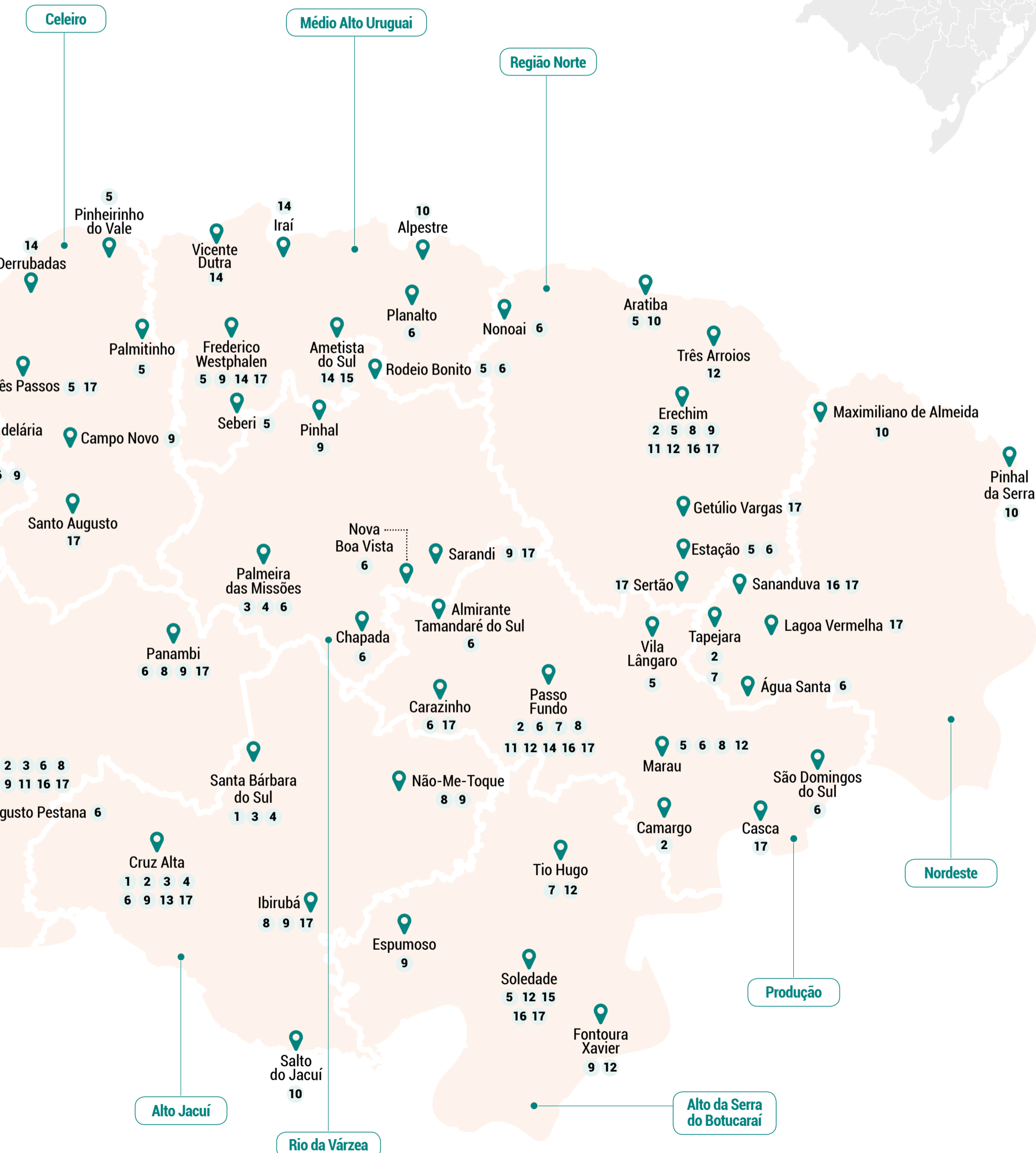
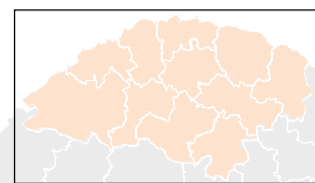
Conheça 17 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul

Ana Stobbe, Eduardo Torres e Gabrieli Silva

- 1 Irrigação abre mercado de sementes
- 2 Produção de biocombustíveis
- 3 Canola e as safras de inverno
- 4 Os grãos de verão
- 5 Suinocultura é o carro-chefe das exportações da região
- 6 Proteína dita o ritmo da indústria leiteira
- 7 Avançam projetos de inovação com fertilizantes
- 8 Os especialistas da indústria pesada
- 9 A força do cooperativismo
- 10 Demanda por energia
- 11 Aeroportos regionais
- 12 Rodovias que carregam desenvolvimento
- 13 Pelos trilhos e pelas águas
- 14 Infraestrutura para o turismo nas Missões
- 15 Setor de pedras preciosas se reinventa contra a crise
- 16 Polo de saúde
- 17 Universidades



## MACRORREGIÃO NORTE DO RS



# Agricultura, indústria e serviços impulsionam economia da Macrorregião Norte do Estado

Mapeamento das atividades econômicas mostra iniciativas que já são realidade e novas oportunidades para o desenvolvimento regional

1

## Irrigação abre mercado de sementes

Ainda em ritmo lento, a irrigação das lavouras da macrorregião avança, especialmente nas Missões. Onde os pivôs foram instalados, produtores têm conseguido desenvolver um polo produtor de sementes de soja e cultivar uma safra dupla no verão, juntamente com o milho. Cinco cooperativas da região desenvolvem o projeto. Oito entre os dez municípios com maiores áreas irrigadas por pivôs são da região, no entanto, menos de 300 mil hectares de soja são irrigados no Estado hoje. Levantamento da Famurs mostra que 1,1 milhão de hectares são muito aptos à irrigação, e aí está a oportunidade para futuros investimentos.

2

## Produção de biocombustíveis

A incerteza mundial sobre o petróleo abre maiores oportunidade para a produção de biocombustíveis, que têm na macrorregião o seu maior potencial no Rio Grande do Sul. Produto desenvolvido aqui, o BeVant, da Be8, por exemplo, tem sido apresentado ao mundo em eventos como a Feira de Hannover. Na região, a solução limpa para produção de combustíveis abre caminho para o potencial de novos grãos, como a canola, além da soja. E a 3tentos avança na sua usina "flex" em Ijuí. Em São Luiz Gonzaga, o projeto conjunto entre Camera e Celena criou a primeira usina 100% dedicada à canola para a produção de biodiesel.

3

## Canola e as safras de inverno

O desafio de garantir cobertura de solo o ano inteiro contra as variações climáticas há muito depende da possibilidade de rentabilidade ao produtor para cultivar safras de inverno. De um lado, a indústria de biocombustíveis incentiva o plantio de grãos como a canola e o trigo. De outro, o novo perfil do consumidor de alimentos é a mola propulsora para a produção de aveia na região.

4

## Os grãos de verão

Depois de uma sequência de safras com quebra, de maneira geral, a soja teve resultado positivo em 2026, mesmo com algumas regiões, como as Missões, ainda sofrendo por conta da estiagem. A expectativa dos produtores vai além do campo, e também chega ao preço das commodities. Diferente de anos anteriores, somente um dos principais municípios exportadores da região, Ijuí, teve a comercialização da soja, já processada, como principal produto na sua balança comercial com o Exterior. A rentabilidade das safras de verão, porém, ganha reforço do milho, com a valorização da produção suína na região.

5

## Suinocultura é o carro-chefe das exportações da região

Onde há frigoríficos estabelecidos com portas abertas para o Exterior, a mobilização e geração de renda para toda a cadeia produtiva nos arredores são imediatos. Em Sananduva, por exemplo, as exportações do primeiro semestre tiveram uma explosão incomparável com o mesmo período de 2025 desde que a Ecofrigo assumiu o frigorífico local. Em Santa Rosa, Santo Ângelo e Estação, a gaúcha Alibem disputa em igualdade o mercado com gigantes como JBS e MBRF. O fortalecimento da cadeia integrada de produção suína mobiliza até mesmo produtores independentes a assumirem um frigorífico e entrarem nas exportações. A macrorregião responde por 75% da produção gaúcha de suínos.

6

## Proteína dita o ritmo da indústria leiteira

A partir da principal bacia leiteira gaúcha, no Noroeste, o ritmo da indústria do setor segue o rumo da produção com maiores índices de proteína em produtos lácteos e do chamado whey, a partir do processamento do soro do leite. Já são quatro indústrias especializadas instaladas na região. Em Palmeira das Missões, laticínios locais investem na ampliação da Whey do Brasil.

7

## Avançam projetos de inovação com fertilizantes

Projetos para a produção de fertilizantes a partir de hidrogênio verde, em futuras plantas em Passo Fundo e Tio Hugo, e a partir de matéria orgânica da produção de frangos e minerais, em Tapejara, ganham força. Completa este ciclo de inovações o projeto da Bio, em Passo Fundo, que deverá fornecer biometano por encanamento a toda a cidade, a partir da produção de gás processado de resíduos de agroindústrias da região.

8

## Os especialistas da indústria pesada

O terceiro maior polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul, na Macrorregião Norte, tem cada vez mais ganhando protagonismo em mercados especializados. Uma realidade que é vista no campo, com a indústria de máquinas e implementos desenvolvendo produtos adequados às variações climáticas que transformam as lavouras na região, no desenvolvimento de implementos do tamanho do investimento possível ao setor agrícola local e até na produção de veículos pesados.

9

## A força do cooperativismo

A região concentra algumas das principais organizações do cooperativismo, tanto na organização rural quanto na infraestrutura. E elas têm sido protagonistas na economia local, desde a manutenção da produção rural e avanço, por exemplo, na geração e transmissão de energia, como também na dianteira e alguns dos principais investimentos industriais na região. E isso representa impulso ao futuro da economia local.

10

## Demanda por energia

O Norte do Rio Grande do Sul vive um dos momentos mais dinâmicos de sua história recente, o que reflete no aumento da demanda por energia, transformando o setor em um dos principais alicerces para sustentar o desenvolvimento econômico dos próximos anos.

11

## Aeroportos regionais

A infraestrutura aeroportuária da Macrorregião Norte do Rio Grande do Sul combina operação consolidada na aviação geral com um novo ciclo de investimentos voltado à ampliação da conectividade regional. Os aeroportos de Erechim, Ijuí, Passo Fundo e Santo Ângelo refletem esse cenário, marcado por limitações físicas, dependência da demanda empresarial e, mais recentemente, pela entrada da iniciativa privada na gestão.

12

## Rodovias que carregam desenvolvimento

As rodovias na macrorregião consolidaram-se como eixos para o desenvolvimento. Por isso, aportes em duplicações e pavimentações são caminhos para o futuro da região. Em 2026, a concessionária Motiva ViaSul, por exemplo, entregará 55 quilômetros de duplicação na BR-386, entre Fontoura Xavier e Tio Hugo. Entre Passo Fundo e Erechim, é esperada a licitação para pavimentação da Transbrasiliana no seu único trecho em todo o País ainda com chão de terra. Rodovias estaduais como a ERS-135 fazem parte do próximo bloco de rodovias a ser leiloadas para concessão pelo governo do Estado. E há ainda as pontes internacionais sobre o Rio Uruguai, que representarão a aproximação do Noroeste do Estado com mercados fundamentais na América do Sul.

13

## Pelos trilhos e pelas águas

Há um compasso de espera na região, inclusive com avaliação sobre investimentos previstos pela Soli3, em Cruz Alta, sobre qual será a forma da próxima concessão das ferrovias do Rio Grande do Sul. Fica justamente em Cruz Alta o único ramal realmente ativo da Malha Sul no Estado. Há, também expectativa quanto à implantação da Hidrovia do Mercosul, no Sul do Estado, que pode representar uma oportunidade de transporte de cargas pelas águas do Rio Uruguai rumo ao Porto de Rio Grande.

14

## Infraestrutura para o turismo nas Missões

Começaram a ser desembolsados os recursos do Estado para melhorias e instalações de estruturas turísticas e culturais nos municípios das Missões Jesuíticas Guaranis, a partir dos 400 anos das Missões. Agora, a região mobiliza-se para melhorar a infraestrutura, com hotéis, restaurantes e um calendário de atrações para transformar o turismo da região. Rotas como as águas termais, o Salto do Yucumã, as minas de pedras preciosas de Ametista do Sul e a pesca esportiva no Rio Uruguai podem gerar roteiros alongados, com maior permanência e valor deixado na região pelos turistas.

15

## Setor de pedras preciosas se reinventa contra a crise

Fortemente atingidas pelo tarifaço norte-americano e baixa capacidade de investimento e competitividade industrial em relação aos chineses, as indústrias de pedras preciosas entram no mundo das vendas digitais para manter e reconquistar clientes no Exterior. Com 80 indústrias e 215 produtores independentes em Soledade, além de 30 empresas em Ametista do Sul, o setor destina 70% da sua produção às vendas externas.

16

## Polo de saúde

A Macrorregião Norte é referência em serviços de saúde e tem Passo Fundo como o terceiro maior polo de saúde do Sul do Brasil, atrás apenas de Porto Alegre e Curitiba. A capacidade de atendimento e o investimento em tecnologia são destaques também em Erechim e Ijuí, referências regionais.

17

## Universidades

As universidades seguem se consolidando na macrorregião. Em Passo Fundo, já conhecida como um polo educacional, a UFFS estreou o curso de Enfermagem no início do ano e projeta a criação de um hospital universitário, enquanto a UPF inaugurou o distrito de inovação Passo Fundo Valley.

DEMOGRAFIA

# RS deve começar a perder população a partir de 2027

**Transição demográfica está mais acelerada no RS do que em outros estados do Brasil**

Ana Stobbe

A população brasileira está envelhecendo. Em um cenário no qual mulheres têm menos filhos e a longevidade cresce, a tendência é de que o número de moradores comece a diminuir. Essa realidade está mais acentuada no Rio Grande do Sul, que concentra 19 das 20 cidades brasileiras com mais idosos, conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022. Cinco

dessas cidades estão na Macrorregião Norte: Florianópolis, Três Arroios, Porto Lucena, Barra do Rio Azul e Alecrim.

Entre os gaúchos, o número de habitantes deverá começar a decair já em 2027, enquanto, no nível nacional, a projeção é de que isso aconteça apenas em 2042.

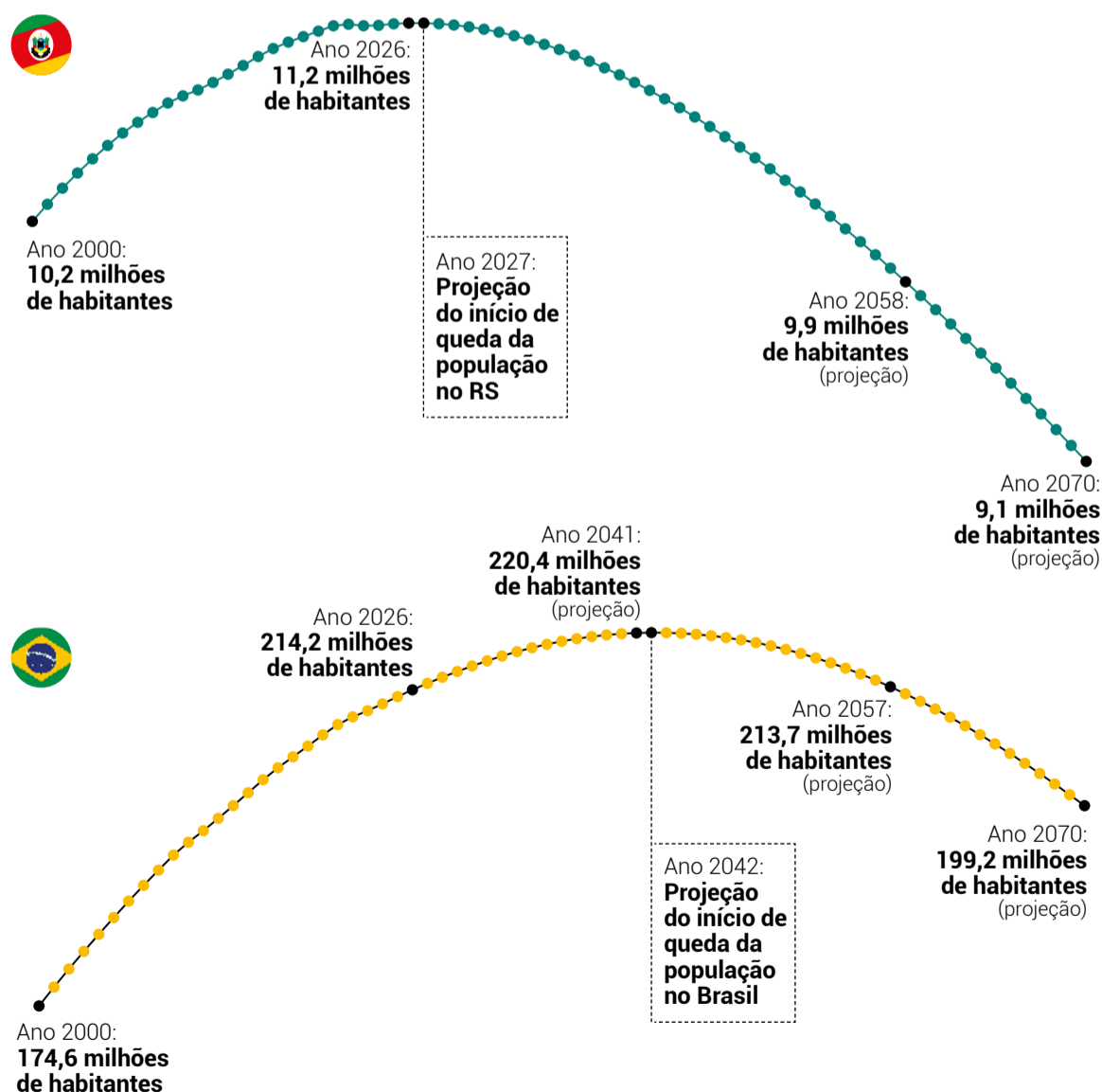
Um dos principais motivos é a queda nas taxas de fecundidade — ou seja, a média de filhos para cada mulher. A redução é fruto de variáveis como o aperfeiçoamento e a disseminação de métodos contraceptivos, aliada ao aumento da escolaridade.

Atualmente, as regiões Sul e Sudeste do Brasil têm os indicadores mais baixos do País, incluindo

as maiores idades médias em que as mulheres se tornam mães. No Rio Grande do Sul, em 2010, as gaúchas tinham seus filhos, em média, aos 27,8 anos. Em 2022, aos 29 anos, a segunda maior média do País, abaixo apenas do Distrito Federal.

A isso, soma-se um problema: um alto índice de gaúchos deixando o Estado, movimento que não é compensado pela chegada de novos residentes. O Rio Grande do Sul possui mais emigrantes do que imigrantes, com um saldo migratório negativo de 77.839 habitantes no Censo de 2022. Conforme o IBGE, a taxa líquida de migração, que mede a parcela populacional que um local perdeu ou ganhou pelos movimentos migratórios, foi de -0,72%.

## Evolução e projeção da população no RS e no Brasil



Pico populacional do Rio Grande do Sul será atingido em 2026 e número de habitantes no Estado começará a cair a partir de 2027, projeta o IBGE. No Brasil, o auge da população está previsto para 2041, com queda a partir do ano seguinte. Até o ano 2070, a estimativa é que a população gaúcha terá caído para 9,1 milhões de habitantes, 2 milhões a menos que o patamar atual.

## Ranking de população no RS por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	População 2022	Percentual da população gaúcha	Macrorregião no Mapa Econômico
1. Metropolitano	2.356.190	21,6%	Metropolitana
2. Vale do Rio dos Sinos	1.332.814	12,2%	Metropolitana
3. Serra	940.311	8,6%	Serra
4. Sul	819.462	7,5%	Sul
5. Fronteira Oeste	509.159	4,6%	Sul
6. Vale do Rio Pardo	424.237	3,9%	Central e Vales
7. Central	393.423	3,6%	Central e Vales
8. Litoral	372.693	3,4%	Metropolitana
9. Produção	369.768	3,4%	Norte
10. Vale do Taquari	361.273	3,3%	Central e Vales
11. Centro-Sul	245.561	2,25%	Sul
12. Missões	240.593	2,21%	Norte
13. Norte	222.274	2,0%	Norte
14. Campanha	215.447	1,97%	Sul
15. Paranhana-Encosta da Serra	209.953	1,92%	Serra
16. Fronteira Noroeste	209.168	1,92%	Norte
17. Vale do Caí	185.756	1,7%	Serra
18. Noroeste Colonial	175.309	1,6%	Norte
19. Médio Alto Uruguai	154.343	1,42%	Norte
20. Alto Jacuí	152.876	1,4%	Norte
21. Hortênsias	149.675	1,3%	Serra
22. Celeiro	135.755	1,25%	Norte
23. Jacuí Centro	133.980	1,23%	Central e Vales
24. Nordeste	130.933	1,20%	Norte
25. Rio da Várzea	129.702	1,19%	Norte
26. Vale do Jaguarí	111.066	1,0%	Central e Vales
27. Campos de Cima da Serra	100.839	0,93%	Serra
28. Alto da Serra do Botucarái	98.045	0,90%	Norte
<b>Total - RS</b>	<b>10.882.965</b>	<b>100%</b>	

FONTE: IBGE

## Saiba onde houve crescimento populacional no Rio Grande do Sul entre 2010 e 2022

O Rio Grande do Sul ganhou pouca população entre 2010 e 2022, anos em que foram realizados os últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apenas 3 dos 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) cresceram demograficamente com índices de dois dígitos:

- 📍 **Litoral Norte +25,8%**
- 📍 **Hortênsias +17,89%**
- 📍 **Vale do Taquari +10,24%**

## Região da Produção é destaque

Na Macrorregião Norte, o Corede da Produção, onde fica Passo Fundo, é o que teve a maior variação positiva de população entre os censos de 2010 e 2022 do IBGE: 9,38%. Nessa região estão muitos dos municípios com destaque na geração de emprego.

Além desta, a metade Norte

do Estado teve ganho populacional em outras cinco regiões: Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Médio Alto Uruguai, Nordeste e Norte. As outras seis regiões tiveram variação negativa no índice de população: Missões, Alto Jacuí, Celeiro, Rio da Várzea e Alto da Serra do Botucarái.

## AGRONEGÓCIO

# Irrigação abre mercado de sementes de soja para os gaúchos

**Dados apontam que a produção da soja em áreas irrigadas garante 80% mais produtividade**

Eduardo Torres

A irrigação, apontada como uma das formas de enfrentar o desequilíbrio climático para o cultivo no verão no Estado, avança a passos curtos na Macrorregião Norte. Em São Luiz Gonzaga, nas Missões, por exemplo, fica a maior área já irrigada com o uso de pivôs nessa parte do RS. A Cooperativa Tritícola Regional São-luizense (Tricopatia) contabiliza, no entanto, somente 80 mil hectares, do total de 550 mil hectares cultivados com soja na região, já com sistemas de irrigação instalados. Mesmo com dados que comprovam a produtividade maior nessas condições, a irrigação não tem alterado muito a estatística em São Luiz Gonzaga.

No entanto, tem aberto a oportunidade para um nicho do mercado: o desenvolvimento de sementes de soja. "É uma forma garantir valor agregado à produção e fazer o

sistema se pagar. Hoje, as Missões se tornaram uma referência na produção de sementes irrigadas. No caso da cooperativa, produzimos primeiro para atender ao nosso produtor, mas hoje já estamos comercializando inclusive no Paraná", comenta o presidente da Coopatrigo, Paulo Pires.

Segundo ele, este ainda é um mercado em expansão. Representa somente 5% do faturamento da cooperativa, que reúne 8 mil associados. Hoje, pelo menos cinco cooperativas da região reservam áreas irrigadas para a produção de sementes de soja e de milho no verão.

Conforme a Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária e Irrigação (Seapi), a produção da soja em áreas irrigadas garante 80% mais produtividade. No entanto, mesmo com um crescimento de 85,2% nas áreas irrigadas para esse cultivo entre 2020 e 2025, chegando a 242 mil hectares no Estado, isso representa somente 3,6% de toda a área plantada com o grão pelos produtores gaúchos. Um levantamento da Famurs aponta que 18% da área hoje cultivada em sequeiro no Rio Grande do Sul teria potencial para instalação de sistemas de irrigação.



COOPATRIGO/DIVULGAÇÃO/JC

Pelo menos cinco cooperativas das Missões reservam áreas irrigadas para a produção de sementes

Seriam 3,6 milhões de hectares.

A estimativa é de que a produção gaúcha de soja neste ano chegue a 19 milhões de toneladas em uma área de 6,6 milhões de hectares. De modo geral, melhor do que os poucos mais de 13 milhões de toneladas de 2025, mas novamente houve desequilíbrio nas condições climáticas.

No caso da Coopatrigo, a quebra chega a 45%. Poderia ser diferente, comenta Paulo Pires, se as condições para implantação da irrigação fossem outras. "A irrigação é a verticalização da lavoura. É o que nos dá condições de produzir mais em menos hectares, porque o produtor ganha confiabilidade no resultado e segurança para investir, sem o risco de perda. O problema é que o aumento de áreas irrigadas não está no ritmo que o governo estadual divulga. Hoje, quem quer fazer irrigação, encontra dificuldades legais e burocráticas entre o licenciamento e a fiscalização", aponta o dirigente.

## Produção de soja (área)

Palmeira das Missões (5º no RS): 110 mil hectares

Cruz Alta (9º no RS): 92,4 mil hectares

São Luiz Gonzaga (10º no RS): 85,5 mil hectares

Jóia (11º no RS): 82,9 mil hectares

Santa Bárbara do Sul (13º no RS): 75 mil hectares

## Produção de soja (colheita)

Palmeira das Missões (2º no RS): 363 mil toneladas

Cruz Alta (3º no RS): 339,2 mil toneladas

Santa Bárbara do Sul (5º no RS): 301,2 mil toneladas

São Luiz Gonzaga (6º no RS): 275,8 mil toneladas

Jóia (8º no RS): 253,6 mil toneladas

FONTE: SEAPI 2025; IBGE 2024; FAMURS

## Produção de milho (área)

Palmeira das Missões (4º no RS): 14,5 mil hectares

São Luiz Gonzaga (5º no RS): 14,2 mil hectares

São Miguel das Missões (8º no RS): 10,5 mil hectares

Cruz Alta (9º no RS): 10 mil hectares

Santo Antônio das Missões (12º no RS): 7,5 mil hectares

## Produção de milho (colheita)

Palmeira das Missões (2º no RS): 140,4 mil toneladas

São Luiz Gonzaga (3º no RS): 96,3 mil toneladas

Cruz Alta (6º no RS): 75,8 mil toneladas

São Miguel das Missões (8º no RS): 71,4 mil toneladas

Santa Bárbara do Sul (9º no RS): 54 mil toneladas

FONTE: SEAPI 2025; IBGE 2024; FAMURS

## Dados sobre a irrigação

▶ Regiões ao norte do Rio Grande do Sul, onde há tradição no cultivo da soja, são consideradas prioritárias para implementação de sistemas de irrigação. Entre os 10 principais municípios com sistemas de pivô, oito estão na macrorregião.

▶ Entre a safra 2020/21 e a safra 2024/2025, o tamanho das áreas de soja irrigada cresceu 85,2% no Estado, chegando a 242,01 mil hectares, que representa só 3,6% da área cultivada com o grão.

▶ No mesmo período, o tamanho da área irrigada com milho cresceu 46,4%, chegando a 117,05 mil hectares, que representam só 16% da área cultivada com grão.

▶ Levantamento da Famurs aponta uma área de 1,1 milhão de hectares (5% de toda a área de lavouras no Estado) teria grande aptidão para implantação de sistemas de irrigação. Seria cinco vezes mais do que a área atual.

## Principais irrigantes na região

▶ São Luiz Gonzaga (2º no RS)

▶ Cruz Alta (3º no RS)

▶ Santa Bárbara do Sul (4º no RS)

▶ Santo Antônio das Missões (5º no RS)

▶ São Miguel das Missões (6º no RS)

FONTE: SEAPI 2025; IBGE 2024; FAMURS

## Investimento em irrigação é baixo

Levantamento da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs) aponta que, na safra de 2023/2024, foram concedidos R\$ 52,3 bilhões no Rio Grande do Sul para linhas de crédito à agricultura, mas só 0,67% desse valor, ou R\$ 350,8 milhões, foram destinados a projetos de irrigação.

A partir do programa Irriga RS, o governo do Estado aponta que, até o final de julho do ano passado, 1,4 mil projetos foram aprovados em todo o Rio Grande do Sul para novas áreas irrigadas. Em duas fases do programa, teriam sido investidos pela iniciativa privada R\$ 460 milhões, com mais de R\$ 50 milhões subsidiados pelo poder público – até 10% dos projetos para implantação de pivôs.

No caso da Coopatrigo, o momento não é de investimentos, mas de espera, em virtude do endividamento do produtor e das commodities no Brasil e no mundo. Os aportes neste ano limitam-se a erguer, em

Santo Antônio das Missões, uma nova unidade de recebimento, com um novo silo, desembolsando R\$ 36 milhões.

A partir de Não-Me-Toque, no Alto Jacuí, a cooperativa Cotrijal investe R\$ 100 milhões neste ano entre ampliação de unidades de recebimento e aprimoramento no desenvolvimento de sementes e na produção de rações. Na sua área de produção, o resultado da soja garantiu um pouco mais de respiro aos produtores, fechando com um crescimento de 12% em relação ao ano ruim de 2025. Ainda assim, o desafio, como aponta o presidente da cooperativa, Nei Manica, é grande e exige um novo direcionamento da área de pesquisa.

"A irrigação tem avançado de forma ainda tímida dentro da nossa área de atuação, embora tenha ganhado um pouco mais de força nos últimos anos. Esse avanço aconteceu, principalmente, em função

dos seguidos anos de estiagem que enfrentamos recentemente. Diante desse cenário, o trabalho tem sido voltado para levar mais conhecimento aos produtores, especialmente em relação ao manejo dessas áreas irrigadas. Além disso, também estamos iniciando estudos mais aprofundados sobre irrigação, um tema que até pouco tempo atrás não fazia parte das nossas principais prioridades. Porém, com a sequência de estiagens, tornou-se necessário estudar mais o assunto e começar a auxiliar os produtores também nesse sentido", aponta Manica.

Segundo ele, a prioridade no setor de pesquisa e validação da Cotrijal é "buscar, testar e difundir tecnologias que apoiem os associados a terem mais renda nas propriedades", no que ele considera uma nova etapa de desenvolvimento no campo, depois de muitos anos trabalhando para garantir maior produtividade nas áreas cultivadas.

AGRONEGÓCIO

# Milho sustenta produtividade, mas rentabilidade ameaça próxima safra

**Safra que está na fase final da colheita pode ser considerada uma das mais produtivas da história recente da cultura no Estado**

Ana Esteves

A Macrorregião Norte do Rio Grande do Sul voltou a confirmar sua vocação como principal polo produtor de milho do Estado. Apesar de períodos de estiagem ao longo da última safra, os resultados nas lavouras colocam 2024/2025 entre os melhores ciclos da cultura nos últimos anos, reforçando a importância do cereal para a sustentabilidade dos sistemas produtivos gaúchos.

Conforme dados da Emater-RS/Ascar, relativos à região de Santa Rosa, no milho a produção deve ser 66.822 toneladas maior do que previsto inicialmente. No plantio era esperada a colheita de 1.133.008 toneladas e agora a projeção é de 1.199.830 toneladas. A área também foi revisada para cima, tendo sido registrados 12.703 hectares (ha) a mais, quando comparados os 137.501 ha da primeira estimativa com os 150.204 ha de agora. A produtividade média indicada pela estimativa atual é de 7.988 kg/ha, menos 3,1% do que os 8.240 kg/ha iniciais.

"O milho tem demonstrado maior estabilidade na produção, especialmente quando cultivado dentro da janela adequada e com práticas de manejo apropriadas", afirmou o presidente da Emater-RS, Claudinei Baldissera. No Estado, a área do milho é de 803.019 hectares, com produtividade de 7.424 kg/ha, que devem resultar em uma produção final de 5.961.639 toneladas do cereal.

De acordo com o assistente técnico em culturas da Emater, Alencar Rugeri, a safra que está na fase final da colheita pode ser considerada uma das mais produtivas da história recente da cultura no Estado. "Foi um ano bom de milho, foi uma das melhores safras que tivemos em termos de rendimento. Está entre as três melhores da nossa história", afirma.

Segundo ele, a Região Norte apresentou desempenho ainda mais expressivo por reunir características naturais favoráveis à cultura, especialmente em relação ao regime de chuvas, pois historicamente os municípios localizados nessa faixa do Estado registram precipitações mais regulares, fator que contribui diretamente para a estabilidade produtiva.



BRUNA SCHEIFLER/COTRIJAL/DIVULGAÇÃO/JC

*Elevados índices de produtividade estão ligados ao nível de profissionalização dos produtores*

Mesmo assim, Rugeri ressalta que os resultados variam entre propriedades e municípios, uma vez que houve casos de produtores que enfrentaram perdas significativas devido a escolhas inadequadas de cultivares ou épocas de plantio. No entanto, na média regional, o desempenho foi bastante positivo. "Quando analisamos o conjunto da região, os números são muito bons. É uma área que tem um potencial produtivo diferenciado e isso apareceu mais uma vez nesta safra", destaca.

Mais do que as condições climáticas, o dirigente atribui os elevados índices de produtividade ao nível de profissionalização dos produtores que mantêm o milho dentro de um planejamento agrícola de longo prazo. Para ele, o sucesso da cultura está baseado em três pilares: planejamento, gestão e profissionalismo. "O produtor de milho não é simplesmente um plantador. É alguém que trabalha dentro de um sistema de produção organizado. Ele define com antecedência o que fará em cada área da propriedade e mantém uma estratégia independente das oscilações de mercado", explica.

Além do manejo mais técnico, o avanço genético das sementes e a evolução do conhecimento agrônomo também têm contribuído para o aumento da produtividade. No entanto, Rugeri destaca que o principal diferencial continua sendo a adoção do milho como componente permanente da rotação de culturas, uma prática que gera benefícios que vão muito além da própria lavoura do cereal: melhora a cobertura do solo, favorece a estrutura física das áreas

## Os números da produtividade

No Estado, a área do milho é de 803.019 hectares, com produtividade de 7.424 kg/ha, que devem resultar em uma produção final de 5.961.639 toneladas do cereal.

cultivadas e aumenta a produtividade das culturas seguintes, especialmente a soja. "Quem planta milho está construindo um sistema mais resiliente. Um produtor pode ganhar facilmente mais de 10% de produtividade na soja plantada após o milho. É uma relação de ganho mútuo que precisa ser observada no médio e no longo prazo", afirma.

Para a próxima safra as perspectivas são positivas, pois as projeções climáticas associadas ao fenômeno La Niña indicam condições potencialmente favoráveis ao desenvolvimento da cultura durante a primavera, período decisivo para o milho no Rio Grande do Sul. Com maior expectativa de chuvas, muitos produtores já demonstram disposição para ampliar os investimentos na cultura, especialmente em áreas onde o planejamento agrícola prevê a manutenção da rotação. "Em anos favoráveis ao milho, o produtor pode trabalhar com populações maiores de plantas e intensificar o manejo nutricional, porque o potencial de resposta da cultura é muito grande. O milho é extremamente responsivo às boas condições climáticas", explica Rugeri. Enquanto a área destinada ao trigo

enfrenta incertezas e tende a recuar em algumas regiões, o milho aparece como uma alternativa estratégica para produtores que buscam produtividade, sustentabilidade e estabilidade dos sistemas agrícolas. Para a principal região produtora do Estado, a expectativa é que o cereal continue exercendo papel fundamental tanto na rentabilidade das propriedades quanto na construção de uma agricultura mais resiliente diante dos desafios climáticos e econômicos dos próximos anos.

Embora a safra principal tenha apresentado resultados satisfatórios, o mesmo não ocorreu com parte das lavouras de milho safrinha. O presidente da Associação dos Produtores de Soja do Rio Grande do Sul (Aprosoja), Irineu Orth, relata que as geadas em maio provocaram perdas importantes em áreas semeadas mais tardiamente. "O milho da safra principal teve comportamento praticamente normal, especialmente nas áreas irrigadas. A falta de chuva teve poucos efeitos. Já o milho safrinha sofreu bastante. As geadas atingiram lavouras plantadas em janeiro e fevereiro e causaram prejuízos significativos", afirma. Segundo Orth, algumas áreas ainda serão colhidas, mas com produtividade inferior ao esperado e perda de qualidade dos grãos.

Em outras propriedades, os danos foram tão severos que a colheita sequer deverá ocorrer. "Tem áreas em que o produtor não vai colher nada. Em outras, vai colher menos e com qualidade comprometida. Esse é um problema sério para quem apostou na segunda safra", ressalta.

Orth destaca ainda que a baixa

remuneração do produtor continua sendo um dos principais desafios da atividade, com a saca de 60kg de milho negociada em torno de R\$ 64 no mercado gaúcho, valor considerado insuficiente para cobrir adequadamente os custos de produção e garantir margem de rentabilidade.

"Para equilibrar melhor a atividade, seria necessário trabalhar com preços entre R\$ 70 e R\$ 80 por saca. Hoje estamos cerca de 20% abaixo desse patamar", observa Orth. A situação preocupa especialmente em um momento em que fertilizantes, defensivos agrícolas, combustíveis, máquinas e serviços continuam pesando no orçamento das propriedades. Para Rugeri, o atual cenário exige um nível de gestão cada vez mais profissional. "Não é aumentando gastos que o produtor necessariamente ganha mais dinheiro. O que faz diferença é a eficiência. É preciso avaliar alternativas, observar oportunidades e usar os recursos de forma estratégica. Quem não fizer gestão terá dificuldades", afirma. Entre as estratégias adotadas estão o aproveitamento de fertilizantes orgânicos, como cama de aviário, e o uso mais criterioso de defensivos, sempre com base em monitoramento técnico e análise das condições climáticas.

A preocupação com custos se soma ao desafio de manter a área cultivada com milho. A participação da cultura na agricultura gaúcha é considerada inferior ao ideal pelos especialistas: enquanto sistemas mais sustentáveis recomendam uma presença próxima de um terço da área agrícola em rotação, o percentual efetivamente cultivado permanece bem abaixo desse patamar.

Além dos desafios de mercado, o setor enfrenta um problema que se arrasta há várias safras: o elevado endividamento dos produtores gaúchos após sucessivos eventos climáticos extremos.

Orth avalia que a indefinição em torno das medidas de renegociação e alongamento das dívidas rurais pode comprometer o planejamento da próxima temporada. "O grande problema hoje não é a falta de máquinas, de tecnologia ou de conhecimento. O problema é recurso para plantar. Muitos produtores estão descapitalizados e aguardam definições sobre o alongamento das dívidas para poder acessar novos financiamentos", afirma.

Segundo ele, a preocupação já afeta o planejamento das culturas de inverno, como trigo, cevada e aveia. "A área de trigo deve diminuir e muitos produtores vão investir menos em fertilizantes e tecnologia. Isso tende a repercutir também no milho, porque a compra dos insumos para a safra de verão começa agora, entre junho e julho", explica.

## BIOCOMBUSTÍVEIS

# Crise do petróleo pode garantir safra o ano inteiro

**Neste ano o Estado deve dobrar a produção de canola na safra de inverno**

**Eduardo Torres**

"A canola será a soja do inverno."

A frase é do presidente da CCGL, Caio Vianna, que responde por mais de 70% da soja exportada pelo Rio Grande do Sul e por 52% de todas as exportações agrícolas gaúchas. A estimativa é de que neste ano o Estado deva plantar mais de 500 mil hectares com canola na safra de inverno, mais do que o dobro do último ano, tendo justamente a faixa Noroeste e Norte do Estado como as principais áreas de cultivo. O estímulo vem da indústria de biodiesel, vitaminada pela crise do petróleo mundial e uma previsível alta na demanda por biocombustíveis.

Tendo a soja como base dessa produção, a macrorregião tem todo o know-how para garantir um papel importante na nova onda de combustíveis limpos. Atualmente, são nove indústrias produtoras de biodiesel autorizadas pela ANP no Rio Grande do Sul (cinco ficam na macrorregião), e há investimentos em andamento para aumentar essa cadeia. Entre os protagonistas do setor está a Be8 que, a partir de Passo Fundo e também da produção no Centro-Oeste e no Norte do País, garante hoje a liderança no mercado de biodiesel brasileiro, com produção de 1,4 bilhão de litros de biocombustível à base de soja anualmente.

Neste ano, a empresa chamou atenção do mundo, na Feira de Hannover, com o seu BeVant, biocombustível próprio, menos poluente e mais eficiente. Uma evolução que, naturalmente, avança para outros grãos e, no caso do Rio Grande do Sul, para o estímulo ao crescimento das safras de inverno.

"Se não tivéssemos a presença de 15% de biodiesel no combustível hoje, no Brasil, a dependência, e por consequência, a crise em relação ao petróleo seria muito maior. E nós temos no Rio Grande do Sul hoje a

segunda maior capacidade de produção, mas ainda subaproveitada. Temos, no verão, entre soja e milho, até 8 milhões de hectares plantados, mas no inverno, entre trigo, canola e pastagens, não chegamos nem a 2 milhões de hectares. Temos muito a desenvolver, porque agora há demanda crescente da indústria e possibilidade real de rentabilidade ao produtor", explica o vice-presidente de operações da 3tentos, Luiz Augusto Dumoncel.

A empresa, que opera uma unidade de processamento de grãos em Cruz Alta e produz biodiesel em Ijuí, investe este ano R\$ 100 milhões para ampliar a capacidade de esmagamento de soja em Cruz Alta e, principalmente, consolidar uma indústria "flex", com produção de biodiesel a partir da soja, mas também a partir da canola na planta de Ijuí.

Entre dezembro e fevereiro, a empresa já produziu seus primeiros lotes de combustível a partir do grão de inverno, mas ainda contratando uma empresa esmagadora de Guarani das Missões para a primeira parte do processamento da canola. O plano da 3tentos é ampliar a sua capacidade produtiva de biocombustível de mil para 1,5 mil metros cúbicos por dia. Para isso, em Cruz Alta a empresa passa de 3 mil para 4 mil toneladas de soja esmagadas por dia e, em Ijuí, serão 2 mil toneladas de soja e 1,2 mil toneladas de canola a serem esmagadas por dia.

A escolha pela canola não foi aleatória. De acordo com Dumoncel, enquanto a soja concentra 20% de óleo em cada grão, o percentual da



Canola chega a concentrar 40% de óleo em cada grão

canola chega a 40%. Dos até 500 mil hectares previstos para cultivo de canola neste ano no Estado, mais de 100 mil terão fomento a 3tentos.

"Via de regra, aquele produtor que produz soja para nós, também passou a produzir a canola no inverno. Se a demanda seguir alta, como é a tendência, eu acredito que o Rio Grande do Sul passará de 1 milhão de hectares cultivados com esse grão", avalia Dumoncel.

E isso representará também um novo papel para o Rio Grande do Sul no mercado de biocombustíveis mundial. Hoje, 70% da produção de soja da empresa é destinada ao biodiesel, com o restante comercializado em farelo. Na canola, a expectativa é de quase 100% da destinação aos óleos, em especial, ao usado como combustível.

"A canola abre um leque mais extenso de oportunidades. Pensando na União Europeia, por exemplo, a alimentação humana, como o óleo, é bem valorizada. Mas a médio prazo, trabalhamos com a ideia de exportar para a Europa como matéria-prima no processamento de outras

formas de biodiesel, como SAF, para a aviação", comenta.

Desde 2021, a 3tentos dobrou a sua capacidade produtiva no Rio Grande do Sul, e é uma das principais fomentadoras na ampliação de áreas cultivadas com canola. Mas a indústria pioneira nessa parceria com o campo no Noroeste gaúcho foi o Grupo Camera, que trouxe as primeiras sementes para a região há mais de 20 anos.

Com uma unidade de produção de biodiesel já em operação em Ijuí, onde é processada a soja, no final do ano passado, a partir de uma parceria técnica com o Grupo Celena, a empresa inaugurou a primeira fábrica de processamento exclusivo de canola em São Luiz Gonzaga, finalizando um investimento de R\$ 150 milhões. A unidade, que ainda não consta na lista de indústrias autorizadas pela ANP para fornecimento de biodiesel, tem capacidade para processar 750 toneladas de canola diariamente. Até meados do ano passado, a empresa já processava canola nessas instalações, mas em conjunto com a soja.

## Produção de trigo (área)

- Palmeira das Missões (1º no RS): 42 mil hectares
- São Miguel das Missões (2º no RS): 30 mil hectares
- São Luiz Gonzaga (3º no RS): 30 mil hectares
- Giruá (5º no RS): 27 mil hectares
- Cruz Alta (6º no RS): 25 mil hectares

## Produção de trigo (colheita)

- São Luiz Gonzaga (1º no RS): 81 mil toneladas
- Palmeira das Missões (2º no RS): 75,8 mil toneladas
- São Miguel das Missões (3º no RS): 75,6 mil toneladas
- Cruz Alta (4º no RS): 75 mil toneladas
- Giruá (8º no RS): 59,9 mil toneladas

FONTE: ANP 2026; IBGE 2024

## Pesquisa de olho na canola

Para quem atua no campo, o aquecimento na busca pela canola representa uma oportunidade, tanto pela rentabilidade quanto pela redução dos riscos em relação ao trigo, por exemplo, que devem ter custos elevados em virtude dos fertilizantes com a crise internacional. Na Cotripal Agropecuária Cooperativa, que atua na Região Noroeste, a partir de Panambi, a safra de inverno deve ter diminuição do trigo – a Emater na região calcula entre 20% e 25% a redução do cultivo do trigo este ano – e, em relação à canola, o presidente Germano Döwich, dobrou a procura por sementes e insumos.

"Hoje ainda é uma aposta,

mas estamos aumentando as nossas pesquisas para assessorar melhor os produtores em relação à área de manejo, época de plantio e conhecimento sobre pragas, por exemplo", comenta Döwich.

Parte dessas informações é compartilhada com a cooperativa, e com uma enorme rede de cooperativas, a partir da Rede Técnica Cooperativa (RTC), mantida pela CCGL. De acordo com o presidente da CCGL, Caio Vianna, as sementes são todas importadas. Cabe aos pesquisadores a melhor adaptabilidade e o manejo, com uma vantagem fundamental em relação ao trigo.

"Na época da canola temos

menos problemas com estiagens, e a infraestrutura de maquinário e equipamentos são os mesmos da soja".

No último ano, quando a área plantada com o grão ficou em torno de 200 mil hectares, a RTC já teve dados suficientes, a partir dos campos experimentais, para municiar as cooperativas. Entre os produtores da Cotrijal, por exemplo, foram 5 mil hectares de canola no ano passado, com perspectiva de ampliação neste ano.

A Secretaria Estadual de Agricultura não detalha a área plantada com canola por municípios nas últimas safras. O Estado, porém, responde por 90% da produção brasileira.

## Mapa das indústrias de biocombustíveis

- Be8 (soja, grãos de inverno)\* Passo Fundo
- 3tentos (soja, canola) Ijuí
- Camera/Celena (soja, canola) Ijuí, São Luiz Gonzaga
- BioFuga (soja) Camargo
- Oflar (soja) Erechim
- Soli3 (soja)\* Cruz Alta
- Grupo Danieli (soja)\* Tapejara

(\*) em construção

FONTE: ANP 2026; IBGE 2024

## Produção de canola

- Em 2024, foram plantados 147,3 mil hectares do grão, com 226 mil toneladas colhidas
- Em 2025, o plantio avançou a 203,2 mil hectares, com 292 mil toneladas colhidas
- Em 2026, a perspectiva é chegar aos 500 mil hectares
- As Regiões Noroeste e Missões concentram as maiores áreas de plantio, com 51 mil hectares (2025) somente nos arredores de Santa Rosa, São Luiz Gonzaga, Giruá e Ijuí também têm destaque na produção.

FONTE: ANP 2026; IBGE 2024

BIOCOMBUSTÍVEIS

# Be8 quer entregar nova usina até o final do ano

**Previsão é de que estrutura entre em funcionamento em março de 2027, com capacidade máxima**

Ana Stobbe

A construção da nova usina de biocombustíveis da Be8, em Passo Fundo, na Região da Produção, segue a todo o vapor. Até o momento, 75% do projeto está completo, especialmente na parte de engenharia, suprimentos e no canteiro de obras, em todas as edificações. Até o final de 2026, as obras deverão ser entregues para que a estrutura entre em funcionamento no mês de março de 2027, operando na sua capacidade máxima. As informações são do vice-presidente de Operações da Be8, Leandro Zat.

"Estamos avançando de forma satisfatória dentro do cronograma, principalmente nos prédios da caldeira, moinhos, destilaria, docas de fermentação, toda a parte de estocagem, logística, tanques de etanol e silos de armazenamento de cereais", avalia o executivo.

A usina deverá gerar diferentes produtos. Entre eles, está prevista a produção de 210 milhões de litros de etanol e de 153,2 milhões de DDGS (Grãos Secos de Destilaria com Solúveis) por ano. A fabricação será realizada a partir de uma capacidade de esmagamento de grãos anual de 525 mil toneladas.

Além disso, há o glúten vital, que pela primeira vez será produzido em solo brasileiro, e que é um ingrediente essencial para a indústria alimentícia. A empresa também será pioneira na fabricação em larga escala do produto. A capacidade é de 26,9 mil toneladas do produto ao ano. O CO<sub>2</sub> produzido também será comercializado, sendo fornecido a fabricantes de bebidas.

A expectativa é de que o



Cerca de 75% das obras já foram realizadas; usina em Passo Fundo fabricará etanol, hidrogênio verde, glúten vital, DDGS e CO<sub>2</sub> purificado

complexo industrial fomenta as culturas de inverno, entre elas o trigo e o triticale. Como o uso será voltado à transformação da matéria-prima, poderão ser utilizados os grãos que não atenderiam aos padrões exigidos pelo setor alimentício, que costuma ter regras rigorosas.

Há, nesse sentido, uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para o desenvolvimento de cultivares específicas de triticale para a produção de biocombustíveis. O cereal é ideal para a geração de energia por ter um alto teor de amido e uma boa atividade enzimática, o que contribui no processo de produção de etanol.

Outra iniciativa é uma parceria com a Biotrigo Genética. A união

fez com que fossem desenvolvidas duas variedades de trigo destinadas à produção de etanol e DDGS. Por possuírem elevados níveis de amido, as linhagens são ideais para a produção do biocombustível.

"Estamos na fase de início dos plantios. Algumas regiões estão com os plantios de trigo um pouco mais precoces, avançando bem pelas condições climáticas. Agora, vamos ter uma janela favorável para colocar essas sementes na terra. Temos algumas cultivares que estamos trabalhando dentro do nosso ecossistema raiz, estamos evoluindo bem. A área de trigo, neste ano, de forma geral, deve ter redução. Mas estamos felizes com os avanços que tivemos, o entendimento dos cooperados sobre o programa e o quanto essa

nova indústria vai trazer de oportunidade para o setor tritícola do Rio Grande do Sul", comenta Zat.

No mesmo complexo industrial, está prevista a produção de hidrogênio verde, com investimento total de R\$ 38,7 milhões, sendo R\$ 29,7 milhões em subvenção do governo estadual a partir do Badesul e R\$ 8,9 milhões de contrapartida da empresa.

A expectativa é de produzir a fonte de energia renovável e construir o primeiro posto de abastecimento do País voltado ao transporte de cargas com tecnologia de ponta e utilização do hidrogênio verde.

O prazo para o início da fabricação, entretanto, é posterior aos demais projetos. Conforme a assessoria de imprensa da Be8,

## Os produtos da nova usina de biocombustíveis

- ▶ 210 milhões de litros de etanol ao ano
- ▶ 153,2 milhões de DDGS ao ano
- ▶ 26,9 mil toneladas de glúten vital ao ano
- ▶ CO<sub>2</sub> purificado
- ▶ Hidrogênio verde (a partir de 2027)

a operação de hidrogênio verde deverá começar 24 meses após a assinatura do contrato com o governo estadual gaúcho, que foi realizada em 31 de outubro de 2025.

## Produção já tem destinos conhecidos a partir de parcerias firmadas

Em setembro de 2025, durante imersão da imprensa aos projetos da ECB Holding, da qual faz parte a Be8, em Passo Fundo, o empresário Erasmo Battistella garantiu que haverá mercado consumidor do etanol. Afinal, já foi

estabelecida uma parceria com a Petronas, bandeira de combustíveis trazida ao País pelo também gaúcho Grupo Argenta, detentor da rede de postos SIM.

No caso do CO<sub>2</sub>, gerado durante o processo de fermentação

para produção de etanol, foi assinado um protocolo de intenções com a Air Liquide Brasil, empresa que realizará a purificação do gás para posterior comercialização. Com isso, o que seria uma emissão de dióxido de carbono na

atmosfera será transformada em insumo industrial, destinada a diferentes fins.

Entre seus possíveis usos estão gases medicinais e terapêuticos para hospitais; soldagem e resfriamento no setor metalmeccânico;

refrigeração e controle ambiental; e ambientes de estufa nos setores de agricultura e hortifrut. O principal deles, entretanto, é voltado à indústria de bebidas, que tem no gás um ingrediente do processo de carbonatação.

## AGRONEGÓCIO

# Máquinas adaptam-se à crise climática

## Principais polos produtores gaúchos estão na Metade Norte do Estado

Eduardo Torres

O desequilíbrio climático tem determinado uma adaptação tecnológica no campo, especialmente na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, e as mudanças também incluem o manejo do solo. As máquinas e implementos agrícolas são aliados neste processo. Os principais polos produtores no RS estão nesta região, e para garantir a adesão dos produtores com baixa capacidade de investimento, o setor se adapta.

Levantamento do Jornal do Comércio mostrou que 2022, com alta nas commodities e os ganhos de uma supersafra, foi o ano de ápice nos investimentos dos produtores gaúchos em máquinas e implementos agrícolas de precisão para as suas lavouras. Agora, após uma série de safras prejudicadas pelas estiagens, alto custo da produção e baixa rentabilidade, reduziram os preços dos maquinários em quase 50%, no caso das colheitadeiras e tratores para atender a um produtor que, agora, precisa pesar ainda mais o retorno deste investimento.

"A empresa tem direcionado seus projetos para equipamentos versáteis, confiáveis e produtivos, com foco em capacidade de adaptação a janelas operacionais irregulares, aumento da precisão e velocidade de

operação e soluções que contribuam para manter a produtividade, mesmo em safras marcadas por instabilidade climática. Esse desenvolvimento considera não apenas o desempenho da máquina, mas também a tomada de decisão mais rápida pelo produtor, permitindo respostas mais eficientes às variações climáticas entre safras", explica o diretor de engenharia de colheitadeiras da AGCO América do Sul, Alberto Hoher.

O desenvolvimento acontece em Santa Rosa, na Fronteira Noroeste. É neste ambiente que sai a referência para os engenheiros desenvolverem equipamentos mais "inteligentes e adaptáveis": "A principal referência é a alta variabilidade climática observada no Rio Grande do Sul, especialmente os efeitos de El Niño e La Niña, que impactam diretamente o regime e a distribuição das chuvas ao longo do ano agrícola. Em anos de La Niña, por exemplo, a redução das precipitações e períodos mais prolongados de estiagem exigem máquinas com maior eficiência operacional, capazes de aproveitar janelas de trabalho mais curtas, reduzir perdas e operar com menor consumo de combustível e insumos. Já em anos influenciados por El Niño, com volumes elevados e má distribuição de chuvas, o desafio passa a ser a agilidade na operação, garantindo plantio e colheita rápidos sempre que as condições permitem".

Um exemplo concreto da sinergia entre o desenvolvimento de maquinário e as mudanças nas lavouras gaúchas é a Momentum 18-24, uma plantadeira dobrável, desenvolvida

para atender às demandas específicas dos terrenos do Rio Grande do Sul. O equipamento conta com o sistema exclusivo AGCO de copiagem de solo, que assegura a deposição da semente na distância e profundidade corretas, contribuindo diretamente para o aumento da produtividade das lavouras. Além disso, sua largura reduzida para transporte proporciona maior facilidade no deslocamento entre áreas, ampliando a eficiência operacional do produtor no campo.

O equipamento foi desenvolvido na planta da montadora em Ibirubá, no Alto Jacuí. Lá, a AGCO instalou o seu Centro de Desenvolvimento de Plantadeiras. "Nossos times de engenharia, marketing e gerenciamento de produtos realizam visitas técnicas e entrevistas com produtores do Rio Grande do Sul para entender, na prática, os desafios relacionados ao relevo, aos sistemas de manejo, às condições climáticas e, mais recentemente, às transformações provocadas pela estiagem. Todas as informações são incorporadas diretamente ao desenvolvimento dos nossos produtos. A validação dessas soluções é realizada em conjunto com os produtores rurais, que utilizam os equipamentos em seu dia a dia e nos fornecem feedbacks qualificados e análises consistentes sobre sua experiência prática, permitindo um processo contínuo e estruturado de aprimoramento tecnológico", detalha o diretor global de engenharia para plantio e preparo de solo da AGCO, Vinicius Fior.

Com plantas industriais em



Plantadeira foi desenvolvida para atender às demandas específicas

Santa Rosa (colheitadeiras e plataformas de corte) e Ibirubá (plantadeiras e implementos agrícolas), além da produção de tratores em Canoas, na Região Metropolitana, a AGCO é um dos expoentes do setor que vislumbra uma janela de oportunidade para a economia da região a partir do acordo entre União Europeia e Mercosul. Para que se tenha uma ideia da relevância do eixo norte gaúcho neste cenário, recentemente, na Agritechnica 2025, ocorrida em Hannover, na Alemanha, havia mais de 140 empresas gaúchas participando e expondo.

"Vai ampliar o acesso das tecnologias desenvolvidas no Brasil ao mercado europeu, ao mesmo tempo em que facilita a chegada de soluções e inovações produzidas na Europa aos produtores brasileiros. Naturalmente, também existem desafios

relacionados à competitividade, requisitos regulatórios e harmonização de normas, mas entendemos que o saldo tende a ser positivo, estimulando inovação, eficiência e integração entre os mercados", avalia Fior.

Entre estes requisitos globais está, por exemplo, a questão ambiental, e aí o desenvolvimento da montadora também mostra que já entrou nessa corrida. Na Agrishow deste ano, a AGCO lançou o seu motor AGCO Power, movido a etanol e com desempenho semelhante ao diesel. Foi resultado de três anos de desenvolvimento e pesquisa no Brasil.

De acordo com Fior, o novo motor apresenta um potencial de diminuição de até 90% de CO equivalente, o que pode, inclusive, gerar receita ao produtor no mercado de créditos de carbono.

## ENERGIA

## Região Norte do Estado amplia a demanda por energia e expansão

Ana Esteves

O Norte do Rio Grande do Sul vive um dos momentos mais dinâmicos de sua história recente, impulsionado pelo crescimento do agronegócio, da agroindústria, da indústria de transformação e da expansão urbana de cidades-polo. Diante desse cenário se verifica um incremento considerável da demanda por energia, transformando o setor em um dos principais alicerces para sustentar o desenvolvimento econômico dos próximos anos.

Para a presidente do Sindenergia-RS, Daniela Cardeal, o Norte do Estado se consolidou como uma das regiões mais promissoras para novos investimentos, pois o

crescimento, especialmente de setores relacionados ao setor primário, vem sendo acompanhado por projetos relacionados aos biocombustíveis e à transição energética.

"A região está concentrando uma indústria do agro muito pujante. Temos acompanhado investimentos importantes ligados à produção de grãos, biodiesel e combustíveis renováveis, criando uma demanda crescente por energia", afirma.

Dessa maneira, cooperativas, distribuidoras e entidades representativas do setor trabalham para ampliar a capacidade de fornecimento, modernizar redes de distribuição e acelerar investimentos em geração renovável, garantindo que a infraestrutura energética

acompanhe o ritmo de crescimento da economia regional. Entre elas está a Cooperativa Regional de Eletrificação Rural do Alto Uruguai (Crerl), que atende 37 municípios do Norte gaúcho e acompanha de perto a evolução do consumo energético da região.

Nos últimos quatro anos, a cooperativa registrou crescimento de 38,5% no volume de energia comercializada, saltando de 77,4 GWh para 106,8 GWh anuais. A expansão é reflexo direto da instalação e ampliação de agroindústrias, frigoríficos, unidades de processamento de grãos, cooperativas agropecuárias e empreendimentos ligados à cadeia de produção de alimentos.

Atualmente, embora 57% dos associados da Crerl pertençam à

classe rural, é o setor industrial que concentra a maior fatia do consumo energético: 58% de toda a energia distribuída pela cooperativa é destinada às indústrias.

"Somente no primeiro trimestre deste ano, o crescimento na distribuição de energia pela cooperativa foi de 6,26% em comparação ao mesmo período de 2025, evidenciando que a demanda continua avançando", afirma o presidente da Crerl, Alderi do Prado. A área atendida pela Crerl possui cerca de 1,9 mil Km de redes de distribuição, em 37 municípios, exigindo constantes melhorias para garantir qualidade e segurança no fornecimento.

Em 2025, entrou em operação a primeira subestação de 138 kV da cooperativa, instalada em

Entre Rios do Sul com investimento em torno de R\$ 20 milhões e foi acompanhado pela construção de 33 quilômetros de redes trifásicas, interligando municípios como Entre Rios do Sul e Trindade do Sul, Florianópolis e Sananduva, além de Centenário e Carlos Gomes.

Nos próximos meses será inaugurada a nova subestação de Sananduva, resultado de um aporte de R\$ 26 milhões. Paralelamente, a cooperativa executa a modernização de mais de 40 quilômetros de redes trifásicas para atender a unidade industrial do frigorífico Bugio e cerca de 30 comunidades rurais.

Já está em planejamento uma terceira subestação, desta vez no município de Getúlio Vargas, onde a área para instalação já foi adquirida.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

# Armazenagem é desafio estratégico para sustentar crescimento do agro no Norte

**Região Norte do RS tem capacidade de armazenar entre 75% e 80% da sua necessidade**

Ana Esteves

A capacidade de armazenagem de grãos continua sendo um dos principais desafios para o agronegócio do Rio Grande do Sul. Embora as Regiões Norte e Noroeste do Estado concentrem a maior estrutura de estocagem gaúcha, lideranças do setor alertam que o volume disponível ainda está longe do ideal para acompanhar o potencial produtivo das lavouras e garantir competitividade aos produtores.

O diretor de produção agrícola da Cotripal Agropecuária Cooperativa, de Panambi, João Carlos Pires, diz que a Região Norte tem capacidade de armazenar entre 75% e 80% da sua necessidade, percentual que ainda não é ideal. "Isso conseguimos na capacidade dinâmica, pela estática não se consegue. Entra o trigo, e parte dele é comercializado, depois vem o milho, aí vem a soja e vamos conseguindo fazer essa

dinâmica. A maior capacidade instalada está em Passo Fundo, Cruz Alta, Carazinho e Ijuí", diz Pires.

O presidente da Associação dos Cerealistas do Rio Grande do Sul (Acergs) e diretor da Cepal Cereais, Roges Pagnussat, diz que a Região Norte é a que tem maior capacidade de armazenagem no Estado, colocando o Rio Grande do Sul no topo do ranking brasileiro de armazenagem, mas que, mesmo assim, ainda padece de um déficit considerável.

"O Estado consegue armazenar aproximadamente 50% da produção. O ideal seria avançarmos para uma relação próxima à dos Estados Unidos, que trabalha com capacidade equivalente a três vezes o volume produzido", aponta o dirigente.

O cenário torna-se ainda mais preocupante diante da expectativa de recuperação das safras gaúchas, após uma sequência de perdas provocadas por estiagens e enchentes. Somente nos últimos quatro anos, o Estado deixou de colher mais de 20 milhões de toneladas de soja em razão de eventos climáticos extremos.

Na safra atual, considerada próxima da normalidade, a produção da oleaginosa deve chegar a

19 milhões de toneladas, conforme dados da Emater-RS/Ascar. Em anos de plena produtividade, porém, o volume pode superar 24 milhões de toneladas, ampliando a pressão sobre a infraestrutura de armazenagem. "Se as safras vierem cheias esse gargalo da armazenagem crescerá ainda mais", diz o dirigente.

O déficit de capacidade gera impactos diretos na renda dos produtores, pois um dos principais problemas ocorre no momento da comercialização, quando grandes volumes de grãos precisam ser escoados simultaneamente para exportação.

"O mercado internacional sabe das nossas limitações logísticas e de armazenagem. Quando há concentração de oferta, os prêmios pagos nos portos acabam sendo reduzidos, o que significa perda de receita para o produtor gaúcho", explica. Na busca por alternativas para armazenagem, muitos produtores têm utilizado o Silo-bolsa, um mecanismo instalado nas lavouras que permite que parte dos grãos colhidos fiquem estocados. "Não resolve o problema, mas reduz danos, é barato e permite que o produtor guarde

a produção na propriedade", afirma o diretor vice-presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e presidente da comissão de Trigo e Cultivares de Inverno da entidade, Hamilton Jardim.

Além da comercialização, a armazenagem também é considerada fundamental para garantir maior regularidade no abastecimento da indústria. O avanço do processamento de soja no Estado, impulsionado pela expansão do biodiesel e de outros biocombustíveis, aumenta a necessidade de oferta contínua de matéria-prima ao longo do ano. "Estamos industrializando cada vez mais soja dentro do Rio Grande do Sul. Quanto maior a capacidade de armazenagem, maior será a estabilidade de fornecimento para as indústrias e melhor será a organização da cadeia produtiva", destaca.

Atualmente, cooperativas agropecuárias e grandes empresas cerealistas lideram os investimentos em armazenagem. Entre os principais operadores do setor estão cooperativas regionais e empresas privadas que ampliaram significativamente suas estruturas nos últimos anos. É o caso da Cotripal que,

nos últimos cinco anos aumentou a capacidade de armazenagem em 60 mil toneladas, ou 1 milhão de sacas a mais. "Com o incremento a capacidade de recebimento e estocagem chegou a 450 mil toneladas", afirma Pires. Também foram feitos investimentos na instalação de novos secadores com mais capacidade, ou em unidades que não tinham essa ferramenta. "Aumentou muito a produção de milho aqui na nossa região e o cereal sempre vem com umidade mais alta, assim como o trigo, por isso precisamos ter uma capacidade boa de secadeira", diz Pires.

Entre os principais gargalos do setor, Pagnussat aponta o acesso ao crédito como entrave, especialmente para cerealistas privados. "Enquanto as cooperativas contam com linhas específicas de financiamento para armazenagem, a iniciativa privada enfrenta dificuldades para acessar recursos destinados à construção e ampliação de silos e armazéns. O armazenamento é uma questão de segurança alimentar e de segurança nacional. Precisamos ampliar os mecanismos de financiamento para que todo o setor possa investir em infraestrutura", afirma.

## Empresa do setor de alimentos investe em armazenamento

Eduardo Torres

A partir do seu departamento de pesquisa, a Dubai Alimentos, de Ijuí, especialista no processamento de aveia, levou ao mercado neste ano um novo produto. Uma mistura de aveia mais proteica, sabor capuccino, além de um mingau de preparo rápido.

"Fibra e proteína são tendências de consumo, mas o mercado quer, cada vez mais, ter acesso a esses elementos a baixo custo. Nossa especialidade é a aveia, 100% produzida na nossa região, e o desafio é sempre estarmos em conformidade com o que o mercado busca, porque todo o nosso investimento, e também dos produtores, é condicionado à capacidade de absorção do produto pelo mercado", explica o CEO da Dubai Alimentos, Dante Maurício Tissot.

Neste ano, a empresa investe até R\$ 20 milhões em aumento da armazenagem de produtos acabados e uma nova linha de extrusão. Esta, para atender a outra tendência, a dos crisps de cereais matinais. Um aporte que dá sequência à duplicação da capacidade produtiva da empresa,

que hoje pode processar até 100 mil toneladas de aveia por ano.

A empresa atua, como define Tissot, como uma indústria para outras indústrias. Até 80% da produção gera matéria-prima para outros produtos industrializados em indústrias de alimentos, como a Yoki ou a Nestlé, outros 20% são de produtos acabados, comercializados sob o rótulo de outras marcas.

Hoje, além das indústrias brasileiras, a Dubai tem conquistado importantes espaços na América do Sul, especialmente na Argentina, com avanços na Venezuela e Colômbia e, entradas previstas no Paraguai e Uruguai.

É todo um esforço para garantir que, na ponta inicial desta cadeia produtiva, valha a pena ao produtor investir na aveia com rentabilidade. A produção da Dubai, que é uma das três indústrias do setor na região, conta com 25 mil hectares de 50 produtores plenamente rastreados para atender às exigências do mercado. De acordo com Tissot, uma alternativa boa para os agricultores do Noroeste.

"A cultura da aveia é interessante

pelo encaixe dela. O agricultor planta quando tem comprador e garante rentabilidade, e é um cultivo que faz muito bem a rotação e cobertura do solo com a soja, antecipando o plantio do trigo", aponta Tissot.

### Produção de aveia (área)

- 📍 Santa Bárbara do Sul: 15 mil hectares
- 📍 Jóia: 12 mil hectares
- 📍 Giruá: 10,5 mil hectares
- 📍 São Miguel das Missões: 10 mil hectares
- 📍 Palmeira das Missões: 10 mil hectares

### Produção de aveia (ranking)

- 📍 Santa Bárbara do Sul (2º no RS): 30 mil toneladas
- 📍 Giruá (3º no RS): 27,3 mil toneladas
- 📍 Jóia (4º no RS): 24 mil toneladas
- 📍 Cruz Alta (5º no RS): 22 mil toneladas
- 📍 São Miguel das Missões (7º no RS): 21 mil toneladas

FONTE: ANP 2026; IBGE 2024



Dubai Alimentos tem aumentado a estocagem de produtos acabados

## LATICÍNIOS

# Whey dita o ritmo da indústria leiteira

**Empresa chegará à capacidade de processar até 2 milhões de litros de soro diariamente**

Eduardo Torres

Um ano após o início da produção em Palmeira das Missões, a Whey do Brasil – resultado da união entre sete laticínios da região – está em processo de ampliação e avanço no plano de entrada no cada vez mais atraente mercado de proteína isolada a partir do soro do leite. Na chamada fase 2 do projeto, são desembolsados R\$ 55 milhões para erguer uma nova torre de filtragem de processamento do soro e em cinco novos concentradores, além de mais automação na planta industrial. A nova torre, que vai dobrar a capacidade de processamento da indústria, deve estar operando em abril de 2027.

Com isso, a Whey do Brasil chegará à capacidade de processar até 2 milhões de litros de soro diariamente. A meta é chegar à formulação da proteína a até 95% de concentração, considerado o mais alto padrão. “Sabíamos que tínhamos um mercado muito competitivo e com preços em crescimento pela alta demanda. Temos buscado todas as oportunidades para nos firmarmos como um ativo importante neste mercado”, diz o proprietário da Mandaká, um dos laticínios sócios do projeto, Wladimir Dalbosco.

Somente no Rio Grande do Sul, são pelo menos quatro indústrias ativas no processamento de soro. Todas



WHEY DO BRASIL/DIVULGAÇÃO/JC

Fase 2 do projeto vai exigir investimentos de R\$ 55 milhões

na macrorregião Norte, onde se concentra a maior bacia leiteira gaúcha. Em Três de Maio, por exemplo, ainda em 2015 a Nutrifont, que hoje faz parte do Grupo Lactalis, foi pioneira no País. Em Estação, a Sooro tem a sua produção. E o bom momento, inclusive, fez com que a Nestlé retomasse seus planos de atuação no Rio Grande do Sul.

Em março, a multinacional concluiu um investimento de R\$ 60 milhões que permitiu a retomada de parte do que já foi uma unidade da própria Nestlé em Carazinho, especificamente para a produção a partir do soro do leite. Conforme a companhia, o Rio Grande do Sul assumiu papel estratégico neste mercado. Segundo a Nestlé, 60% do soro que gera as fórmulas vem do Estado, com uma rede de 15 cooperativas e queijarias da região.

A intenção da empresa, com este investimento, é ampliar em 15%

a sua capacidade de processamento de soro do leite até 2029. A planta industrial, implantada em 2010 em Carazinho, havia sido repassada à Piracanjuba que, com essa nova estratégia, seguirá operando o processamento de leite UHT e outros derivados na unidade.

Curiosamente, a planta industrial onde a Whey do Brasil passou a produzir também já foi da Nestlé. Neste primeiro momento, até 1 milhão de litros de soro por dia enviados pelos associados está gerando proteína isolada com 34% de concentração. Essa é considerada a quantidade mínima para o mercado de formulação de suplementos alimentares e rações de alta performance. De acordo com Dalbosco, com dois novos concentradores, o objetivo é chegar às concentrações de 60% – ideal, por exemplo, para iogurtes e bebidas lácteas – e 80% – muito utilizado em misturas secas e produtos lácteos.

## Boom da proteína também chegou ao leite em pó e iogurtes

A produção de queijos não faz parte da lista de produtos da CCGL, que centraliza em Cruz Alta o processamento de leite de 17 cooperativas e 2,6 mil produtores gaúchos em mais de 300 municípios. Logo, não há soro como matéria-prima para a indústria, que tem se especializado na produção de leite em pó. Mas isso não significa que a CCGL está fora do boom de reforço na proteína animal.

“A nossa forma de competir com a onda do whey protein foi também entrarmos no nicho de produtos diferenciados, tendo o leite como base. Até bem pouco tempo, por exemplo, éramos os únicos no Brasil produzindo leite em pó zero lactose. Desenvolvemos também leite em pó com alto teor de proteína, com quase

quatro vezes mais proteína do que o produto normal”, conta o presidente da cooperativa, Caio Vianna.

Com uma capacidade de produção de 3,2 milhões de litros de leite por dia, hoje a CCGL processa 1,7 milhão diariamente, e agregou à sua linha de produção leite condensado, creme de leite, achocolatado em pó em diversas versões. “Mas 70% do nosso faturamento vem do leite em pó. É um produto que tem se adequando muito bem ao novo padrão de famílias e às exigências logísticas”, diz Vianna.

Cada 8 litros de leite rendem 1 quilo de leite em pó, ocupando menor espaço de carga, por exemplo. Uma peça fundamental para que a cooperativa aproveite-se da alta das

proteínas animais. “A produção de leite anda muito próxima do momento positivo da carne bovina, e queremos aproveitar o momento, que não chega a ser excelente, mas é bom para o setor. Com a qualidade que temos conseguido, não estamos sendo afetados pela concorrência da importação uruguaia e argentina, por exemplo. Hoje ainda somos importadores de produtos lácteos, mas essa curva pode inverter”, comenta o dirigente.

Segundo Vianna, o primeiro passo é o reconhecimento nacional ao produto gaúcho da CCGL, com a conquista já consolidada das regiões Norte e Nordeste do País, agora, o próximo objetivo é encontrar oportunidades no Sudeste, além de seguir crescendo no Rio Grande do Sul.

## Produção de leite cada vez mais profissionalizada

Mesmo com a redução no número de produtores de leite nos últimos anos, a eficiência das propriedades tornou-se uma constante. No Noroeste Gaúcho, que em 2023 concentrou a maior produção leiteira entre as mesorregiões leiteiras do Brasil, entre 2003 e 2023, houve aumento de 108% no volume produzido anualmente, chegando a 2,7 bilhões de litros naquele ano, conforme a Embrapa Leite. Índice que só não foi maior do que o verificado no Oeste Catarinense.

A explicação para a melhoria, de acordo com o presidente da Associação dos Criadores de gado Holandês (Gadolando), Marcos Tang, é a conjunção de fatores como a aptidão dos produtores dessa região, a genética das vacas leiteiras, da raça Holandesa, e a qualidade dos campos. “Quando o Rio Grande do Sul tinha 120 mil famílias envolvidas na produção leiteira, a média da produção não chegava a 100 litros por propriedade a cada dia, e isso representa a necessidade de maior custo logístico para a industrialização. No Noroeste, com terra ainda disponível, os produtores que resistiram, investiram em empreendimentos para 100 a 200 vacas, e hoje vão para mais de 4 mil litros produzidos por dia”, detalha Tang.

As vacas holandesas representam 90% da produção leiteira gaúcha e, ao avaliar os dados dos associados, os números são ainda mais positivos. Vacas registradas chegam a produzir até 12 mil litros de leite por dia (média de 35 a 45 litros por dia), enquanto a média geral no RS é de 3 mil litros por ano – considerada a melhor do Brasil.

“O fato é que, para termos competitividade e fazermos perdurar a boa posição, como uma proteína animal, não há mais espaço para amadores. Estamos falando de muito desenvolvimento genético e de propriedades que têm, por exemplo, três coletas por dia. Exige investimentos, e aí está um desafio para o setor”, comenta o dirigente.

O custo da produção muitas vezes não é compensado pelo preço pago ao produtor. Enquanto é necessário investir em irrigação, reservatórios e insumos para melhoria na alimentação dos animais, a variação do preço do leite atende à disponibilidade do mercado e à condição do consumidor para pagar pelos produtos lácteos.

O setor enfrentou mais de quatro anos de dificuldade nos preços, viveu uma grande melhora

no começo do ano passado e, em seguida, o valor foi lá embaixo. O litro do leite chegou a ser vendido por R\$ 2 pelos produtores, que tinham um custo de R\$ 2,20 por litro. No começo de maio, as vendas eram de R\$ 2,50. “Ainda chegará o dia em que falaremos da venda do leite, e não da entrega. O produtor não pode ser refém do preço ou da barganha”, desabafa.

O desafio dos preços, porém, atinge o restante da cadeia produtiva. Para que se tenha uma ideia, o custo logístico – aquilo que se paga para recolher o leite – da matéria-prima para a produção de queijo no Rio Grande do Sul chega a 6% do valor final do produto, na Argentina, esse custo é de 1,5%.

### Rebanho leiteiro

- 📍 Santo Cristo: 46,1 mil cabeças
- 📍 Crissiumal: 22,1 mil cabeças
- 📍 Augusto Pestana: 21,07 mil cabeças
- 📍 Ijuí: 20,6 mil cabeças
- 📍 Cândido Godói: 20,3 mil cabeças

### Principais produções leiteiras

- 📍 Santo Cristo
- 📍 Augusto Pestana
- 📍 Ijuí
- 📍 Cândido Godói
- 📍 Crissiumal

### Laticínios

- ▶ CCGL (Cruz Alta)
- ▶ Italac (Passo Fundo)
- ▶ Lactalis (Ijuí, Santa Rosa, Três de Maio)
- ▶ Deale (Almirante Tamandaré do Sul)
- ▶ Friolak (Chapada)
- ▶ Stefanello (Rodeio Bonito)
- ▶ Piracanjuba (Carazinho)
- ▶ Heja (Panambi)
- ▶ Kiformaggio (Nonoai)
- ▶ Frizzo (Planalto)
- ▶ Domilac (São Domingos do Sul)
- ▶ Sooro (Estação)
- ▶ Whey do Brasil (Palmeira das Missões)
- ▶ Nestlé (Carazinho)
- ▶ Unibom (Água Santa)
- ▶ Doceoli (Santo Cristo)
- ▶ Mandaká Alimentos (Nova Boa Vista, Rondinha)
- ▶ São Luís (Marau)

SUINOCULTURA

# Sucesso da suinocultura da região faz a diferença na balança comercial

**Três quartos da produção gaúcha no setor estão concentrados na Macrorregião Norte do RS**

Eduardo Torres

O momento é da proteína animal. E quando se fala neste assunto, neste recorte do RS, naturalmente a suinocultura entra na pauta, já que 75% da produção gaúcha no setor está concentrada entre as microrregiões retratadas neste capítulo do Mapa Econômico. Somente entre o Médio Alto Uruguai e a Fronteira Noroeste, são 45% da produção que,

## Produção suína na Macrorregião Norte

▶ A macrorregião concentra 75% da produção suína gaúcha, com domínio das microrregiões Médio Alto Uruguai (25%) e Fronteira Noroeste (22%)

▶ O Rio Grande do Sul tem 4,4 mil produtores de suínos

▶ Entre 2025 e 2026, o volume de matrizes aumentou de 387,7 mil para 400,5 mil suínos

## Rebanho (matrizes)

▶ Santo Cristo: 28,4 mil suínos

▶ São Pedro do Butiá 19,4 mil suínos

▶ Três Passos: 17,2 mil suínos

▶ Pinheirinho do Vale 17,1 mil suínos

▶ Santa Rosa 13,9 mil suínos

## Rebanho (abates)

▶ Palmitinho: 278,5 mil suínos

▶ Rodeio Bonito: 246,2 mil suínos

▶ Nova Candelária: 233,9 mil suínos

▶ Aratiba: 231,3 mil suínos

▶ Pinheirinho do Vale: 225,5 mil suínos

## Frigoríficos suínos

▶ Alibem Alimentos (Santa Rosa, Santo Ângelo, Estação)

▶ JBS (Seberi, Três Passos)

▶ MBRF (Marau)

▶ Ecofrigo (Sananduva)

▶ Palmali (Frederico Westphalen)

▶ Agrodanieli (Vila Lângaro)

▶ Aurora Alimentos (Erechim)

▶ Vibra Foods (Soledade)

▶ Alimentos Estrela (São Luiz Gonzaga)

▶ Ouro do Sul (Harmonia)

nos últimos anos, surfa muito bem na onda de novos mercados. Entre 11 municípios da macrorregião que figuraram entre os 50 principais exportadores gaúchos no primeiro trimestre de 2026, quatro têm a carne suína e outros derivados como principal produto comercializado no Exterior. E foram justamente os que tiveram maior percentual de crescimento nas exportações em comparação com o mesmo período de 2025.

Em Santa Rosa, a alta nas exportações foi de 37,9% no período, em Santo Ângelo, 18,5%, em Soledade, foi mantida a estabilidade. O caso mais destacado, porém, foi o de Sananduva, onde os catarinenses da Ecofrigo, que faz parte do Grupo Bugio, passaram a operar e iniciaram as exportações, a partir do frigorífico que antes pertencia à Majestade. No primeiro trimestre deste ano, 100% das exportações locais foram em carne suína e miudezas, colocando o município no mapa das exportações, com um crescimento de 56.820% em relação ao mesmo período de 2025.

Com capacidade de abate de cinco mil suínos por dia, o que acontece em Sananduva é o símbolo do que virou rotina em toda a região: quando um frigorífico prospera no cenário internacional, mobiliza toda a cadeia produtiva regional. Conforme o levantamento da Associação dos Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (ACSURS), Rondinha, que fica a aproximadamente duas horas de Sananduva, foi o sexto município da



SIPS/DIVULGAÇÃO/JC

Médio Alto Uruguai e Fronteira Noroeste dominam a produção

macrorregião com maior volume de suínos enviados para o abate, chegando a 223,7 mil animais abatidos. Uma alta de 6% em relação a 2024.

"A condição que vivemos hoje é resultado direto de um trabalho minucioso e de união de todo o setor para que conseguíssemos, em 2021, a condição de zona livre de aftosa. A questão sanitária nos garante 70% dos embarques que conquistamos desde então", diz o diretor executivo do Sindicato das Indústrias Produtoras de Suínos (SIPS), Rogério Kerber.

Em 2025, proporcionalmente o Rio Grande do Sul foi o Estado que mais ampliou os embarques de carne suína para o Exterior. A condição favorável tem atraído investimentos. Além dos catarinenses como a Ecofrigo ou a Aurora Alimentos, em Marau, a MBRF, responsável pelas

marcas Sadia e Perdigão, investe na contratação de funcionários para ampliar a produção de embutidos destinados à exportação. Na unidade, a empresa produz 14 mil toneladas de alimentos por mês e exporta para mais de 30 países.

Em Seberi, é a JBS que garante novos aportes. A partir do desembolso de R\$ 230 milhões, realizado no ano passado, dobrou a sua capacidade de produção de suínos. A capacidade de abates passou de 2,8 mil para 5,6 mil suínos por dia, além de triplicar a base de produtores integrados, de 120 para 360. Resultado: R\$ 600 milhões acrescidos à economia regional. Em Liberato Salzano, onde fica boa parte dos integrados da JBS, a produção de suínos foi ampliada de 111,4 mil animais em 2024 para 118,5 mil no ano passado.

## Dados de exportação na macrorregião (1º trimestre 2026)

▶ **Passo Fundo (6º do RS):** negociou US\$ 164,8 milhões (-48,8%/1º trimestre de 2025), com 46,8% em trigo e mistura com centeio, 15,3% em arroz, 12% em milho e 10,1% em soja. Venezuela (15,3%) e China (14,8%) foram os principais destinos.

▶ **Cruz Alta (9º do RS):** negociou US\$ 134,6 milhões (-28%/1º trimestre 2025), com 53,5% em trigo e mistura com centeio. Egito (24,4%) e Vietnã (20,8%) foram os principais destinos.

▶ **Horizontina (16º do RS):** negociou US\$ 46,3 milhões (9,9%/1º trimestre de 2025), com 98,5% em máquinas e aparelhos agrícolas. Argentina (53,3%) foi o principal destino.

▶ **Santo Ângelo (18º do RS):** negociou US\$ 40,2 milhões (18,5%/1º trimestre de 2025), com 98% em carne suína. Filipinas (56,2%) foi o principal destino.

▶ **Santa Rosa (21º do RS):** negociou US\$ 37,7 milhões (37,9% / 1º trimestre 2025), com 62,7% em carne suína. Filipinas (38,9%) foi o principal destino.

▶ **Não-Me-Toque (22º do RS):** negociou US\$ 36,2 milhões (142,3% / 1º trimestre 2025), com 94,6% em aparelhos e máquinas agrícolas. Tailândia (26,4%) e Turquia (18,7%) foram os principais destinos.

▶ **Soledade (31º do RS):** negociou US\$ 21,8 milhões (-0,6% / 1º trimestre 2025), com 57,4% em carne suína e miudezas e 41,4% em pedras preciosas. China (14%) e Filipinas (11,2%) foram os principais destinos.

▶ **Erechim (32º do RS):** negociou US\$ 21,7 milhões (8,6% / 1º trimestre 2025), com 60,8% em carrocerias, reboques e semirreboques. Peru (26%) e Chile (21,2%) foram os principais destinos.

▶ **Sananduva (33º do RS):** negociou US\$ 21,7 milhões (56.820% / 1º trimestre 2025), com 100% em carne suína e miudezas. Filipinas (61,3%) foi o principal destino.

▶ **Ijuí (44º do RS):** negociou US\$ 17,1 milhões (-38,3% / 1º trimestre 2025), com 92,5% em tortas e outros resíduos de óleo de soja. Indonésia (39,4%) foi o principal destino.

▶ **Panambi (46º do RS):** negociou US\$ 15,2 milhões (34% / 1º trimestre 2025), com 88,9% em máquinas e equipamentos. Venezuela (38,1%) e Paraguai (19,1%) foram os principais destinos.

Alta nos suínos é oportunidade para a produção do milho

O fortalecimento da cadeia produtiva suína tem sido uma mola propulsora para o cultivo do milho, uma tradição da região que, atualmente, tem área de cultivo e capacidade de abastecimento aos produtores reduzida. Enquanto a produção de soja chega a quase sete milhões de hectares, também no verão, a de milho gira em torno de 800 mil hectares no Estado. O resultado é a necessidade de importação de milho para dar conta da demanda. De acordo com o diretor executivo do SIPS, Rogério Kerber, em 2025 foi preciso comprar 2,9 milhões de toneladas de milho de outros estados ou dos países da região para atender a pelo menos 30% da demanda do setor de suínos gaúcho.

"A tradição da suinocultura na faixa Noroeste e Norte do Estado prosperou historicamente pelo também tradicional cultivo do milho na região, que dá sustentação à produção de proteína animal. Mas atualmente, somos deficitários no grão, e isso, para nós da suinocultura é um desafio cada vez maior e com alto custo", explica Kerber.

Nesta safra, porém, foi justamente o milho que deu um fôlego às lavouras de verão. No caso da Cotrijal, por exemplo, houve crescimento de 40% na quantidade recebida pela cooperativa. Algo que, com o avanço da irrigação, tende a se consolidar, como tem acontecido na Coopatrigo, em São Luiz Gonzaga, que é o terceiro maior produtor do grão e o segundo maior irrigante no RS.

"Com o sistema de irrigação, é possível fazermos duas safras fortes de verão. Planta-se o milho em agosto e, no início de janeiro, colhe, já plantando a soja. É o milho que paga o investimento e a expectativa é de que a soja garanta lucro", comenta o presidente da Coopatrigo, Paulo Pires.

O resultado, segundo Pires, ainda é uma novidade positiva para os produtores, e isso tem incentivado, inclusive, a cooperativa a levar adiante o seu único investimento no ano, de R\$ 36 milhões, em uma nova unidade de recebimento e beneficiamento de grãos em Santo Antônio das Missões.

## INDÚSTRIA

# Polo metalmeccânico atende mercados exclusivos

## Empresas da região abastecem compradores no Brasil e no exterior

Eduardo Torres

A cada mês, saem da planta industrial de 11 mil metros quadrados, em Erechim, 70 reboques e semirreboques para o mercado. No universo da produção metalmeccânica, pode parecer pouco, mas, somente no primeiro trimestre deste ano, a Randon Triel HT proporcionou ao município do Norte do Estado a negociação de US\$ 4,5 milhões em exportações e um crescimento de quase 90% neste ramo de negócios com outros países – e seguindo em alta.

A joint venture formada entre a multinacional da Serra Randoncorp e o Grupo Triel HT, de Erechim, potencializou o que é uma característica do eixo Norte e Noroeste gaúchos, onde se concentra o terceiro maior polo metalmeccânico gaúcho: o desenvolvimento de produtos muito específicos, que garantem maior valor agregado e o atendimento a nichos bem determinados da economia. É assim na produção de máquinas de precisão, de silos tecnológicos, de peças, carrocerias de ônibus e até na produção de

caminhões utilitários ou viaturas e guindastes para atender demandas específicas do mercado.

"Aqui, nós produzimos tanques em alumínio isotérmicos e bases para transportes específicos, como a mineração, por exemplo. Pode parecer uma produção pequena dentro do universo da Randon, por exemplo, mas desde a criação da joint venture a ideia era justamente atendermos a nichos específicos, com muito valor agregado, utilizando a estrutura dos parceiros a Triel HT e a mão de obra local, que é bastante especializada", explica o diretor de operações da Randon Triel HT, Marcos Lovatto.

São 288 funcionários na unidade. Cada produto comercializado chega a preços três a quatro vezes mais elevados do que reboques e semirreboques comuns, sem concorrer, segundo o diretor, com a própria Triel HT, que opera em área vizinha na produção especialmente de caminhões e viaturas, além de unidades de guindastes e de peças especiais.

"Desenvolvemos aqui desde o projeto até simulações de usos em nichos bem específicos de produção. Permanentemente prospectamos a necessidade dos clientes para desenvolvermos novos produtos", diz.

Foi o caso, neste ano, do chamado "Carrega Tudo" com cinco

eixos e um novo sistema de rampas especiais. É usado principalmente no transporte de máquinas pesadas para o setor de mineração.

No mercado nacional, os produtos da empresa abastecem o transporte, especialmente, de máquinas agrícolas, com potencial ainda em setores como o florestal e de transporte de animais. Fora do Brasil, os países da América do Sul são os principais clientes. E com demandas bem determinadas.

No Chile e Argentina, por exemplo, a Randon Triel HT atende a toda a frota de transporte de combustíveis por tanques de alumínio isotérmicos, que atendem às normas do mercado local. Também no Chile e no Peru, é o setor de mineração que cresce e demanda dos produtos especiais que saem de Erechim.

"A joint venture foi criada em 2019 e, em todo o universo global da Randoncorp, é uma unidade exclusiva com essa dedicação a veículos especiais. Nesses últimos anos, temos crescido significativamente e, apesar do grande desafio que as taxas de juros impõem, por exemplo, limitando o investimento de clientes em algum bem de capital, hoje posso considerar que estamos em um bom nível de maturidade no mercado", aponta Lovatto. As exportações da empresa já representam 30% do faturamento.



Carroceria é usada principalmente no transporte de máquinas pesadas

## Polo metalmeccânico

- ▶ A macrorregião responde por pelo menos 15% da produção gaúcha de máquinas e implementos
- ▶ É o terceiro maior polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul, com indústrias destacadas entre os setores de máquinas agrícolas, implementos, peças e metalurgia, carrocerias, reboques e semirreboques, guindastes e veículos pesados

## Distribuição da produção

- ▶ Santa Rosa: AGCO, Stara
- ▶ Erechim: Grupo Triel HT, Randon Triel HT, Brastelha, Comil
- ▶ Ibirubá: AGCO
- ▶ Não-Me-Toque: Stara, Roster, Stahar
- ▶ Passo Fundo: Kuhn, Metalúrgica Marin
- ▶ Ijuí: Imasa, Montangner Industrial
- ▶ Panambi: Bruning Tecnometal, Kepler Weber
- ▶ Marau: Metasa
- ▶ Santo Ângelo: Fundimisa
- ▶ Horizontina: John Deere



Balmer produz equipamentos de soldas para grandes marcas

## Ijuí concentra indústrias em diversos segmentos

Ana Stobbe

Estão na "capital" do Noroeste Colonial, Ijuí, importantes indústrias nos mais diversos segmentos, como empresas voltadas à verticalização da produção agrícola e aquelas que oferecem produtos especializados para abastecer outras fábricas.

Entre elas, estão as usinas de produção de biodiesel e glicerina refinada a partir de grãos de soja e canola do Grupo Camera, que inaugurou em janeiro deste ano uma nova planta industrial para o processamento do ingrediente, que é um subproduto da produção de biodiesel. Assim como uma das unidades da 3tentos, também focada na fabricação do biocombustível.

Já no ramo B2B, a Hidroenergia oferta equipamentos para usinas hidrelétricas, especialmente as pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), e já está planejando uma expansão. A empresa busca

ampliar o faturamento em dois dígitos ao ano nos próximos exercícios. Outra estratégia da empresa é a internacionalização, processo iniciado nos anos 2000 e acelerado a partir de 2015.

Enquanto isso, o Grupo Fricke – Balmer investe na produção de máquinas de solda, já tendo conquistado gigantes do mercado como Marcopolo, Randoncorp, Kepler Weber e Mercedes-Benz. Recentemente, a BYD entrou na cartela de clientes e a empresa também experimentou apostar no mundo dos carros elétricos a partir da criação de um carregador rápido patenteado para veículos que permite carga total em até 20 minutos.

Para suportar essa operação, a Balmer conta com uma rede de 6 mil pontos de venda e 450 assistências técnicas espalhadas pelo Brasil. Além da matriz em Ijuí, a empresa possui centros de distribuição estratégicos em Atibaia (SP) e Conde (PB).

## Indústrias de Ijuí

- ▶ **3Tentos:** sede em Santa Bárbara do Sul, tem unidade em Ijuí voltada para a fabricação de biodiesel
- ▶ **Grupo Camera:** sede em Santa Rosa, com uma unidade de produção de glicerina refinada inaugurada em janeiro de 2026 em Ijuí, onde já existe uma usina de biodiesel
- ▶ **Hidroenergia:** sede em Ijuí, com expansão planejada para os próximos anos e previsão de investimentos na planta que fabrica equipamentos para usinas hidrelétricas
- ▶ **Grupo Fricke - Balmer:** sede em Ijuí, fabrica máquinas de solda de maneira verticalizada e já conquistou gigantes multinacionais

ENTREVISTA

# O empreendedorismo transforma regiões e cria oportunidades para o futuro, diz Antônio Roso

Ana Esteves

A vida empreendedora do empresário gaúcho Antônio Roso começou com a troca de uma camionete Kombi por um bar, em Marau. Daí para a frente não parou mais: o bar virou lancheria, conceito inovador para a década de 1960, e agregou um cinema.

Dos filmes de Hollywood, ele pulou para a metalurgia, com a criação da Metasa, depois para o setor de energia com a BSBios e, mais tarde, para um shopping e um hub de inovação, ambos em Passo Fundo.

Inquieto, visionário e com uma veia empreendedora invejável, Roso foi um dos desbravadores do Norte do Estado, uma das lideranças que ajudaram a impulsionar o desenvolvimento econômico da região.

O empresário construiu sua trajetória apostando em inovação, trabalho e visão de longo prazo. Atualmente, é presidente do Conselho de Administração da Metasa e sócio da holding A. Roso. Nesta entrevista, Antônio Roso relembra os primeiros passos da carreira, fala sobre os desafios do empreendedorismo e analisa o futuro da região.

**Jornal do Comércio – Como começou a sua trajetória empresarial e como surgiu a ideia de empreender tão jovem e com foco na diversificação dos negócios? O espírito empreendedor veio da família?**

**Antônio Roso** – Nasci na Linha 18, em Vila Maria, localidade que na época pertencia a Guaporé. Sempre vivi em Marau e atualmente também moro em Passo Fundo. Com 17 anos fui para Porto Alegre estudar e trabalhar. Depois de pouco mais de um ano retornei ao interior e comecei minha vida empresarial aos 18 anos, em 1965, quando troquei uma Kombi por um bar, em Marau. Sempre tive vontade de crescer e fazer coisas diferentes. O bar era pequeno e eu sentia que podia oferecer mais aos clientes. Então reformei tudo e transformei o local em uma lancheria, uma inovação para a época. Isso ampliou bastante o

movimento e abriu novos horizontes. Em 1973 adquiri um cinema que funcionava no mesmo prédio da lancheria e passei a atuar também na exibição de filmes. Depois, em 30 de dezembro de 1975 – eu queria mais coisa – junto com alguns empresários de Marau, fundamos a Metasa Metalúrgica, que foi um passo importante e um desafio totalmente diferente. Somos uma família de 10 irmãos e todos empreenderam de alguma forma. Meu pai trabalhava com erva-mate e serraria. Minha mãe também tinha uma forte liderança e sempre incentivou os filhos. Recebi deles os valores do trabalho, da dedicação e da perseverança.

**JC – Como foi a transição do entretenimento para a metalurgia? A Metasa completou 50 anos em 2025, qual o segredo dessa longevidade?**

**Roso** – Eu queria fazer mais como empreendedor, sempre achei que precisava buscar novos caminhos. Na época percebi que trabalhar com aço poderia ser uma oportunidade interessante. A Metasa nasceu dessa visão e, apesar das dificuldades econômicas e dos diversos planos econômicos que o Brasil enfrentou ao longo dos anos, conseguimos crescer e consolidar a empresa pela nossa capacidade de adaptação. O Brasil passou por muitos momentos difíceis e a empresa precisou se reinventar várias vezes e sempre buscamos inovação, eficiência e planejamento.

**JC – Além da Metasa, o senhor participou de outros grandes**

**projetos. Quais destacaria? E atualmente, em quais áreas o senhor investe?**

**Roso** – Participei da criação da BSBios, que acabou sendo vendida para Petrobras, e também investi em diversos outros negócios. Um dos projetos mais importantes foi o Passo Fundo Shopping. Em 2005 adquiri a área de um frigorífico antigo, em Passo Fundo e, anos depois, desenvolvemos o projeto do shopping, inaugurado em 2018. Hoje ele está consolidado e com excelente ocupação de 97%. Tenho participação em empresas de logística, incorporação, serviços e outros segmentos. Estamos desenvolvendo também um condomínio logístico em Passo Fundo, às margens da BR-285, que será pioneiro no interior do Estado. Com o tempo queremos colocar um porto seco. Esse setor logístico é fundamental, pois a região poderia crescer muito mais se tivesse melhores rodovias, ferrovias e logística. O custo de transporte ainda é elevado e limita a competitividade.

**JC – O seu trabalho teve e tem uma participação muito importante para o crescimento do Norte do Estado. Como avalia o desenvolvimento dessa região, especialmente de Passo Fundo e Marau?**

**Roso** – São cidades que cresceram muito porque têm uma economia diversificada. Onde existe indústria há geração contínua de renda e empregos. Além disso, Passo Fundo se consolidou como polo regional em saúde, terceiro do Sul do País, educação, serviços e tecnologia. Marau também possui uma indústria forte e diversificada e que cresceu bastante nos últimos anos. O agro é importante, mas, na cadeia produtiva, a indústria movimenta mais, pelo movimento mês a mês. No agro são seis meses ou um ano. Mas poderíamos crescer muito mais se tivéssemos ferrovias, novos modais, há um custo muito grande para transportar o que se produz na região. Estrada em péssima conservação. A construção do Porto de Arroio do Sal vai encurtar o custo para a saída dos produtos.

**JC – O senhor também**



‘Sempre gostei de desafios’, afirma o empresário Antônio Roso

**participou da criação do Instituto Aliança, um hub de inovação. Fale um pouco sobre esse projeto.**

**Roso** – Em 2019 unimos um grupo de empresários e criamos o Instituto Aliança, hub de inovação que lembra o Instituto Caldeira. Transformamos um antigo moinho em um espaço moderno que abriga startups, empresas e iniciativas voltadas à tecnologia e ao empreendedorismo. Hoje é um dos cases de inovação da região e conta com 45 associados. Já percebemos que, em breve, vamos precisar ampliar nosso espaço pela alta demanda.

**JC – O senhor sempre tomou decisões baseadas em planejamento ou na intuição? Qual conselho aos novos empreendedores?**

**Roso** – No começo foi muito pela intuição e observação, eu errava algumas vezes, mas acertava mais do que errava. Hoje o mundo exige planejamento, estudos e

gestão profissional. O empreendedor precisa estar muito mais preparado. Acredito que os jovens precisam pensar mais no futuro e se preparar melhor, pois é importante estudar, buscar qualificação e desenvolver uma profissão. O Brasil precisa de mão de obra qualificada. Vejo muita dificuldade das empresas para contratar profissionais preparados, especialmente nas áreas técnicas, tecnológicas e de engenharia.

**JC – O que ainda motiva o senhor a empreender?**

**Roso** – A vontade de construir coisas novas, pois sempre gostei de desafios e continuo acreditando que o desenvolvimento acontece quando as pessoas têm coragem de investir, inovar e pensar no longo prazo. O empreendedorismo continua sendo uma ferramenta poderosa para transformar regiões e criar oportunidades para as próximas gerações.



Hoje o mundo exige planejamento, estudos e gestão profissional. O empreendedor precisa estar muito mais preparado.

## INFRAESTRUTURA

# Obras de duplicação da BR-386 chegam à região

**Até 70% do PIB gaúcho circula pela rodovia que liga o Norte à Região Metropolitana**

**Eduardo Torres**

Considerada uma das principais vias de escoamento da produção rural gaúcha, por onde circulam até 70% do PIB do Rio Grande do Sul, a duplicação da BR-386 avança, neste ano, na região do Alto da Serra do Botucaraí. De acordo com o diretor da Motiva Viasul, Fernando Henrique de Marchi, serão 55 quilômetros duplicados entregues até o final de 2026. Outros 18 quilômetros, no Vale do Taquari, já haviam sido concluídos no começo deste ano.

Agora, a concessionária executa obras nos trechos entre Fontoura Xavier e Soledade, e entre Soledade e Tio Hugo. Assim como aconteceu nos primeiros trechos concluídos, também houve atraso no cronograma dessas obras, que deveriam ter sido entregues entre o começo do ano passado e deste ano.

A expectativa, como aponta o diretor, não se traduz exatamente com o aumento do fluxo na rodovia, mas com o aumento da

confiabilidade para quem depende da via para movimentar a economia do eixo norte gaúcho.

“Onde já entregamos a 386 duplicada, percebemos muita melhora na condição de tráfego. Eram trechos que registravam constantes acidentes e congestionamentos com a pista simples. Agora, há mais segurança, menos paradas e uma valorização natural da economia ao redor da rodovia”, comenta o diretor.

Depois de um desembolso total de mais de R\$ 1 bilhão no Estado no ano passado, neste ano a ViaSil pretende investir em torno de R\$ 600 milhões nas rodovias gaúchas que administra.

No Vale do Taquari, um novo polo logístico foi afirmado. A ideia é que, nos arredores de Soledade, possa acontecer um fenômeno semelhante.

Isso porque, já em julho é prevista a entrega dos 25 quilômetros entre Fontoura Xavier e Soledade. Neste trecho, serão dois novos retornos, duas interseções, duas novas pontes, oito quilômetros de vias alternativas e uma passagem inferior na rodovia. Ao todo, a obra, que chegou a maio com 90% da execução, teve investimentos de R\$ 300 milhões.

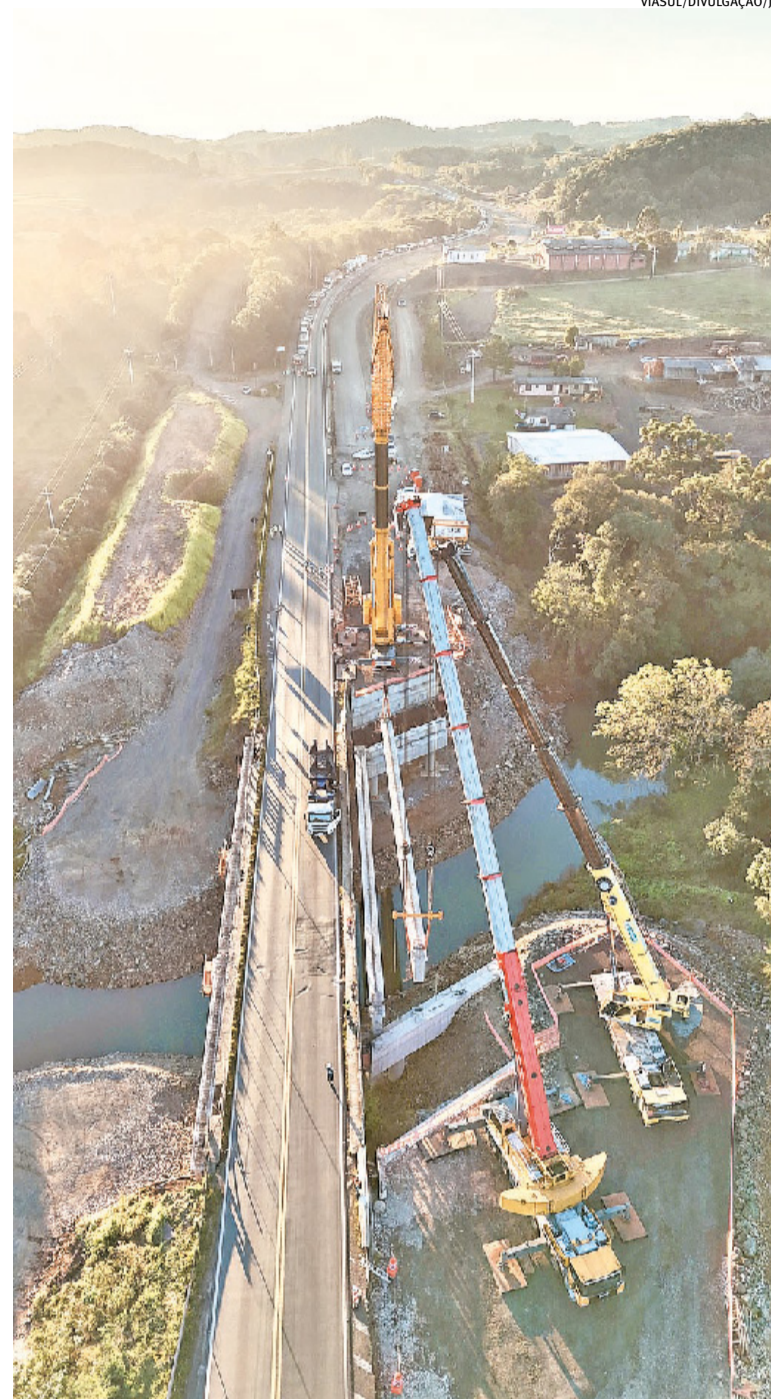
Já o trecho entre Soledade e Tio Hugo, com outros 30 quilômetros,

tem entrega prevista para o final do ano, com três novas pontes, cinco retornos, quatro interseções, 2,5 quilômetros de vias marginais e uma passarela, totalizando R\$ 330 milhões desembolsados.

Já há no cronograma o próximo trecho de duplicação a ser iniciado, que, justamente, ligará o Vale do Taquari ao Alto da Serra do Botucaraí, com obras previstas entre Marques de Souza e Fontoura Xavier. No entanto, essa futura etapa de duplicação só deve ser iniciada em 2030.

“A partir da cheia de 2024, solicitamos uma revisão de prazos, porque, na época, todo o nosso time de projetos e engenharia esteve empenhado em reconstruir trechos afetados e, somente agora retornam ao desenvolvimento de novos projetos, inclusive mais resilientes do que o originalmente pensado. Mas, mesmo sem novas duplicações previstas para iniciarem entre 2027 e 2029, seguiremos fazendo aportes importantes nos trechos concedidos”, explica Fernando Henrique de Marchi.

A concessionária ainda negocia com a ANTT o reequilíbrio econômico do contrato a partir dos valores desembolsados com a recuperação de rodovias atingidas pela cheia.



Obras ocorrem em Fontoura Xavier, Soledade e Tio Hugo

## Em Porto Xavier, licenciamento de ponte está em andamento

Na região das Missões, a nova ponte entre o município de Porto Xavier, no Rio Grande do Sul, e San Javier, na Argentina, tem avanços concretos. Conforme cronograma do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), apresentado no início de maio, em

2027 devem iniciar as obras, com previsão de entrega em quatro anos. Com investimento federal de R\$ 214,7 milhões, o processo de licenciamento foi iniciado nos primeiros meses de 2026.

Ainda de acordo com o Dnit, há o desenvolvimento do projeto

executivo e as desapropriações necessárias dos dois lados da fronteira antes da formação do canteiro de obras.

A nova ponte terá 950 metros de extensão sobre o Rio Uruguai, com pistas para o tráfego de veículos e travessia de pedestres. Atualmente, essa travessia é executada por balsas, sujeitas a paralisações a cada cheia ou problemas climáticos. Assim, a estrutura é considerada estratégica para a integração e o escoamento logístico no Mercosul.

A ordem de serviço para a execução da obra foi assinada em fevereiro de 2023 e projetava a conclusão para 2026. O atraso é atribuído a entraves burocráticos.



Maquete eletrônica mostra nova ligação entre Brasil e Argentina que passará sobre o Rio Uruguai

## Cooperativas avaliam terminal ferroviário

Entre os aspectos que levaram a Soli3 – união entre as cooperativas Cotripal, Cotrijal e Cotrisal – a erguer sua futura fábrica de processamento de grãos em Cruz Alta, no Alto Jacuí, estava a capilaridade limitada do modal ferroviário que, ali, ainda tem um ponto ativo e fortalecido no Rio Grande do Sul. No entanto, como aponta o presidente da Cotripal, Germano Döwich, o momento é de cautela e expectativa em relação à nova configuração que as ferrovias gaúchas terão em um futuro plano de concessão.

“É um tema que estamos tratando com muito cuidado. Cruz Alta é hoje o único polo realmente ativo da malha ferroviária do Estado, e esse aspecto pesou

muito no nosso plano de investimentos. Não creio que, com uma mudança de modelo, esse ponto perca algum potencial ou deixe de receber investimentos, e temos tratado do tema diretamente com o Ministério dos Transportes, mas é momento de esperar”, aponta Döwich.

No ano passado, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) apresentou a proposta de retirada da ferrovia da área urbana de Cruz Alta, com implantação de dois contornos ferroviários, novo pátio de manobras e viadutos.

Entre os planos de investimentos da Soli3 está, inclusive, a criação de um novo terminal ferroviário junto da planta industrial.

INFRAESTRUTURA

# Passo Fundo aposta em infraestrutura logística para seguir crescendo

**Município tem hoje em torno de R\$ 100 milhões em investimentos próprios e privados em obras**

Eduardo Torres

Na cidade com a principal economia da macrorregião, a ordem é investir em melhorias na infraestrutura logística. Entre novos trevos e acessos, Passo Fundo tem hoje em torno de R\$ 100 milhões em investimentos próprios e privados em obras em andamento, a partir do anúncio, no ano passado, do plano Acelera Passo Fundo.

“O nosso plano de infraestrutura tem relação direta com o crescimento da demanda, o que é natural pela transformação do município. Em 12 anos, quadruplicamos o orçamento de Passo Fundo, que se tornou polo exportador, hub logístico de toda a região e um dos maiores polos produtores de biocombustíveis do País”, diz o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Passo Fundo, Adolfo de Freitas.

Em um município que, em 2025, movimentou 302 mil viagens com cargas rodoviárias, totalizando 5,6 milhões de toneladas transportadas entre as vias locais – pelo menos 1 milhão de toneladas em produtos de soja e biocombustível –, a prioridade está na modernização de trevos já existentes.

É o caso do trevo do Distrito Industrial Valinhos, que deve ser entregue no segundo semestre deste ano e tem R\$ 20 milhões em recursos próprios do município investidos e será fundamental para uma das atrações de investimentos desenvolvidas pelo governo local. Nos próximos dias acontecerá o leilão da área de 45 hectares onde funcionava a indústria Manitowoc, com valor mínimo para a compra de R\$ 32 milhões.

“É uma área com vocação específica para a atração de indústria ou de empresa logística de grande porte, e movimenta toda a economia nos arredores”, aponta Freitas.

O trevo fica em frente a essa área. Esta mudança estrutural



Maiores cidade da região tem investido em obras rodoviárias, com prioridade para a modernização de trevos

terá reforço logístico nos próximos anos. O governador Eduardo Leite anunciou investimento estadual de R\$ 150 milhões para o Trevo da Caravela, que incluirá duplicação e uma elevada no trecho urbano da ERS-135, na entrada de Passo Fundo para quem chega de Porto Alegre e com ligação direta justamente ao bairro Valinhos, em frente à Manitowoc. Essa transformação é esperada, pelo Acelera Passo Fundo, até o final de 2028.

O conjunto de futuras obras inclui ainda, com previsão de início ainda este ano, em uma parceria entre o município e o Estado, o Trevo da Roselândia, que teve o projeto custeado por empresários locais. Este ponto é considerado um gargalo no caminho para o

interior. E, ainda em 2026, deve ser finalizado o novo acesso na BR-285, que é a principal entrada para o complexo industrial da Be8 e o Distrito Industrial Rossato.

Com entrega prevista para este ano, o governo local pretende ainda finalizar o acesso e a infraestrutura ao Distrito Industrial Invernadinha, com desembolso de R\$ 13,2 milhões.

“O plano que traçamos é arrojado e prepara a cidade para o futuro, mas, principalmente, garante que o ritmo de crescimento atual seja viável. Por isso incluímos também a transformação de vias urbanas, como a Avenida Presidente Vargas e outros trechos internos da cidade que facilitam o dia a dia”, comenta o secretário.

Para que se tenha uma ideia, no ano passado, foram criadas pouco mais de oito mil empresas em Passo Fundo – mais de 30 por dia –, e só na área industrial, houve um crescimento de 26,3% no número de empreendimentos entre 2024 e 2025. Na construção, esse crescimento foi de 10,7%. Atualmente, são 39,2 mil empresas ativas – 8,1 mil indústrias.

Faz parte do plano local, no entanto, investimentos federais, como a duplicação da BR-285. Havia previsão de início das obras neste ano para a duplicação de 12 quilômetros, pelo Dnit, da rodovia entre o trecho urbano de Passo Fundo e o acesso ao município de Pontão.

## À espera de melhorias, cidades estruturam distritos industriais

Se Passo Fundo, na região da Produção, e Erechim, no Norte, são referências da economia regional, o desenvolvimento promovido nesses municípios irradia para os vizinhos. E a partir de junho, depois de 50 anos de espera, finalmente a licitação para pavimentar os 68,4 quilômetros da BR-153, a Transbrasiliana, entre as duas cidades. No meio deste caminho, por exemplo, está o pequeno município de Ipiranga do Sul, de 1,7 mil habitantes. O município já criou, inclusive, uma lei municipal de incentivo à instalação de indústrias, mas depende diretamente de melhores condições

na rodovia federal.

Não à toa, representantes do município fizeram parte da comitiva que, no ano passado, mobilizou a bancada gaúcha em Brasília para que a obra fosse incluída no orçamento federal de 2026. Este é o único trecho da quinta maior rodovia do País – liga Domingos do Araguaia (PA) até o município gaúcho de Aceguá – ainda não asfaltada.

Em 2025, o Ministério dos Transportes já havia aprovado um investimento de mais de R\$ 500 milhões para a obra, mas faltava previsão orçamentária concreta. Agora, o Dnit prevê lançar o edital para execução da

pavimentação em junho.

Para que se tenha uma ideia, no eixo da própria Transbrasiliana, mas em direção ao norte de Erechim, consolida-se a concentração industrial no município de Três Arroios, de 2,5 mil habitantes. Em 2018, o município começou a estruturar um distrito industrial às margens da rodovia, no caminho para Erechim. Dois anos depois, todos os lotes estavam ocupados, com dez novas empresas instaladas no local.

Agora, está em fase de implantação o Distrito Industrial II, com a perspectiva de mais 16 empresas instalarem-se em

Três Arroios.

Fenômeno semelhante acontece nos arredores de Passo Fundo e Marau. Em Gentil, a prefeitura local adquiriu uma área e novas empresas já estão com obras em andamento para a instalação de um distrito industrial no município de 1,7 mil moradores.

Já em Camargo, de 2,9 mil habitantes, o parque industrial já se consolidou e se expande. Recentemente, o Grupo Fuga, que tem sede em Marau, optou pelo município para o desenvolvimento da sua unidade de processamento de grãos e produção de biodiesel.

## O caminho do desenvolvimento

Em comum, todas as expansões industriais nos arredores das principais economias regionais avançam no eixo de rodovias locais. Uma delas é a ERS-135, que, com as péssimas condições da Transbrasiliana, acaba absorvendo o tráfego pesado entre Erechim e Passo Fundo. A rodovia estadual é um dos principais eixos do Bloco 2 de concessões de rodovias estaduais, cujo leilão previsto para o dia 10 de junho foi cancelado.

Pelo projeto, a ERS-135 terá 40,5 quilômetros duplicados e quase 27 quilômetros de terceira faixa. O bloco, que beneficiará o Norte e o Vale do Taquari, terá também a duplicação da ERS-324, entre Passo Fundo e Nova Prata, na Serra.

## AVIAÇÃO

## Aeroportos regionais entram em novo ciclo de investimentos e concessões

**Desafio é converter aportes que estão sendo feitos nas estruturas em receita e aumento da demanda por voos**

Gabrieli Silva

A infraestrutura aeroportuária da Macrorregião Norte do Rio Grande do Sul combina operação consolidada na aviação geral com um novo ciclo de investimentos voltado à ampliação da conectividade regional. Os aeroportos de

Erechim, Ijuí, Passo Fundo e Santo Ângelo refletem esse cenário, marcado por limitações físicas, dependência da demanda empresarial e, mais recentemente, pela entrada da iniciativa privada na gestão dos espaços.

Em Erechim, o Aeroporto Comandante Gustavo Kraemer mantém relevância mesmo sem voos comerciais regulares. Com operação voltada majoritariamente à aviação executiva, o terminal sustenta a mobilidade do parque industrial do Alto Uruguai, com fluxo diário constante e forte

participação de deslocamentos corporativos. Os investimentos recentes elevaram o padrão operacional, mas a limitação da pista e a inserção urbana restringem a expansão e afastam a possibilidade de receberem voos regulares de maior escala.

O Aeroporto Municipal João Batista Bos Filho, em Ijuí apresenta uma das estruturas mais completas entre os aeroportos regionais do Estado. Com operação 24 horas, o terminal concentra atividades aeromédicas, executivas e de formação de pilotos, além

de desempenhar papel estratégico em situações emergenciais. A ampliação da pista e a modernização do terminal são apontadas como condições essenciais para viabilizar voos comerciais e operações de carga, consideradas fundamentais para ampliar a inserção logística da região.

Passo Fundo e Santo Ângelo, por sua vez, ingressam em um novo estágio com a concessão à iniciativa privada. Em Passo Fundo, o projeto de ampliação da pista e a implantação de um terminal de cargas sinalizam uma mudança

de escala, alinhada ao dinamismo econômico local e à demanda por logística de maior valor agregado. Em Santo Ângelo, os investimentos devem se concentrar na qualificação da infraestrutura e na ampliação da capacidade operacional, com foco na atividade turística e nos deslocamentos de negócios.

O desafio comum, a partir desse novo ciclo, será converter os investimentos em aumento efetivo de demanda, frequência de voos e integração com cadeias produtivas.

## AEROPORTO DE PASSO FUNDO

Lauro Kortz

- **Tipo:** Público concedido
- **Pista:** 1.680 m x 30 m, pavimentada (asfalto); em processo de ampliação (30 m x 45 m de largura)
- **Operação:** VFR / IFR (diurna e noturna)
- **Capacidade:** Em expansão
- **Função:** Hub regional e plataforma logística emergente
- **Status:** Em concessão / ciclo de modernização
- **Gargalos:** Limitações para aeronaves de maior porte
- **Projetos:** Ampliação da pista e implantação de terminal de cargas (TECA)
- **Gestão:** ON8 Concessões (ECB Group), com operação em transição da Infraero

ALDERI BERTUZZI/COMUNICAÇÃO PME/JC



## AEROPORTO DE ERECHIM

Comandante Gustavo Kraemer

- **Tipo:** Público municipal
- **Pista:** 1.280 m x 30 m, pavimentada (asfalto)
- **Operação:** VFR (diurna e noturna)
- **Capacidade:** Aeronaves de pequeno porte
- **Função:** Apoio empresarial e integração regional
- **Status:** Operacional, sem voos comerciais regulares
- **Gargalos:** Pista curta e restrições urbanas no entorno
- **Projetos:** Conclusão de cerca patrimonial e melhorias operacionais
- **Gestão:** Prefeitura de Erechim

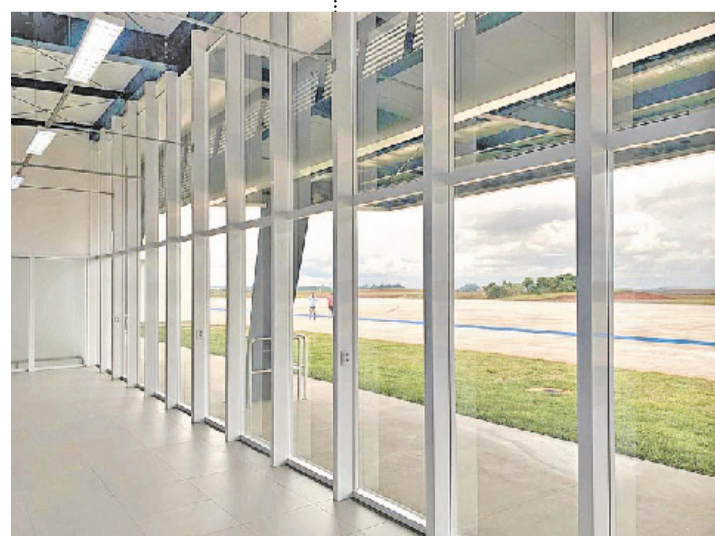
## AEROPORTO DE IJUÍ

João Batista Bos Filho

- **Tipo:** Público municipal
- **Pista:** 1.280 m x 23 m, pavimentada (asfalto)
- **Operação:** VFR (diurna e noturna)
- **Capacidade:** Aeronaves de pequeno a médio porte
- **Função:** Logística regional e suporte à saúde
- **Status:** Operacional
- **Gargalos:** Limitação de pista e estrutura de terminal
- **Projetos:** Ampliação da pista e desenvolvimento de terminal de cargas
- **Gestão:** Prefeitura de Ijuí



PREFEITURA DE IJUÍ/DIVULGAÇÃO/JC



DEPARTAMENTO AEROPORTUÁRIO/DIVULGAÇÃO/JC

## AEROPORTO DE SANTO ÂNGELO

Sepé Tiaraju

- **Tipo:** Público concedido
- **Pista:** 1.625 m x 30 m, pavimentada (asfalto)
- **Operação:** VFR / IFR (diurna e noturna)
- **Capacidade:** Em processo de ampliação
- **Função:** Integração logística e turística das Missões
- **Status:** Em concessão / obras e modernização previstas
- **Gargalos:** Escala operacional e limitações de infraestrutura
- **Projetos:** Ampliação do terminal de passageiros e pátio de aeronaves
- **Gestão:** ON8 Concessões (ECB Group), com operação em transição da Infraero



GOVERNO DO ESTADO/DIVULGAÇÃO/JC

Obs.: Parte das informações técnicas de Passo Fundo e Santo Ângelo não foi detalhada devido ao processo de transição da concessão.

PAINEL

# Mapa Econômico do RS reuniu lideranças para debate em Ijuí

Encontro para discutir desafios e oportunidades ao desenvolvimento econômico da Macrorregião Norte do Estado aconteceu no dia 28 de maio, na Associação Comercial e Industrial (ACI) de Ijuí



Diretor-presidente do JC, Giovanni Jarros Tumelero



Prefeito de Ijuí, Andrei Cossetin



Presidente da ACI Ijuí, Juliano Beck



Diretor-executivo da ACI Panambi, Eduardo Sperb



Prefeito de Condor, Rômulo Teixeira



Diretor-executivo da Fricke Soldas - Balmer, Martinho Kelm



Gerente regional do BRDE, Alexandre Barros



Reitor da Unijuí, Dieter Siedenberg



Vice-presidente da ABTI, Glademir Zanette



Relações internacionais Latam da Hidroenergia, Alceu Van Der Sand



Diretora de Inovação e Desenvolvimento de Marau, Fernanda Pinheiro Brocco, e a coordenadora de Turismo de Marau, Marlova Sampaio



Secretário municipal adjunto de Planejamento de Ijuí, Jonatan Piltz



Diretor do Depart. de Energia de Ijuí, Marco Aurélio Sikacz



Conselheira do CRCRS, Luciane Maria Schütz



Secretário adj. de Administração de Ijuí, Alexandre Acosta



Assessor de Gabinete da prefeitura de Ijuí, Rodrigo Mendes Cora



Prefeito de Jóia,  
Dionei Lewandowski



Presidente do Hospital de Clínicas Ijuí,  
Douglas Prestes Uggeri foi painelista



Diretor-executivo do Costana Frontier  
Resort, Vando Hartmann esteve no painel



Diretor industrial e de produto da Kepler  
Weber, Fabiano Schneider palestrou em Ijuí



Presidente da Cisbra,  
Clóvis Thomas



Gerente na Cacau Show, Andrea  
Queiroz



Secretária executiva da  
Amuplam, Rita Nicoletti



Diretor comercial da Balmer,  
André Fricke



Proprietário da Rede Kuchak de  
Supermercados, Juarez Kuchak



Segundo vice-presidente do Crea-RS, Marcus Vinícius do Prado,  
e o primeiro vice-presidente do Crea-RS, Roque Rutili



Gestor do Aeroporto de Ijuí,  
Carlos Schulz



Gerente operacional do CIEE-RS, Elemar Lenze, e  
o analista de negócios do CIEE-RS, Rodolfo Heinz



Proprietário da Usina Info, Mauro Tschiedel, e o representante  
do deputado estadual Felipe Camozzato, Douglas Winter



Coord. de Cultura da prefeitura de  
Coronel Barros, Ivone Schoenmeier



Alexandre Rodrigues, empresário e especialista em desenvolvimento  
de vendas, e a terapeuta integrativa Jordana Jurgeaitis

TÂNIA MEINERZ/JC



*Lideranças regionais se reuniram na Associação Comercial e Industrial (ACI) de Ijuí para acompanhar o painel que debateu desafios e oportunidades econômicas da Macrorregião Norte do Estado*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Secretário adj. de Desenvolvimento Econômico de Ijuí, Marcos Noll*

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



*Vereador de Ijuí, Luis Francisco Schroer*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Sócio-proprietário da Dipan House, Onorio Santiago*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Proprietário da SegEnergy Energia Solar, Renan Turra*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Diretor do Senac Ijuí, Ricardo Krüger Júnior*

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



*RP do Costana Frontier Resort, Marcos Antonio Lopes*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Secretária de Saúde de Jóiá, Liliana Poletto Dambrós*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Vice-reitor da Unijuí, Daniel Baggio*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Engenheira na Panorama Engenharia, Franciele Fridhein*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Analista de Articulação de Projetos do Sebrae-RS, Milton Pereira*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Equipe incorporadora Cyrela: Alessandra Hirano (corretora), Robson Durão (especialista de produto) e Rose Scherer (corretora)*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Diretor comercial no Grupo Iesa, Ambrósio Pesce Neto*

TÂNIA MEINERZ/JC



*Equipe da Uggeri SA: Tiago Bortolini, José Fernando Bortolini (agente financeiro) e Arnaldo José Bortolini (presidente do Conselho de Adm.)*



# PARTICIPE DO MAPA ECONÔMICO DO RS

Regiões:

Metropolitana

Vale do Sinos

Litoral Norte



ESCANEIE O QR Code E PARTICIPE DO EVENTO

**EDIÇÃO METROPOLITANA**

**QUINTA-FEIRA: 18/06**

**HORÁRIO: 17h**



**TEATRO CIEE-RS BANRISUL**  
Rua Dom Pedro II, 861  
Bairro Higienópolis  
Porto Alegre



**PAINELISTAS CONFIRMADOS**

**Antonio Lacerda**  
Diretor-geral de Celulose da CMPC no Brasil

**Flávia Fiorin**  
Diretora do TECNOPUC

**Jader Pires**  
Diretor-geral da Santa Casa

Realização

**Jornal do Comércio**  
O jornal de economia e negócios do RS

Media partner



**PATROCÍNIO**

